



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

ISABELLA SAMPAIO SILVA

(SOBRE)VIVE O CARNAVAL:
UM PROJETO DE COLEÇÃO DE VESTUÁRIO DESENVOLVIDO A PARTIR DOS
ASPECTOS VISUAIS E HISTÓRICOS DA BICHARADA DO MESTRE JAIME, DE
SALGUEIRO-PE

JUAZEIRO DO NORTE

2026

ISABELLA SAMPAIO SILVA

**(SOBRE)VIVE O CARNAVAL:
UM PROJETO DE COLEÇÃO DE VESTUÁRIO DESENVOLVIDO A PARTIR DOS
ASPECTOS VISUAIS E HISTÓRICOS DA BICHARADA DO MESTRE JAIME, DE
SALGUEIRO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Design, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Neuza Botelho Videla.

Coorientador: Prof. Me. Davi Moreira Lopes.

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S586s Silva, Isabella Sampaio.
(Sobre)vive o carnaval: um projeto de coleção de vestuário desenvolvido a partir dos aspectos visuais e históricos da Bicharada do Mestre Jaime, de Salgueiro-PE/ Isabella Sampaio Silva. – 2026.
158 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Design) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, Curso de Design, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Neuza Botelho Videla.
Coorientador: Prof. Me. Davi Moreira Lopes.

1. Design de moda. 2. Coleção de vestuário. 3. Carnaval de Pernambuco. 4. Mestre Jaime. 5. Cultura popular - Salgueiro (PE). I. Videla, Ana Neuza Botelho (Orient.). II. Lopes, Davi Moreira (Coorient.). III. Universidade Federal do Cariri. IV. Título.

CDD 746.92

ISABELLA SAMPAIO SILVA

**(SOBRE)VIVE O CARNAVAL: UM PROJETO DE COLEÇÃO DE VESTUÁRIO
DESENVOLVIDO A PARTIR DOS ASPECTOS VISUAIS E HISTÓRICOS DA
BICHARADA DO MESTRE JAIME, DE SALGUEIRO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Bacharelado em Design da
Universidade Federal do Cariri, como
requisito à obtenção do título de Bacharel(a)
em Design.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em: 31/03/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANA NEUZA BOTELHO VIDELA**
Data: 04/04/2026 19:46:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Ana Neuza Botelho Videla (Orientadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 **DAVI MOREIRA LOPES**
Data: 08/04/2026 10:21:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Davi Moreira Lopes (Co-orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA LOSS JUSTO**
Data: 08/04/2026 17:58:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Juliana Loss Justo (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA BARBOSA CAMARGO**
Data: 09/04/2026 21:57:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Barbosa Camargo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

À Mestre Jaime, cujas fantasias levaram
alegria e festa por onde passou. E aos meus
pais, que acreditaram em mim para que eu
pudesse, mais uma vez, vestir as fantasias dos
meus tempos de criança. Que loucura!

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quase quatro anos de graduação, sempre que eu ligava para o meu avô, iniciava a conversa dizendo “Como o senhor está?”. Com a voz animada e com o jeitinho de falar que só ele tem, prontamente me respondia “Vivendo e achando bom... e agora que estou falando com você, melhor ainda!”. Uma frase que para alguns possa ser tão simples passou a ter um significado enorme na minha vida, afinal quão bonito é viver, mas saber que são as pessoas que vivem conosco que tornam tudo melhor?

Viver a experiência da graduação no Cariri foi, por si só, uma bela aventura, mas foi com cada pessoa que fez parte dela que tenho a certeza de que foi melhor ainda, e é a elas que eu gostaria de agradecer:

Primeiramente, agradecer ao Mestre Jaime, por quem, desde minha infância, fui fascinada. Seu sorriso da alegria revestido de ouro e seus ternos estampados acompanhados de um cravo sempre me cativaram a tal ponto que, neste último trabalho, tive a oportunidade de conhecê-lo em suas mais variadas facetas.

Ao Cariri, essa terra de gigantes, e a Universidade Federal do Cariri (UFCA), por terem me recebido tão bem e onde vivi as melhores experiências da minha vida. Hoje, finalizo esta etapa sabendo que aqui pude amadurecer como pessoa e profissional.

À banca avaliadora, professora Juliana Loss e Andréa Barbosa, por aceitarem fazer parte desse momento e, em especial, aos meus orientadores, Ana e Davi, pelos conselhos e saberes compartilhados não apenas durante este trabalho, mas em tantos outros ao longo do curso.

À Jaiminho, por ter me dado o prazer de conhecer o alfaiate, o pai e o Mestre através das memórias de um filho. À Cleuza, por compartilhar um pouco de suas aventuras de vida e dos antigos Carnavais. À Emanuel, por desde o início ter sido um norte em meio a essa pesquisa, e, claro, por todas as imagens cedidas que ilustram este trabalho.

A todos os profissionais que contribuíram para que a execução das peças fosse possível: Ateliê Artenze, Ariane Moraes, Fernanda Melo, Sandro Nadiel, Giovanna Rodrigues, Roberta Duarte e Carlos Daniel. Sem a criatividade, estudo e empenho de vocês eu não teria conseguido entregar um resultado tão incrível.

Aos meus amigos de longa data, em especial, à minha melhor amiga Vitória. Foi através de nossas aventuras em meio aos Carnavais que tive a certeza de que tantas outras pessoas precisavam ver o que você me fez ver: a vida sob a ótica carnavalesca é muito melhor!

Aos amigos que fiz aqui no Cariri. Giovanna, Adriana, Camilly, Luis Eduardo, Pedru, Mariana Macedo, Mariana Neri e tantos outros, sentar ao lado de vocês nas aulas é, com certeza, a recordação mais bonita que eu vou carregar da universidade.

Aos meus tios e padrinhos, Willa e Tom, por serem, desde sempre, sinônimo de acolhimento, amor e carinho. Uma escolha que foi feita há tantos anos e que a cada ano que passa é reafirmada.

Aos meus primos, em especial, Larissa e ao meu irmão, Gabriel, pelas piadas fora de hora que, às vezes, me stressam, mas muitas vezes arrancam um sorriso nos piores dias.

Aos meus avós maternos, Neurice e Sampaio, por sempre ligarem para mim para saber como eu estou. E aos meus avós paternos, Waldemar e Cleuzemi (*in memorian*), sinto falta de vocês todos os dias.

À tia Quinha (*in memorian*), por, silenciosamente e do seu jeito, ter acreditado em mim antes que eu mesma pensasse em fazer isso. Que de onde a senhora esteja, a festa se assemelha à alegria que a senhora tinha.

E por fim, mas não menos importante, às pessoas a quem eu dedico este trabalho. Aos meus pais, Josiane e Júnior, por desde a infância me darem os melhores brinquedos que eu poderia ter: as minhas fantasias. Por acreditarem em mim e nunca me deixarem parar de sonhar, pois é de um sonho que toda história começa e foi de um sonho de infância que essa aqui começou. Obrigada por acreditarem em mim para que eu pudesse viver tudo isso.

Nesses quase quatro anos cheguei à conclusão de que, como na vida, moda não se faz sozinho, ela se faz nos encontros. Este trabalho, apesar de estampar o meu nome na capa, em suas entrelinhas carrega muitas mãos, mentes criativas, sonhos, narrativas e atravessamentos; cada parte aqui carrega um pouquinho de cada um de vocês e das experiências que compartilhamos. Tudo aqui, de fato, começou de um sonho meu, mas só foi possível porque vocês acreditaram também.

“A arte é um bicho irrequieto, capaz de hospedar estranhezas e dialogar com a complexidade da existência. E se diverte nos fustigando com outras percepções/ visões de nossa histórica realidade...” (Preciosa, 2005, p. 74).

RESUMO

Este trabalho, situado no campo do design de moda, apresentou estudos históricos sobre as manifestações populares do Carnaval de Pernambuco, centrou-se especificamente nos festejos de rua da cidade de Salgueiro-PE, a partir das contribuições e irreverência do Mestre Jaime por meio dos blocos Calça Frouxa, Bicharada do Mestre Jaime e seus bonecos. Este estudo objetivou compreender a atuação do carnavalesco, bem como os afetos imbricados na produção artística ao longo de toda sua vida e todo seu legado cultural. Este trabalho foi estruturado em duas partes: uma teórica e outra projetual e contemplou a criação de 12 looks. Na primeira parte, caracterizou-se como do tipo qualitativa e usou-se a cartografia como percurso metodológico. Fundamentou-se pelas teorias de Bakhtin e DaMatta e, além das fontes bibliográficas, utilizou-se das entrevistas semiestruturadas como ferramentas metodológicas para melhor compreensão da atuação do Mestre Jaime. A segunda parte constituiu-se de um desenvolvimento de um projeto de coleção de caráter não comercial e foi realizada com base na adaptação do Guia de Orientação para o Desenvolvimento de Projeto (GODP), somado aos conceitos propostos por Doris Treptow. Como resultado, percebeu-se a importância de Mestre Jaime no tocante à resistência de promover e manter essa expressão cultural, um modo de vida pautado na alegria e ousadia, e de como a roupa traduz de forma afetiva, têxtil, social e histórica o Carnaval enquanto vida festiva do povo.

Palavras-chave: coleção de vestuário; carnaval de Pernambuco; Bicharada do Mestre Jaime; Mestre Jaime.

ABSTRACT

This work, situated in the field of fashion design, presented historical studies on the popular manifestations of the Carnival in Pernambuco, focusing specifically on the street festivities of the city of Salgueiro-PE, based on the contributions and irreverence of Mestre Jaime through the Calça Frouxa and Bicharada do Mestre Jaime carnival groups and their puppets. This study aimed to understand the carnival artist's work, as well as the affections intertwined in his artistic production throughout his life and his entire cultural legacy. This work was structured in two parts: a theoretical part and a design part, and included the creation of 12 looks. The first part was qualitative and used cartography as a methodological approach. It was based on the theories of Bakhtin and DaMatta and, in addition to bibliographic sources, used semi-structured interviews as methodological tools for a better understanding of Mestre Jaime's work. The second part consisted of developing a non-commercial collection project, based on an adaptation of the Project Development Guidance Guide (GODP), combined with concepts proposed by Doris Treptow. As a result, the importance of Mestre Jaime in promoting and maintaining this cultural expression—a way of life based on joy and boldness—was highlighted, as was how clothing, in an affective, textile, social, and historical way, translates Carnival as the festive life of the people.

Keywords: clothing collection; carnival of Pernambuco; Master Jaime's Animals; Master Jaime.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de manifestações culturais.....	25
Figura 2 - Antigos Blocos de rua.....	26
Figura 3 - Antigos blocos motorizados.....	27
Figuras 4 e 5 - Tradicionais Bailes de Carnaval na ACS.....	28
Figura 6 - Antigo Talismã Trio Transação.....	29
Figuras 7 e 8 - Irmãos Conserva, Jaime e Aldir, respectivamente.....	30
Figura 9 - Réplica de Mestre Jaime feita por Sílvio Botelho.....	32
Figura 10 - Bonecos da Bicharada do Mestre Jaime.....	33
Figura 11 - Lata comemorativa da Pitú em homenagem ao Mestre Jaime.....	34
Figura 12 - Mestre Jaime em homenagem no Galo da Madrugada.....	35
Figuras 13 e 14 - Estátua de bronze em homenagem ao Mestre Jaime.....	35
Figura 15 - Antiga cobra feita pelo Mestre.....	37
Figura 16 - Mestre Jaime com cobra da Bicharada.....	38
Figura 17 - Bonecos da Bicharada.....	39
Figura 18 - Bonecos da Bicharada.....	40
Figura 19 - Mestre Jaime em festa de Carnaval.....	42
Figuras 20 e 21 - Mestre Jaime tocando seu saxofone.....	43
Figura 22 - Mestre em seu ateliê.....	44
Figura 23 - Mestre trajado em terno branco.....	45
Figura 24 - Mestre em terno risca de giz.....	46
Figura 25 - Mestre em terno grená.....	46
Figura 26 - Mestre com anéis e chapa de ouro.....	48
Figura 27 - Mestre Jaime em antigo carro alegórico de pavão.....	49
Figura 28 - Mestre Jaime em carro alegórico de pavão.....	49
Figura 29 - Painel temático.....	54
Figura 30 - Painel de técnicas e texturas.....	54
Figura 31 - Paleta de cores.....	55
Figura 32 - Painel de tecidos e aviamentos.....	56
Figura 33 - Painel de linhas e cores.....	56
Figura 34 - Painel “Bonequeiros na rua”.....	57
Figura 35 - Painel “A beleza dos Carnavais”.....	58
Figura 36 - Painel “Olha a serpentina!”.....	58
Figura 37 - Painel “O homem da Bicharada”.....	59
Figura 38 - Esboços.....	60
Figura 39 - Bonequeiros na rua: Look 1.....	61
Figura 40 - Bonequeiros na rua: Look 2.....	62
Figura 41 - Bonequeiros na rua: Look 3.....	63
Figura 42 - A beleza dos Carnavais: Look 4.....	64
Figura 43 - A beleza dos Carnavais: Look 5.....	65

Figura 44 - A beleza dos Carnavais: Look 6.....	66
Figura 45 - Olha a serpentina: Look 7.....	67
Figura 46 - Olha a serpentina: Look 8.....	68
Figura 47 - Olha a serpentina: Look 9.....	69
Figura 48 - O Homem da Bicharada: Look 10.....	70
Figura 49 - O Homem da Bicharada: Look 11.....	71
Figura 50 - O Homem da Bicharada: Look 12.....	72
Figura 51 - Look 5 sem peça de sobreposição.....	73
Figura 52 - Look 9 sem peça de sobreposição.....	74
Figura 53 - Look 12 sem peça de sobreposição.....	75
Figura 54 - Painel de processos look 5.....	76
Figura 55 - Painel de processos look 9.....	77
Figura 56 - Painel de processos look 12.....	78
Figura 57 - Ficha técnica 1 bolero pavão.....	79
Figura 58 - Ficha técnica 2 bolero pavão.....	80
Figura 59 - Ficha técnica 1 vestido balonê.....	81
Figura 60 - Ficha técnica 2 vestido balonê.....	82
Figura 61 - Ficha técnica 1 calça Aladim vermelha.....	83
Figura 62 - Ficha técnica 1 sobreposição cobra.....	84
Figura 63 - Ficha técnica 2 sobreposição cobra.....	85
Figura 64 - Ficha técnica 1 cropped alfaiataria.....	86
Figura 65 - Ficha técnica 2 cropped alfaiataria.....	87
Figura 66 - Ficha técnica 1 calça Aladim azul.....	88
Figura 67 - Ficha técnica 2 calça Aladim azul.....	89
Figura 68 - Ficha técnica 1 blazer flores.....	90
Figura 69 - Ficha técnica 2 blazer flores.....	91
Figura 70 - Ficha técnica 1 camisa alfaiataria.....	92
Figura 71 - Ficha técnica 2 camisa alfaiataria.....	93
Figura 72 - Ficha técnica 1 saia crochê.....	94
Figura 73 - Ficha técnica 2 saia crochê.....	95
Figura 74 - Ficha técnica 1 calça alfaiataria.....	95
Figura 75 - Ficha técnica 2 calça alfaiataria.....	97
Figura 76 - Painel resultado final look 5.....	98
Figura 77 - Painel resultado final look 9.....	98
Figura 78 - Painel resultado final look 12.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estrutura de planejamento e desenvolvimento da coleção.....	21
Tabela 2 - Cronograma de entregas.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1. 1. OBJETIVO GERAL.....	15
1. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
1. 3. JUSTIFICATIVA.....	16
1. 4. METODOLOGIA.....	17
1. 4. 1 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	17
1. 4. 2 METODOLOGIA PROJETUAL.....	19
2. PARTE 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2. 1. BREVE HISTÓRIA DO CARNAVAL DE PERNAMBUCO.....	21
2. 2. O CARNAVAL DO INTERIOR: SALGUEIRO.....	25
2. 3. A BICHARADA DO MESTRE JAIME.....	29
2. 3. 1 A VISUALIDADE E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA CONFECÇÃO DOS “BICHOS”.....	36
2. 4. JAIME ALVES CONSERVA: DO ALFAIATE AO MESTRE CARNAVALESCO..	40
3. PARTE 2 - O PROJETO.....	51
3. 1 AS PRIMEIRAS COSTURAS: INSPIRAÇÃO.....	51
3. 2. COSTURANDO FANTASIAS: IDEACÃO.....	53
3. 2. 1 AS CORES DO CARNAVAL.....	54
3. 2. 2 TECIDOS E AVIAMENTOS.....	55
3. 2. 3 ESBOÇOS E CROQUIS.....	57
3. 3. MODELOS FINAIS: IMPLEMENTAÇÃO.....	73
3. 3. 1 PROCESSOS.....	75
3. 3. 2 FICHAS TÉCNICAS.....	79
3. 4. LOOKS FINAIS.....	98
4. VIVE O MESTRE JAIME: CONSIDERAÇÕES.....	99
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A - ROTEIRO APLICADO À JAIME ALVES CONSERVA FILHO.....	103
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO JAIME ALVES CONSERVA FILHO.....	105
APÊNDICE C - ENTREVISTA JAIME ALVES CONSERVA.....	106
APÊNDICE D - ROTEIRO CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO.....	140
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO.....	141
APÊNDICE F - ENTREVISTA CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO.....	142

1. INTRODUÇÃO

Desde menina, sempre me vi encantada quando chegavam os primeiros meses do ano e as ruas da minha cidade se enchiam de foliões fantasiados, muito brilho, espumas, serpentinas, confetes e decorações multicoloridas. Era o sinal de que o Carnaval havia, enfim, chegado, e o ano poderia de fato começar. Nós pernambucanos, no entanto, respiramos o ano inteiro os festejos carnavalescos e no interior, em Salgueiro, quem passasse pela Av. Agamenon Magalhães, certamente veria um senhor trabalhando em grandes bonecos vestidos em cetim e chita. Ali, o Carnaval era cultivado e vivido todos os dias pelo carnavalesco Jaime Alves Conserva, o Mestre Jaime.

De motorista à artesão, Mestre Jaime foi plural. Em 1946, após retornar do exército, fundou o Bloco da Bicharada acompanhado do Bloco Calça Frouxa. Ao longo dos anos, utilizou do seu ofício de alfaiate para fazer fantasias para as pessoas brincarem e, em seus 98 anos de vida, ao utilizar uma chapa de dentes de ouro e costurar ternos coloridos e com estampas para si, foi exemplo de irreverência. Mas, acima de tudo, Mestre Jaime foi e continua sendo sinônimo do Carnaval.

Totalmente avesso às festas do trio, o carnavalesco prezou pelo tradicional Carnaval de rua da cidade. Nos dias atuais, em meio à modernidade, às tecnologias e aos festejos carnavalescos repletos de artistas grandes e de outros lugares, aos poucos, as manifestações culturais tradicionais em Salgueiro foram perdendo espaço. Diante disso e compreendendo que a moda como uma linguagem com vetor de renovação, tem-se a questão: como eternizar, por meio do vestuário, a história e o legado da Bicharada do Mestre Jaime para as futuras gerações?

Na busca por colaborar com a preservação dessa memória viva, meu projeto propõe o desenvolvimento de uma coleção de vestuário de caráter autoral, cujo tema aborda os aspectos visuais e históricos do Bloco da Bicharada e do próprio Mestre Jaime, enquanto fundador e parte essencial para seu funcionamento. O trabalho divide-se, para além desta parte introdutória, na fundamentação teórica construída através da oralidade e da bibliografia; na estruturação do projeto; e na materialização dos protótipos.

1.1. OBJETIVO GERAL

- Compreender a atuação do Mestre Jaime e sua relação afetiva com a Bicharada, enquanto manifestação da cultura popular de Salgueiro-PE, a fim de valorizar e dar

visibilidade à sua herança cultural, através do desenvolvimento de uma coleção de vestuário que dialogue com seus aspectos visuais, simbólicos e históricos.

1. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer um levantamento histórico da trajetória da Bicharada do Mestre Jaime;
- Investigar as técnicas e os símbolos visuais utilizados na confecção dos bonecos do bloco;
- Traduzir, em elementos visuais e têxteis, as referências coletadas;
- Contribuir para a valorização e preservação da memória cultural da Bicharada do Mestre Jaime, reforçando sua importância no patrimônio imaterial de Salgueiro - PE;

1. 3. JUSTIFICATIVA

Enquanto graduanda de Design na Universidade Federal do Cariri (UFCA), pude ver o quanto o caririense valoriza e fala do seu local de origem e, ao longo desses quase quatro anos, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre essa região tão rica. No entanto, à medida que eu explorava mais as camadas que compõem a cultura do Cariri, mais a angústia por não ter conhecimento acerca das minhas próprias origens se assentava em meu coração. Diante disso, uma certeza foi aos poucos se instalando dentro de mim: meu último trabalho seria uma forma de resgatar algum aspecto da memória cultural da minha cidade, Salgueiro - PE.

Minha pesquisa foi motivada a partir de uma experiência pessoal da qual tenho profundo carinho desde a infância: o Carnaval. Para mim, os primeiros meses do ano sempre são os melhores, pois é o momento de festejar ao som do frevo, de se fantasiar conforme a minha imaginação e de ser quem meu coração mandar. Em uma festa repleta de diversidade, cores, sons e possibilidades, Pernambuco é um dos maiores representantes do Carnaval no Brasil, e em Salgueiro a festa fica por conta da Bicharada do Mestre Jaime.

Ao passo que os Carnavais das cidades de Recife e Olinda são estudados, citados e lembrados em diversos meios de comunicação, as primeiras pesquisas acerca do tema demonstraram o quanto ele carece de registros escritos que contemplem não apenas sua origem, mas também sua trajetória como um todo, das técnicas e dos saberes envolvidos na criação e materialização dos bonecos, assim como de seu próprio fundador e idealizador, Jaime Alves Conserva, o Mestre Jaime. Portanto, no âmbito acadêmico, essa pesquisa se

justifica por evidenciar uma lacuna da temática exposta na perspectiva regionalizada, uma vez que os estudos se concentram nos grandes centros urbanos.

Na perspectiva social, minha intenção é dar visibilidade aos aspectos culturais e regionais da cidade de Salgueiro a partir do resgate das memórias construídas ao longo desses anos e ao mesmo tempo integrá-las às novas gerações. Em vista disso, entende-se a moda como esse vetor de renovação, em razão da sua capacidade de atuar na comunicação e valorização dessa memória cultural local.

1. 4. METODOLOGIA

A partir dos estudos a respeito das Ciências Sociais, Minayo (2011, p. 14) define a metodologia como o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Desta forma, compreendendo que a metodologia fundamenta-se não apenas no método e nas técnicas, mas também na sensibilidade do pesquisador, optei por organizar o presente trabalho em dois momentos: da pesquisa e do projeto. Assim, diante de suas particularidades, as etapas regeram metodologias próprias às suas necessidades, cujos resultados complementam-se para a integridade da narrativa presente no produto final.

1. 4. 1 METODOLOGIA DE PESQUISA

A etapa da pesquisa teórica abarca o Carnaval como festa coletiva e popular repleta de narrativas, movimentos e atravessamentos. A realização do meu trabalho caracteriza-se pela abordagem qualitativa, tendo em vista que trata-se de um nível da realidade social e que parte do campo das relações e das subjetividades, como lembra Minayo (2011, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...]. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Fundamentado nisso, pareceu-me mais adequado adotar uma metodologia que pudesse acompanhar o que se passa entre essas relações e seus movimentos, adotando uma política de transversalidade na produção dos dados da pesquisa. Partindo do princípio que, neste caso, trabalho com um cenário do qual eu, enquanto pesquisadora e ser humano, atuo como agente capaz de promover intervenção e construção coletiva do conhecimento, assumo o uso da primeira pessoa do singular, “**eu**”, para conduzir os relatos e o processo projetual.

Firmo meu caminho durante a etapa teórica a partir das pistas que orientam a diretriz cartográfica proposta inicialmente por Gilles Deleuze e Félix Guattari, apoiada no conceito de um rizoma¹. A cartografia parte do princípio da reversão do sentido tradicional da pesquisa e assume a posição de um método a ser praticado, cujas metas se fazem ao longo do próprio percurso, “sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 17). Desenvolver o método cartográfico envolve compreender que ele se faz através do acompanhamento de objetos processuais, cujo traçado do plano da experiência não busca definir um sentido linear.

Na busca por, inicialmente, estabelecer o estado da arte, logo percebi a carência de informações sobre o Carnaval em uma perspectiva local, sobretudo na figura do carnavalesco Mestre Jaime. O cruzamento de palavras-chave, como “Carnaval”, “Carnaval de Pernambuco” e “Bicharada do Mestre Jaime”, no repositório da UFPE, contribuíram para que eu pudesse compreender as origens das festividades em Pernambuco. Enquanto isso, a busca em sites do governo do estado foram essenciais para traçar um panorama atual dos festejos carnavalescos, partindo dos grandes centros, Recife e Olinda, e chegando até o interior, Salgueiro.

As referências encontradas, embora relevantes para a pesquisa, não abordavam a temática central. Nesse momento, compreendi que a cartografia seria a melhor forma de orientar minha trajetória, dado que, pela falta de tais registros escritos, o processo demonstrou que eu teria que recorrer a outras fontes para contribuir com o registro da história do Carnaval da cidade de Salgueiro e do Bloco da Bicharada, como foi o caso do acervo fotográfico e jornalístico que ilustra o meu trabalho e foi cedido pelo jornalista Emanuel de Andrade.

Ir à campo em busca das pessoas que integram e/ou integraram o campo de intervenção revelou-se a via mais adequada para registrar, a partir da oralidade, a memória de cada um a respeito do eixo temático. Portanto, é válido ressaltar que o processo aqui narrado, e confrontado com a bibliografia, parte das vivências e perspectivas de mundo dos entrevistados.

¹ O caule do tipo rizoma é subterrâneo ou aéreo, geralmente com formato cilíndrico. Apesar de ser parecido com uma raiz, o rizoma apresenta gemas, por isso é classificado como caule. Este tipo de caule cresce paralelo ao solo, formando raízes adventícias a partir de nós. Raízes adventícias são aquelas que se originam de outras estruturas da planta que não da própria raiz.

Minayo (2011, p. 61) indica que a pesquisa de campo “permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta”, e, nessa perspectiva, utilizo a ferramenta da entrevista semiestruturada apoiada na pista que diz respeito à atenção do cartógrafo. Ela é caracterizada, ao mesmo tempo, como flutuante, concentrada e aberta, na medida em que se faz presente explorando cuidadosamente aquilo que toca o pesquisador, mas sem, naquele momento, gerar, necessariamente, alguma compreensão ou ação imediata (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

As entrevistas tiveram como ponto de partida a elaboração de um roteiro base com 12 perguntas subdivididas em 5 tópicos: (1) o Carnaval do interior; (2) Jaime Alves Conserva: do alfaiate ao mestre carnavalesco; (3) a Bicharada do Mestre Jaime; (4) bonecos; e (5) legado. Postas às questões iniciais e levando em consideração que a todo momento exercitei a atenção recomendada ao cartógrafo, no decorrer das entrevistas, outros questionamentos foram se estruturando de acordo com as falas dos entrevistados.

Em razão do laço familiar e de, atualmente, ser responsável pela execução dos bonecos e atividades da Bicharada, iniciei esta etapa com Jaime Alves Conserva Filho, o filho do Mestre Jaime. A partir do seu relato e por recomendação do mesmo, posteriormente, conduzi uma entrevista com a ex prefeita da cidade, Cleuza Pereira do Nascimento, comumente chamada de Creuza, com o intuito de abordar o Carnaval da cidade e a atuação do poder público no funcionamento do bloco na década de 90 e nos anos 2000.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, com gravação de vídeo e som, mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).² Tendo em vista que a memória mais antiga dos entrevistados seja da década de 40, portanto, apresento uma breve introdução do Carnaval de Salgueiro a partir dessa época. Além disso, a ausência de imagens que ilustram algumas falas, sobretudo às que se referem aos primeiros anos do Bloco, se deve pelo fato de não haver esses registros, uma vez que a posse de câmeras não era algo amplamente difundido. É diante disso, que conduzo a história da Bicharada, do fazer dos bonecos e da forma de ver o mundo do Mestre Jaime.

1. 4. 2 METODOLOGIA PROJETUAL

Para a etapa projetual, escolhi trabalhar com uma metodologia que possibilitasse flexibilidade e adaptabilidade durante o processo de pensar e executar a coleção, tendo em vista que, segundo Facca (2008), ao se pensar em método, devemos pensar em formas de agir

² Documentos assinados disponíveis no apêndice.

do designer, e não em uma receita pronta. Portanto, meu trabalho tem como base a metodologia proposta por Giselle Merino (2020), o Guia de orientação para o desenvolvimento de projeto (GODP), mas com adaptações e conceitos propostos por Doris Treptow (2013).

Caracterizado por ser “uma abordagem de projeto centrado no usuário, ou seja, considerando as suas capacidades sensoriais, cognitivas e motoras” (Merino; Varnier; Makara, 2020, p. 13), o GODP é uma metodologia cíclica que contempla três grandes momentos subdivididos em oito etapas: Inspiração (-1 – Oportunidade; 0 – Prospecção; 1 – Levantamento de dados); Ideação (2 – Organização e Análise; 3 – Criação) e Implementação (4 – Execução; 5 – Viabilização; 6 – Verificação final). O momento da Inspiração é aquele em que deve haver a coleta de dados em todas as fontes possíveis; a Ideação trata-se de transformar as referências em ideias; enquanto que a Implementação corresponde a materialização dessas ideias (Merino; Varnier; Makara, 2020).

Mas, apesar do GODP ser uma metodologia voltada para o desenvolvimento de uma coleção, o produto final deste projeto não é de caráter comercial, portanto não se fez necessária a utilização de etapas referentes à produção mercadológica. Aqui, a cidade de Salgueiro assume o lugar de público alvo, uma vez que minha pretensão é devolver esse conhecimento para sua memória através da linguagem do vestuário. Para este trabalho, utilizei as oito etapas como referência estrutural, e a partir dela, selecionei as subetapas utilizadas no processo de planejamento e desenvolvimento de uma coleção. A estrutura seguida foi a seguinte:

Tabela 1 - Estrutura de planejamento e desenvolvimento da coleção.

Inspiração	-1. OPORTUNIDADE	Identificar a problemática que norteará o tema central da coleção;
	0. PROSPECÇÃO	- Estudos preliminares acerca da problemática; - Definir o tema da coleção; - Determinar o público-alvo; - Estabelecer o caráter da produção;
	1. LEVANTAMENTO DE DADOS	- Levantamento bibliográfico; - Estudo e escolha de técnicas manuais; - Verificar a capacidade produtiva interna e externa; - Definir um cronograma de desenvolvimento;
Ideação	2. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE	- Definir cartela de cores; - Escolha de materiais, tecidos e aviamentos; - Elaboração de painéis de inspiração;
	3. CRIAÇÃO	- Definir subtemas (tema para cada família); - Geração de esboços e alternativas; - Refinamento; - Escolha dos croquis finais (12 looks);
Implementação	4. EXECUÇÃO	- Definir protótipos (3 looks); - Criar as fichas técnicas; - Produção das peças piloto;
	5. VIABILIZAÇÃO	- Provas nos modelos (Execução de ajustes necessários); - Painel de inspiração das fotos; - Painel de caracterização; - Realizar as fichas técnicas finais;
	6. VERIFICAÇÃO FINAL	Fotografar as peças finais;

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

2. PARTE 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1. BREVE HISTÓRIA DO CARNAVAL DE PERNAMBUCO

Para uns, o Carnaval é apenas mais um feriado entre tantos do calendário brasileiro; para outros, é, com certeza, o momento mais aguardado do ano todo. No entanto, indubitavelmente, para todos, um significativo momento no cotidiano dos brasileiros. Não obstante, no Brasil, seu próprio povo faz questão de dizer aos quatro cantos que “o ano só começa depois do Carnaval”. Mas de onde ele vem? E para onde vai?

Apesar de ser conhecido como uma das mais importantes festas culturais do país, as origens do Carnaval são totalmente europeias. Não há exatamente um consenso de quando ocorreram as primeiras festividades, visto que para alguns pode ter ocorrido por volta de 4.000 a.C., entre os cinco dias do ano em que os egípcios restabeleciam a paz e a harmonia em suas relações com os deuses (Moroni, 2011).

Mas é nos festejos romanos e gregos que, comumente, associa-se a origem do Carnaval como é conhecido nos dias de hoje, conforme aponta Silva (2019, p. 41):

Alguns chegam a remontar aos festejos romanos das saturnais, lupercais e bacanais, bem como ao culto da deusa Ísis, ou aos gregos, no culto ao deus Dioniso, caracterizados pela alegria desabrida, pela supressão da repressão e da censura, pela liberalidade das atitudes críticas e eróticas.

Posteriormente, na Era Medieval, ao serem recuperadas pelo cristianismo, as comemorações passam a ser caracterizadas como “o período das festas profanas, iniciado na festa dos Reis Magos (Epifania) e que se estendia até a Quarta-Feira de Cinzas” (Silva, 2019, p. 41). Aos poucos, o Carnaval passa a ser incorporado tanto pela Europa, quanto pelos demais continentes e, em diversas versões, tempos e lugares, cria raízes e vira sinônimo de alegria, representando a “exaltação da vida e da superação das lutas; o sonho da inversão da ordem injusta e esperança da conquista de dias melhores” (Moroni, 2011, p. 5). Apesar de suas diversas formas, ainda assim, é nos costumes do entrudo português que se encontram as origens do Carnaval no Brasil, sobretudo em Pernambuco.

Historicamente conhecido desde o século XIII na Península Ibérica, o chamado entrudo tem sua origem no latim, *introitus*, e trata-se das antigas festividades presentes em Portugal, Espanha, cidades da França, bem como em outros lugares da Europa (Silva, 2019). Entretanto, diferentemente das festas dos demais países, é a brutalidade do entrudo português que predominou por mais de três séculos, como destaca o escritor português Júlio Dantas (*Gazeta de Notícias*, 21 de fevereiro de 1909):

Nós, portugueses, nunca compreendemos que o entrudo pudesse ser uma festa d'arte, como na Itália da Renascença, ou uma festa de espírito, como na França de Luiz XIV; o nosso entrudo, o sant'entrudo lisboeta, foi sempre fundamental e caracaterisadamente porco. [...] com a casaca de seda a escorrer ovos, a cara empastada de sangue e de lama, coberto das maiores imundícies e dos mais sordidos dejectos, corriam as ruas debaixo da saraivada dos pés das panelias, das laranjas de cheiro, da farinha [...]

Em Pernambuco, há registros que datam a presença dos festejos do entrudo desde a primeira metade do século XVI e durante muito tempo ele permaneceu como parte integrante do Carnaval do Recife (Silva, 2019). Marcando presença desde os primórdios da colonização,

as brincadeiras reuniam indivíduos de diversas classes sociais em meio a uma grande comemoração que tomava as ruas (Costa, 2013).

Apesar disso, de acordo com Silva (2019), em 1840 surgem os bailes de máscaras no Brasil e, cinco anos depois, o Recife é palco de seu primeiro baile de máscaras, semelhante àqueles em Veneza, Nice ou Paris. A adesão de tal prática acontece não de forma espontânea, mas com o intuito de civilizar as brincadeiras do entrudo:

O Carnaval deveria converter-se num belo espetáculo, produzido pelas camadas ricas e letradas, para ser contemplado e aplaudido por todos. As máscaras eram seus mais elaborados e cortejados objeto e artifício, pois o disfarce permitia ao mascarado fazer a crítica de seu tempo e lugar (Araújo, 1997, p. 204).

Da brutalidade à pompa europeia, os mascarados saem dos salões e passam a festejar nas ruas e, adornados com arreios de prata, saindo a pé e a cavalos, assim, davam início ao Carnaval da burguesia do século XIX (Silva, 2019). É através dos mascarados e suas passeatas pelas ruas da capital pernambucana que surgem as primeiras sociedades carnavalescas, as quais garantiram ao Recife um estilo de festa semelhante às suas inspirações ocidentais. Sob o discurso de festa culta e civilizada, tais sociedades eram responsáveis pela confecção dos carros alegóricos e minados de críticas que tomaram as vias do Recife no decênio de 1880 (Araújo, 1997).

Apesar dos esforços por parte da elite, Araújo (1997, p. 206) lembra que “o Carnaval burguês de estilo moderno não obteve êxito no Recife”. Assim, de acordo com Costa (2013), enquanto a influência francesa marcava presença nos espaços privados, as práticas semelhantes ao entrudo continuavam a se expandir pelas praças públicas e, mesmo diante da forte resistência por parte da aristocracia e dos críticos dos jornais, o entrudo inevitavelmente ganhou adesão popular, chegando aos dias de hoje como o princípio do mela-mela (Silva, 2019), brincadeira na qual as pessoas sujam umas às outras com amido de milho e espuma.

E enquanto a festa civilizada da elite e o entrudo passavam por idas e vindas, por volta do século XVII, os povos escravizados se reuniam “formando cortejos com bandeiras e improvisando cantigas ao ritmo de marcha” (Moroni, 2011, p. 49). Ao longo dos séculos, Pernambuco foi palco para o desenvolvimento de outras manifestações culturais, as quais foram fundamentais para a construção identitária do estado e que fazem com que o Carnaval pernambucano seja reconhecido por lei como uma manifestação cultural nacional.

Partindo dos maiores expoentes, hoje, o início das festas na cidade do Recife fica por conta do Galo da Madrugada, que, em atividade desde 1978, anuncia em alto e bom som: “Ei pessoal! Vem moçada! Carnaval começa no Galo da Madrugada”. Já em Olinda, ao ritmo do

frevo, os foliões percorrem as famosas ladeiras com os tradicionais blocos da cidade e os grandes bonecos da agremiação carnavalesca do Homem da Meia-Noite, responsáveis pela abertura oficial dos festejos carnavalescos da cidade, a zero hora do sábado de Zé Pereira³ (Moroni, 2011).

Migrando para o litoral, a ilha de Itamaracá é conhecida internacionalmente pela Ciranda, que tem como figura principal a cantora Lia de Itamaracá, intitulada como Patrimônio Vivo de Pernambuco. A 62 km da capital, as ruas da cidade de Goiana ostentam uma das mais antigas manifestações populares do Brasil. Em uma representação do povo indígena e adornados com cocares de penas de ema, pavão e avestruz, os caboclinhos evocam personagens indígenas em meio aos estalidos das preacas⁴ (Moroni, 2011).

No Agreste pernambucano, Águas Belas preserva os traços dos povos indígenas em sua cultura e, do sábado à segunda de Carnaval, grupos indígenas como os Fethxas e os Fulni-ôs ficam responsáveis pela animação. Enquanto isso, Nazaré da Mata, sob a alcunha de “Terra do Maracatu”, é pano de fundo para o cortejo dos reis negros e os batuques dos folguedos do Maracatu, os quais passaram a ser assim denominados a partir do século XIX, para se referir aos ajuntamentos dos negros (Silva, 2019).

No Sertão, a cidade de Triunfo é marcada, há mais de um século, pela presença dos Caretas, que, a fim de manter o anonimato, fazem uso de luvas, botas, calças e camisas coloridas. E como destaca Costa (2007, p. 59), “com seus corpos completamente encobertos e seu implacável silêncio, atçam a curiosidade daqueles que desejam descobrir quem está por trás das coloridas máscaras carnavalescas”. E, apesar de Olinda ser conhecida pelos seus bonecos, é em Belém de São Francisco que se encontra a origem dos primeiros desfiles dos gigantes e que, preservando a tradição centenária, surgem figuras de renome no Carnaval pernambucano, como Zé Pereira (1919) e Vitalina (1929).

No Sertão nordestino, os enormes bonecos e as famosas máscaras ganham uma nova roupagem sob a visão do carnavalesco e artista plástico Jaime Alves Conserva, o Mestre Jaime. Conhecida por possuir um dos Carnavais de rua mais tradicionais de Pernambuco, desde 1946 as ruas da cidade de Salgueiro se enchem de cores e de alegria através da irreverência e da materialização da fauna e flora brasileira presentes na Bicharada do Mestre Jaime.

³ Zé Pereira: figura de origem portuguesa presente no Carnaval de Pernambuco. Muitas vezes é confundido com o Rei Momo, visto que é caracterizado por ser um homem glutão e barrigudo associado à produção de comida e, muitas vezes, colocado na posição de rei.

⁴ Instrumento musical no formato de arco e flecha usado na dança dos Caboclinhos.

Figura 1 - Mapa de manifestações culturais



Fonte: Google fotos; montado pela autora.

2. 2. O CARNAVAL DO INTERIOR: SALGUEIRO

A vida festiva do povo é, fundamentalmente, um elemento marcante da civilização humana (Bakhtin, 1996). Em suas mais variadas formas, as festividades carnavalescas assumiram a posição de um reflexo complexo de cada sociedade em seu tempo e espaço. Suas mudanças representam não uma reprodução do mundo, mas um diálogo com os diversos planos e dimensões daquele período (DaMatta, 1997).

Ao abordar o regime feudal e a ordem vigente à época, Bakhtin (1996) aponta que as festas oficiais da Igreja e do Estado serviam para fortalecer as regras, valores e hierarquias do sistema. Por outro lado, o Carnaval era tido como o momento em que a suspensão dessas normas proporcionaram uma segunda vida em que era permitido às pessoas estabelecerem novas relações verdadeiramente humanas, desprovidas da alienação do cotidiano. Semelhante ao Carnaval proposto por Bakhtin, antes de surgir a Bicharada, Jaime Alves Conserva Filho relembrou os antigos Carnavais da cidade de Salgueiro, cuja festa caracterizava-se por ser uma confraternização popular, sem malícia e muito menos ostentação; havia apenas a vaidade em poder se fantasiar.

Tanto Cleuza como Jaiminho lembraram que, antigamente, durante a manhã as ruas eram tomadas pela típica brincadeira do mela-mela e, paralelo a isso, havia também as visitas

nas casas das famílias, caracterizando os festejos como “um Carnaval que saia de casa em casa, as pessoas convidavam os blocos para virem às suas casas em determinado dia, então tinha aquele rodízio e cada bloco ia passando”. As visitas eram marcadas pela presença de músicas para animar as pessoas, mas, segundo Jaiminho, não havia som doméstico de boa qualidade, havia a vitrola e o rádio, mas não uma tecnologia que viabilizasse uma festa dentro da residência.

É por volta dos anos 50/60, que a prática das visitas levou a juventude a criar os primeiros blocos de rua, os quais já possuíam seu próprio instrumental, sua bateria e toda uma estrutura que possibilitasse sua saída e que animasse as famílias em que passavam. Também nesse período, surgiram os blocos motorizados, destacando o Lata Velha, cujos participantes utilizavam um Jeep velho, quase caindo aos pedaços, adornado por latas, e que saiam pelas ruas fazendo barulho e brincando a tarde inteira; e o Catabir, bloco idealizado pelos adultos que também saia com seus carros alegóricos.

Figura 2 - Antigos Blocos de rua



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

Figura 3 - Antigos blocos motorizados



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

A dinâmica era a seguinte: os foliões passavam o dia brincando com os carros e pela noite, estavam todos cheirosos, bonitos e com suas fantasias prontos para brincar no clube. Essa configuração se manteve, em linhas gerais, até os anos 1970, quando os bailes de clube ganharam ainda mais notoriedade. Mas se por um lado a cultura dos bailes ia se disseminando em meio à elite, em meados dos anos 40, o operariado das fábricas também já havia adotado os bailes noturnos nos Carnavais:

Mas eu quero falar que o operariado, que aqui já foi uma cidade fabril, nós já tivemos algumas fábricas aqui, e aí os operários tinham cordões que desfilavam nas ruas, no Carnaval. Às vezes, os homens não, que eles desfilavam com uniforme igual, uniforme o nome tá dizendo: eles idealizavam a roupa e todos vestiam aquela roupa igual e saíam dançando na cidade. Mas as mulheres? As mulheres se mostravam, faziam fantasias bonitas, cetim era o máximo! Elas vestiam roupas de cetim dançando. Não havia essa história de nudez, não havia; eram sempre roupas muito bonitas (Cleuza Pereira do Nascimento, 05 de novembro de 2025).

Em Salgueiro, esses Carnavais aconteceram no Executivo e na Casa da Farinha, vizinho ao Banco do Brasil, mas os dois grandes lugares de destaque foram a Associação Cultural Salgueirense (ACS) e o Núcleo Social de Salgueiro, que posteriormente passou a ser Centro Social. Na rua, as pessoas continuaram a brincar, sobretudo os jovens, mas para os clubes, a festa atraía pessoas da redondeza, inclusive de Barbalha-CE, mas era pago e, normalmente, iam os associados e os convidados, com isenção de pagamento para as mulheres.

Figuras 4 e 5 - Tradicionais Bailes de Carnaval na ACS



Fonte: Acervo pessoal Cristiano Concerva, s. d.

O tempo dos clubes, aos poucos, foi-se acabando. Por um ano, houve a tentativa de fazer um Carnaval semelhante ao Sambódromo da Marquês de Sapucaí, de modo que foram montadas arquibancadas no polo da festa, o bairro da Bomba, e o acesso ao espaço se dava por meio da compra dele; aos que não pudessem pagar, a folia ficava restrita ao chão. Porém, a ex-prefeita ressalta que essa ideia, além de não cobrir os gastos, acabava por hierarquizar uma festa que era para todos, do povo, e, portanto, não vingou.

No início dos anos 90, em seu primeiro mandato como prefeita, ela destacou que o Carnaval de rua da cidade já contava com a presença do famoso trio elétrico, uma estrutura móvel equipada com som idealizada por Dodô e Osmar em 1951, após a passagem do Clube Carnavalesco Vassourinhas⁵ pela capital baiana; um aparato considerado uma “verdadeira revolução no Carnaval brasileiro” (Silva, 2019, p. 329). As ruas de Salgueiro provavelmente teriam presenciado a chegada do trio durante a década de 80, e, apesar de atualmente ser amplamente difundido, sobretudo na figura do trio Cygnus, Mestre Jaime, que desde 1946 já conduzia seus bichos pela cidade, era totalmente avesso a ele.

⁵ Clube Carnavalesco fundado no contexto pós-abolição, em 6 de janeiro de 1889, por um grupo de trabalhadores. Segundo o diretor do clube, Thomás Ricardo, o nome seria uma referência à tendência da época de nomear um clube de acordo com algum instrumento de trabalho ou alguma categoria profissional. Conhecido por seus desfiles na rua, o clube é de extrema importância para o frevo, por ter como hino a Marcha nº 1, composta por Joana Batista e Matias da Rocha.

Figura 6 - Antigo Talismã Trio Transação



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

2. 3. A BICHARADA DO MESTRE JAIME

Era 1946 e a Bicharada do Mestre Jaime saía pela primeira vez nas ruas de Salgueiro. Um ano antes, porém, ainda durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o salgueirense Jaime Alves Conserva, preparava-se para se juntar às demais tropas brasileiras na Itália. Sua travessia à Europa nunca chegou a acontecer, pois na semana em que iria embarcar, foi decretado o fim da guerra. Apesar de não chegar ao combate direto, as atrocidades do conflito não passaram despercebidas à Jaime, que, recebendo relatos de seus oficiais, logo questionou: “e quanto aos animais?”. Foi assim que, no ano seguinte, o jovem recém saído do exército decidiu homenagear a fauna por meio da linguagem do Carnaval.

Antes mesmo da própria Bicharada surgir, o jovem Jaime e alguns amigos já brincavam o Carnaval por meio do Calça Frouxa, um bloco cujo nome representa o tipo de vestuário utilizado pelos integrantes: um macacão bem folgado, semelhante ao dos palhaços, pensado para acomodar diferentes corpos, independentemente do tamanho ou gênero. É após retornar à Salgueiro que, em 1946, nasce o expoente da Bicharada. O termo em si trata-se da forma como o próprio povo denominava os integrantes do bloco, carinhosamente apelidados de “bichos”, em razão de suas fantasias.

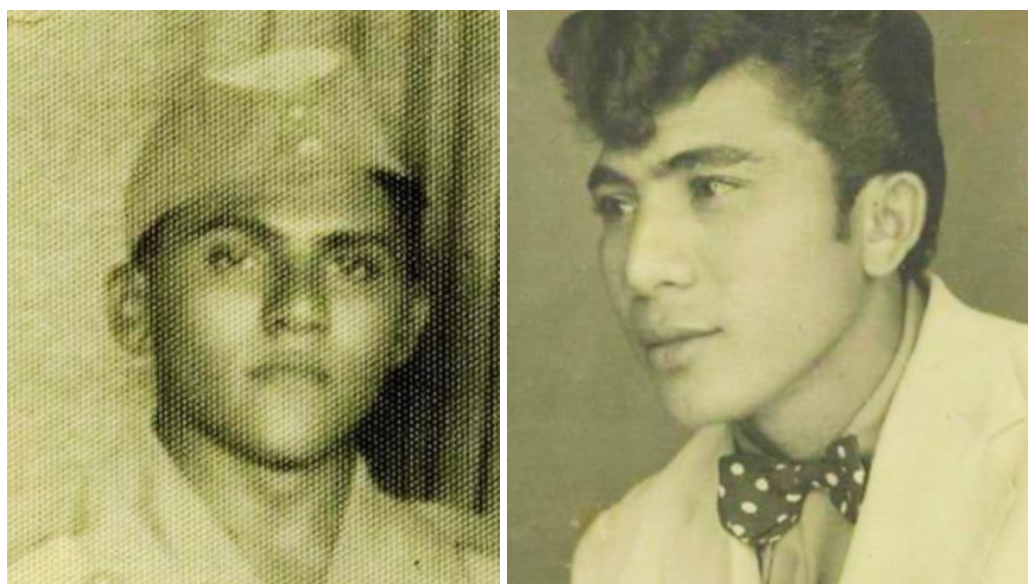
É no desejo de homenagear os animais, que, apenas em 1958, Mestre Jaime utiliza de sua paixão de infância pelas máscaras para materializá-los para os foliões. Aqueles que se

juntavam à folia, recebiam uma máscara pensada e executada pelo Mestre ao longo do ano. Uma peça que, para alguns, possa ser algo tão simples, é descrita por Bakhtin (1996) como o aspecto mais carregado de significado da cultura popular:

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos (Bakhtin, 1996, p. 35).

Em síntese, o próprio Mestre também descreveria que “Sem máscara não há Carnaval de verdade, não presta, é como um circo sem palhaço. A vida precisa de alegria, de cambalhotas, cores, folia e poesia”. Cerca de 3 a 4 anos após a criação da Bicharada, Jaiminho destaca a presença do Calça Frouxa como uma alternativa para as pessoas que queriam brincar, mas não queriam usar a máscara por questões de conforto, já que na época, era algo pesado e quente; ou por estética, pois algumas mulheres gostavam de usar adereços de cabeça; seria somente em 1964 que os blocos passariam a trabalhar em convênio. Em ambos, o carnavalesco não trabalhava só, pois havia os próprios filhos, que cresceram aprendendo um pouco do ofício do pai, e tinha seu irmão, Aldir Conserva, conhecido pelo nome de Zuka, descrito por ter um pouco mais de afinidade com a manipulação da plástica das máscaras enquanto que o vestuário e a criatividade quanto ao que seria feito, cabia ao Mestre.

Figuras 7 e 8 - Irmãos Conserva, Jaime e Aldir, respectivamente



Fonte: Acervo Jaime Alves Conserva Filho, s. d.

Pelos anos 50, a tradição do Carnaval era começar a brincadeira ainda pela manhã, por volta das 10:00, independentemente do sol, mas a Bicharada, em razão da fantasia e para ter um melhor conforto, costumava sair pela tarde, às 15:00, podendo adentrar até a noite. Algum tempo depois, a chegada do trio à cidade atraiu os “bichos” para esse novo formato e o Mestre Jaime foi categórico: se o trio ia para um lado, a Bicharada ia para o outro. Nesse momento, junto ao Mestre, o Calça Frouxa passou também a ser um elemento de apoio que garantisse a permanência dos integrantes no bloco:

Então você tinha lá o trio e, aqui e acolá, um bicho de Mestre Jaime naquela multidão. O Mestre ficava louco e ia lá, feito vaqueiro, né, puxar o boi da boiada e trazer; no outro dia, alguém chegava e dizia “Ó Mestre Jaime, tem um bicho seu deitado lá na praça dos Leões”, e ele ia lá e catava cada um, pegava de cada um, aquela loucura toda em cada ponto que ia tomando referência, e ele ia buscar para poder reorganizar e poder passar para outra pessoa (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025).

Frisando o caráter popular e subversivo do Carnaval, a brincadeira era aberta a todos, não havia limites de nada e estima-se que 100 a 120 pessoas brincavam no bloco. Entre a década de 80 e 90, o Mestre optou por substituir as máscaras e macacões para bonecos gigantes que são colocados sobre os ombros dos chamados “bonequeiros”, pessoas que carregam os bonecos durante a festa. Tal mudança teria sido motivada, sobretudo, pela morte de Zuka, mas também pelo fato do Mestre ter tido conhecimento dos bonecos que já eram confeccionados na cidade de Olinda; outro fator teria sido a presença do trio, pois atraía os foliões e estes, por sua vez, não retornavam para devolver as fantasias ao bloco.

A ideia da mudança partiu de um presente dado ao Mestre por sua amiga Dra. Denise, que encomendou ao artista carnavalesco, Sílvio Botelho⁶, uma réplica de Jaime. Mais tarde, o próprio Mestre Jaime também encomendou um boneco gigante, mas na figura de uma mulher loira, para integrar o acervo da Bicharada.

⁶ Artista e mestre bonequeiro, Sílvio Botelho é conhecido como o Pai dos Bonecos Gigantes, em Olinda, e também por ser o criador do Menino da Tarde, em 1974, fruto do encontro entre o Homem da Meia Noite e a Mulher do Dia.

Figura 9 - Réplica de Mestre Jaime feita por Sílvio Botelho



Fonte: Página do Carlos Britto, s. d.⁷

Os novos integrantes do bloco, apesar de gigantes, não eram feitos da mesma forma e estrutura desenvolvidos para os bonecos de Olinda. Com a nova roupagem do bloco, as cabeças preservaram a mesma técnica utilizada para fazer as máscaras, enquanto que o corpo era feito de metal, mas não apresentava noções de anatomia:

Ele, por si, nunca fez aqueles bonecos gigantes, ele só fazia o boneco, e quando ele fazia, não era boneco alto, ele fazia na máscara dele de papel machê, aquelas caras, fazia uma estrutura de ferro que pesava, era inconveniente para o pessoal e lá em cima ia aquela cabecinha de papel machê. Você pode ver que ele é bem esguio, bem magro, aquela coisa magra. Por quê? Porque não tinha noção da estética em si, a anatomia dele. Ele não tinha esse domínio. Ele fazia a coisa e, para ele, tava fantástico (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025).

⁷ Página do Carlos Britto. Disponível em: <https://www.carlosbritto.com/previa-da-folia-de-salgueiro-tera-corrida-de-bonecos-gigantes-e-documentario-sobre-mestre-jaime/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

Figura 10 - Bonecos da Bicharada do Mestre Jaime



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

Apesar da tentativa da ex-prefeita em conseguir mais pessoas para auxiliarem na feitura dos bonecos, Mestre Jaime confeccionou os gigantes praticamente sozinho durante cerca de 30 anos. Mesmo sem um patrocínio fixo, recebia apoio esporádico de algumas lojas de tecidos e, por parte da prefeitura, Cleuza relata que sempre que o Mestre aparecia com seu projeto para o ano, recebia apoio municipal de acordo com as reservas orçamentárias, mas que a ausência de uma instituição legal era um empecilho para contratos maiores.

E ainda que os bonecos tenham sido bem recebidos pelo público, a festa do Carnaval já não era mais a mesma caracterizada por Jaiminho, o qual relatou que, nos dias atuais, não há mais a espontaneidade que os bonequeiros e foliões tinham antigamente. Se por um lado, as pessoas iam de forma voluntária e pelo desejo da brincadeira, hoje, passou a ser um trabalho, cujos participantes recebem um salário mínimo para que o bloco possa ir às ruas.

O falecimento de Mestre Jaime, no ano de 2021, em decorrência da Covid-19, não impediu que o Bloco continuasse a funcionar, não é à toa que, em seus 80 anos de funcionamento, a Bicharada esteve nas ruas de Salgueiro todos os anos, inclusive na pandemia, com a presença de um carro de som e um boneco do Mestre devidamente protegido por uma máscara. Descrito por Cleuza como uma “brincadeira saudável” e um “modelo de

resistência”, Mestre Jaime e a Bicharada foram eternizados na memória do Carnaval de Salgueiro e de Pernambuco por meio de diversas maneiras.

Em 1983, foi escolhido pela Prefeitura Municipal de Salgueiro como o carnavalesco do ano. Em 2010, estampou as latas da Pitú e ainda foi homenageado como carnavalesco do ano pelo Governo do estado de Pernambuco, sendo convidado a participar do desfile do Galo da Madrugada em cima de um trio, cujo atração era o cantor Alceu Valença. Após a sua morte, foi criada a Seresta da Saudade em sua homenagem e teve sua presença eternizada pelo Centro de Arte Popular Mestre Jaime, por meio de uma estátua de bronze colocada na praça Benjamim Soares, em frente a sua antiga casa.

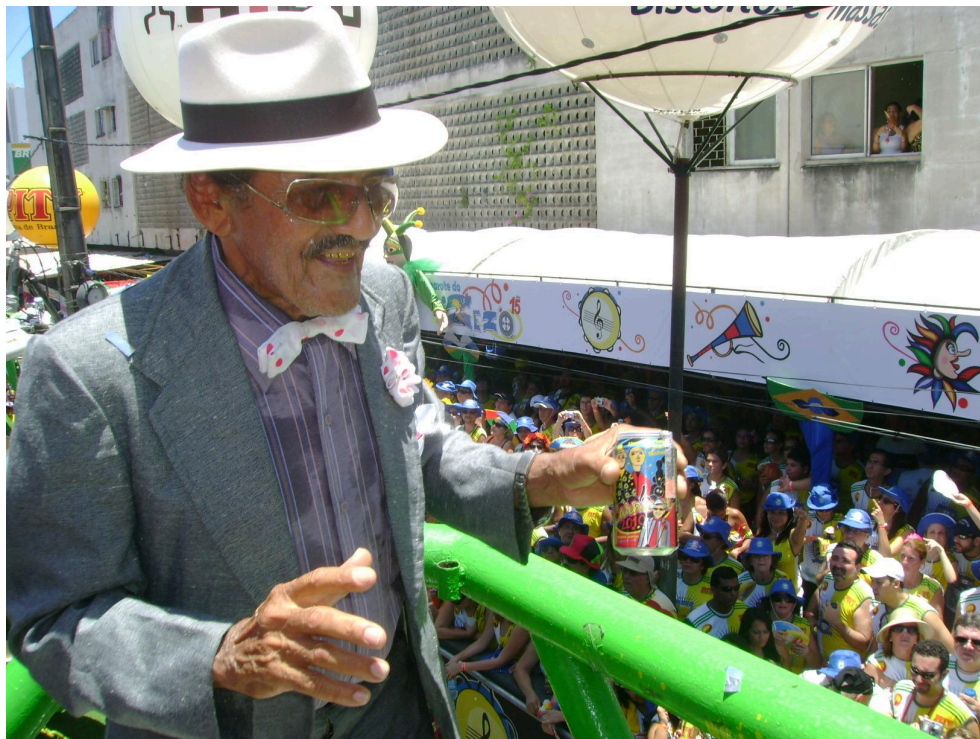
Figura 11 - Lata comemorativa da Pitú em homenagem ao Mestre Jaime



Fonte: Página Promoview, 2010.⁸

⁸ Página do Promoview. Disponível em: <https://www.promoview.com.br/pitu-em-clima-de-carnaval/> . Acesso em: 21 jul. 2025.

Figura 12 - Mestre Jaime em homenagem no Galo da Madrugada



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, 2010.

Figuras 13 e 14 - Estátua de bronze em homenagem ao Mestre Jaime



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Em 2026, aos cuidados de seu filho, Jaiminho, e com um acervo composto por 4 bonecos gigantes, 60 de porte médio, um pavão e um estandarte, o bloco completou seus 80 anos abrindo o Carnaval de Salgueiro no dia 1^a de Fevereiro. As ruas foram tomadas pela alegria e presença da Bicharada; do Carnaval de Zé Puluca, de Bom Conselho; Cortejo Camarão dos Bonecos Mirins de Olinda; Zé Pereira e Vitalina, de Belém de São Francisco; Orquestras Cultural Pernambucana, Orquestra do Maestro Paixão e Orquestra Urbana; passistas de frevo da Cia Soul Dance e a Cia Brasil por Dança Adriana do Frevo.

2. 3. 1 A VISUALIDADE E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA CONFECÇÃO DOS “BICHOS”

Uma bicicleta que se transformou em um leão; a lã que virou cabelo; a lata de metal passou a ser o uniforme de um astronauta; um simples, talvez nem tão simples, macacão deu vida a um urso; o papel se tornou máscara, e da ideia de uma cobra, nasceu uma gigante de 12 metros. Assim era tudo o que passava pela mente criativa de Mestre Jaime: observando o ambiente que o cercava, o simples se tornava extraordinário. Tal qual o Carnaval!

O processo criativo do Mestre Jaime partia da observação de sua própria vida. Para alguém que, conforme Jaiminho aponta, vivia o espírito carnavalesco todos os dias, era o seu próprio ambiente quem lhe mostrava os caminhos e, a partir disso, os aspectos comuns de seu cotidiano ganharam notoriedade e tornaram-se tema de suas criações. A ideia surgia na convivência e era materializada no muro de sua própria casa, em uma latada, onde era feita a preparação das máscaras.

A confecção começava a partir de um molde. Os primeiros foram feitos de barro, um processo ensinado aos filhos para que também pudessem fazer suas próprias máscaras. Com o passar dos anos e com o surgimento de novas técnicas, o barro deu lugar ao isopor, por ser um material mais leve, cuja durabilidade permite o aumento do número de vezes que pode ser reutilizado, além de causar menos sujeira em relação ao barro.

O acesso à materiais, apesar de ser um empecilho, foi contornado pelo Mestre, que usava de sucata para dar vida a suas ideias. Durante a fase em que o bloco era composto apenas pelos macacões e as máscaras, estas exigiam que o Mestre, seu irmão e seus filhos tivessem que ir de casa em casa buscando jornais velhos, ou em obras, em busca de sacos de cimento. Isso era necessário pois a fabricação das máscaras consistia em fazê-las todas em papel machê, técnica em que se faz uma pasta de papel, água e cola capaz de ser modelada e moldada de acordo com o artesão.

Muitos foram os bichos que integraram a Bicharada e revelaram as mentes criativas de Mestre Jaime e de seu irmão, Zuka. No contexto da Guerra Fria, por exemplo, em meio a guerra espacial, o carnavalesco teve a ideia de fazer uma fantasia do homem do Espaço, afinal, segundo Jaiminho, se o homem poderia ir à Lua, porque a Bicharada também não iria? Atualmente, existem materiais brilhantes que se assemelham ao traje de um astronauta, mas na época, o Mestre teve que usar latas de metal para dar corpo a sua ideia. O sol, infelizmente, não permitiu que fosse usada por muito tempo, mas certamente foi criativo em usar um material pouco comum.

Outro destaque foi sua cobra, um verdadeiro desafio para o tempo e os recursos disponíveis. Mas, com a sugestão de utilizar a câmara de ar, o carnavalesco utilizou 6 câmaras cortadas ao meio e invertidas, formando um “s”, e levou ao borracheiro para que ele fizesse a vulcanização; o toque final veio com a cabeça feita também em papel machê. Assim, nasceu uma gigante de 12 metros de comprimento:

Figura 15 - Antiga cobra feita pelo Mestre



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

Figura 16 - Mestre Jaime com cobra da Bicharada



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

Quanto aos tecidos, mesmo que a dificuldade em adquiri-los, assim como o papel, ainda se fizesse presente, a configuração mudava um pouco. Nesse caso, quando o tecido não era adquirido através do próprio bolso de Mestre Jaime, era doado por alguns comerciantes, alguns fixos, outros de forma esporádica. Dentre a cartela utilizada, havia a certeza de dois: o cetim e a chita. Quando questionei as razões que faziam desses tecidos uma constante, Jaiminho ressaltou que não era só pelo material que havia disponível, mas pelo gosto do carnavalesco diante do brilho chamativo do cetim e da grande paixão pelas flores, as quais, na figura do chamado cravo, marcaram presença diária em seu paletó.

Os motivos que levaram o Mestre a adotar a estética dos bonecos é desconhecido, mas pode ser associada à imagem grotesca descrita por Bakhtin (1996), em que, ao analisar o contexto das obras do escritor François Rabelais, assinala a predominância do princípio da vida material e corporal. Nesse cenário, as imagens de Rabelais evocam esse aspecto através do corpo, da bebida, da comida e da satisfação de necessidades naturais. No entanto, essas noções são, ainda que modificadas, herdadas da cultura cômica popular, cuja estética é nomeada por Bakhtin como realismo grotesco.

No realismo grotesco, segundo Bakhtin (1996), o princípio é caracterizado por ser algo positivo, na medida em que aparece conectado aos aspectos de uma totalidade viva e coletiva; em outras palavras, pode-se afirmar que nas imagens do cômico popular, o princípio

da vida material e corporal se manifesta através do povo. Esse elemento corporal apresenta um certo exagero, uma abundância e universalidade que determinam o caráter alegre e festivo das imagens referentes à vida material e corporal.

Figura 17 - Bonecos da Bicharada



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

Nesse sentido, as máscaras e, posteriormente, os bonecos criados por Mestre Jaime apresentam esse caráter universal que reflete a vida do próprio povo, mas que, sob sua visão e sua imaginação, são feitos com o exagero que, no Carnaval, representa a alegria e a festividade. E, assim como Rabelais, apesar de se assemelharem ao cotidiano, são imagens ambivalentes e contraditórias, uma vez que fogem da estética “clássica” da vida preestabelecida e completa, e parecem ser disformes e monstruosas. Mas, na verdade, segundo Bakhtin (1996), é justamente no processo ambivalente, interiormente contraditório, que a vida se revela.

Figura 18 - Bonecos da Bicharada



Fonte: Página da Prefeitura de Salgueiro, s. d.⁹

Sob essa perspectiva, Mestre Jaime utilizou da mesma estrutura com que fazia as máscaras para fazer as cabeças que compõem seus bonecos. Nos dias de hoje, Jaiminho relata que passou a usar a fibra de vidro, pois é mais leve, resistente e com acabamento superior, ainda que, com a finalidade de manter a essência do que seu pai fazia, ele optou por não polir 100%, conservando a ideia rústica e característica do trabalho do carnavalesco e mantendo a ideia do inacabado e do imperfeito, assim como a vida cotidiana representada no grotesco.

2. 4. JAIME ALVES CONSERVA: DO ALFAIATE AO MESTRE CARNAVALESCO

Em dado momento, o filósofo francês Michel Foucault, ao refletir sobre as razões que nos levam a associar a arte a objetos em detrimento das pessoas e da própria vida, lançou o seguinte questionamento: “A vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte?” (Foucault, *apud* Preciosa, 2005, p. 53). É curioso pensar sobre tal reflexão, pois se a vida do criador, mais que sua própria criação, recebe a alcunha de “obra de arte”, em qual espaço esta seria exposta?

Nas palavras de Jaiminho, no entanto, o artista não faz nada no intuito de aparecer, pelo contrário, “o artista faz o que ele gosta”. E como bem destaca Preciosa (2005, p. 53), mais que expor em galerias e museus, construir uma vida concebida como obra de arte consiste em transformar o corpo em um reflexo, em compartilhar “sua provisão de despadronizações, suas alterações, seu estojo de surpresas. Afinar-se com seu fluxo criador”.

⁹ Página da Prefeitura de Salgueiro. Disponível em: <https://www.salgueiro.pe.gov.br/municipio-guia-turistico-festividades.html> . Acesso em: 08 dez. 2025.

Falar da vida do Mestre significa pensar que para ele o Carnaval não se restringia aos quatro dias dos festejos; e não pelo fato de ser uma das mentes criativas por trás da Bicharada, cujo funcionamento exigiria dedicação exclusiva, rigorosa e um calendário de produção previamente construído, tal qual a dinâmica de uma indústria. Mas sim por personificar de modo mais amplo o que o antropólogo brasileiro Roberto DaMatta qualifica como ritual.

Em “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro”, DaMatta sugere que o Carnaval pode ser definido de um ritual, pois representa a complexidade da esfera social, na medida em que aspectos do cotidiano, normalmente tidos como banais ou triviais, são colocados em foco por meio de um processo de dramatização, adquirindo um significado mais relevante. Este movimento de passagem do mundo real para o extraordinário possibilita à sociedade uma visão alternativa que expõe seus desejos e fantasias.

O ritual, contudo, chega ao fim. A liberdade, a inversão dos papéis, a euforia diante do encontro, a criatividade e a exaltação do incomum são facetas do Carnaval que acompanham seu encerramento. A ordem tradicional é, por fim, restaurada, restando apenas a esperança de dias melhores, uma vez que, a partir dessa concepção, as festividades são uma “sugestão de que o momento extraordinário pode continuar, não mais como rito – algo com hora marcada – mas como um extraordinário de maior duração...” (DaMatta, 1997, p. 40).

Figura 19 - Mestre Jaime em festa de Carnaval



Fonte: Página do Carlos Britto, s. d.¹⁰

Tal qual DaMatta, em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, Bakhtin (1996) categoriza os ritos e os espetáculos como uma das múltiplas manifestações do riso e relaciona o Carnaval ao teatro, destacando sua concretude, sensibilidade e um certo ar característico de um jogo. Ambos os autores entendem os festejos como uma forma especial da vida, que transita entre o real e o ideal, momento que pode ser visto como “...a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva” (Bakhtin, 1996, p. 07).

Em princípio, as duas perspectivas compreendem as festividades carnavalescas como os quatro dias em que o comum é elevado a um nível extraordinário, e nele, segundo Bakhtin, não se conhece outra realidade senão a da própria festa. Mas enquanto os autores abordam a finitude das alegrias do povo, da sua vida festiva, do sonho e da liberdade, Mestre Jaime ultrapassa as datas do calendário e revela uma vida apoiada no espírito carnavalesco.

Filho de Seu José e Dona Hermina, Jaime Alves Conserva nasceu no dia 03 de dezembro de 1922, no interior do Sertão, na cidade de Salgueiro. Seu nome na certidão, no entanto, não passava de uma formalidade, pois na prática, desde a tenra idade, ele sempre foi Mestre Jaime. Quando perguntei sobre a infância de seu pai, apesar dos poucos relatos,

¹⁰ Página do Carlos Britto. Disponível em: <https://www.carlosbritto.com/salgueiro-casa-da-cultura-abre-exposicao-para-homenagear-centenario-do-mestre-jaim/> . Acesso em: 28 fev. 2025.

Jaiminho ressaltou que a criatividade e o repertório que faziam do Mestre, o Mestre, foram sendo moldados ao longo dos anos por uma curiosidade diante da vida e do mundo natural que o cercava:

Por exemplo, tarefa de ciência, ele disse que em uma ocasião da professora dando aula, falando sobre o vapor, da pressão da água fervendo e do vapor, ele teve a ideia de colocar... o que hoje é a panela de pressão. Pronto. Ele pegou um ambiente com água e colocou um tubo, prendeu essa panela feito uma panela de pressão e em cima desse tubo ele montou um sistema de um catavento, de ventilador, para ele mostrar que a pressão da água girava o catavento, tal, tal e tal. Isso, lá na época que ele fazia primário e ele só fez até a 4ª ou 5ª série, alguma coisa assim; ele não chegou a fazer a parte de ginásio. Daí você tira como ele era, então ele já nasceu Mestre, ele já fazia essas coisas de criança mesmo (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025).

Criado com a máxima de que violência não leva a lugar nenhum e que sempre deve haver respeito para com as mulheres, o pequeno Mestrinho sempre demonstrou apreço pela confraternização do Carnaval, não à toa, diante de tanta beleza, cor e diversidade, seu interesse o levou a condição de autodidata, explorando as diversas esferas da festa por meio da música de seu clarinete, saxofone e da amada seresta; das artes plásticas dos seus bonecos e máscaras; e sobretudo, da alfaiataria de seus ternos e fantasias.

Figuras 20 e 21 - Mestre Jaime tocando seu saxofone



Fonte: Acervo pessoal Vinicius Ramos, 2013.

Caracterizado pelo filho como um homem de muitas funções, ainda na juventude, alistou-se ao serviço militar durante a década de 40, em meio a Segunda Guerra Mundial. Na 7ª Companhia, na cidade de Olinda, o jovem Jaime protagonizou um dos eventos que já refletia seu espírito carnavalesco de questionar e inverter os papéis. Ao analisar o Carnaval na qualidade de ritual, DaMatta (1997) faz uso do estudo comparativo com outros rituais, como as paradas do Dia da Pátria, e aborda o vestuário apropriado para cada ocasião. Segundo o antropólogo, para as festividades, as fantasias revelam a arbitrariedade típica do Carnaval, ao passo que as vestes militares carregam a patente do indivíduo, reforçam seu papel na hierarquia e “simbolizam identidades sociais concretas que operam em todos os níveis da vida social” (DaMatta, 1997, p. 63).

Ainda assim, atuando como alfaiate em sua passagem pelo Exército, o Mestre se encantou pelo traje reservado à infantaria, e resolveu comprar os tecidos necessários e confeccionar uma roupa igual para uso próprio. Passeando pelas pontes do Recife, ele foi abordado por um patrulha, que, ao solicitar sua carteira, logo percebeu as vestes inadequadas à sua posição. Jaime, que naquele momento tinha apenas o desejo de possuir aquilo que julgou belo, foi preso, mas posteriormente absolvido, sem registro do ocorrido em sua ficha, sobretudo porque, segundo Jaiminho, o ato representava “o amor que ele tinha pela coisa e não a malícia”.

Figura 22 - Mestre em seu ateliê



Fonte: Acervo Emanuel de Andrade, s. d.

O que parece ter sido um acontecimento isolado, talvez reflita não apenas a irreverência já recusando as regras de seu tempo, mas também a vaidade tão característica do carnavalesco. Retornando para sua cidade natal e no ofício da alfaiataria, Jaime fez ternos e mais ternos para políticos e autoridades, mas quando se tratava dos seus, não havia limites:

Ele tinha uma alfaiataria aqui em Salgueiro e ele confeccionava roupa para tudo quanto é de pessoa, desde um simples calção, até o terno. Autoridades, políticos, médicos, tal e tal, que usavam muito terno nessa época, ele fazia muitos ternos. Só que tinha uma diferença. Os ternos que ele fazia para as autoridades, ele procurava obedecer o gosto do cliente, e o cliente, é claro, que ia dizer para ele mais ou menos o estilo e mais ou menos o que deveria ser feito em função da moda da época. O que ele fazia para ele, aí não! Aí pouca gente tinha coragem de usar (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025)

Uma coisa é fato, Mestre Jaime foi vaidoso. Seja na ponta da gola ou nos detalhes do punho, seus ternos pessoais carregaram sua boêmia nas mais variadas e inesperadas cores, nos cortes impecáveis, nos chapéus, nas armações douradas, nos cravos que adornavam seus paletós e nos mais diversos anéis em seus dedos. As manifestações de sua vaidade, mesmo incomuns para a época, não estão isoladas de seu tempo, mas traduzem aspectos subjetivos de um verdadeiro amante do Carnaval que usou da Moda e do corpo para criar novos Universos de referência (Mesquita, 2002).

Figura 23 - Mestre trajado em terno branco



Fonte: Acervo Vinicius Ramos, 2013.

Figura 24 - Mestre em terno risca de giz



Fonte: Ricardo Moura/ Secult-PE, s. d.¹¹

Figura 25 - Mestre em terno grená



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

O vestuário criado pelo Mestre produz um território de existência cuja assinatura acompanha sua escuta sensível do mundo e de si mesmo. Este processo não se constitui, necessariamente, fora de uma lógica da Moda, mas usa dela para ser ousado e pensar novos

¹¹ Ricardo Moura/ Secult-PE. Página da Folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/morre-mestre-jaime-criador-do-bloco-de-bonecos-a-bicharada/167617/> . Acesso em: 08 dez. 2025.

modos de vestir; trata-se de um “lugar de passagem, pois as subjetividades são incessantemente processualizadas” (Mesquita, 2002, p. 124).

Ao lembrar uma ida ao Recife para rever o tio exilado pela Ditadura, Jaiminho me deu mais um exemplo de uma das “loucuras” do Mestre que demonstram sua percepção diante de si mesmo. Faltando duas horas para ir buscar o tio no aeroporto, seu filho, que já conhecia o pai, pediu que ele fosse se arrumar. Passado um tempo, e preocupado com a demora, foi até seu quarto e se deparou com sete ternos completos e engomados sobre a cama. Havia uma variedade de possibilidades: laranja, cor de rosa, listrado, branco, azul e até mesmo grená. Ao ser questionado a respeito dos sete ternos e da dúvida que o assolava, ele foi enfático: “Não! Eu só vou vestir na hora que disser ‘Vamos!’, para eu saber o meu estado de espírito e qual a roupa que eu vou usar”.

Tamanha vaidade que nem mesmo a arcada dentária passou impune. Antigamente, havia o costume de substituir um dente por um semelhante em ouro. Os motivos iam desde a obrigatoriedade em retirar os dentes perdidos por alguma patologia, até ao fato de simbolizar algo belo. O Mestre foi além e extraiu seus 32 dentes e assim como a sua variedade de ternos, para completar toda a composição, havia também uma coleção de chapas:

[...] a dentadura dele era normal como a nossa e ele simplesmente extraiu todos os dentes para confeccionar uma placa, uma perereca, né, que a gente chama perereca a chapa, uma prótese com 32 dentes revestidos de ouro [...] Aí diante dessa prótese que ele confeccionou, pediu para o rapaz confeccionar, aí ele fazia variações, ele tinha várias próteses: uma só com dois dentes de ouro, uma com ouro e platina e tal. Era uma coleção. Era uma loucura, era uma loucura! (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025)

Figura 26 - Mestre com anéis e chapa de ouro



Fonte: Acervo pessoal Emanuel de Andrade, s. d.

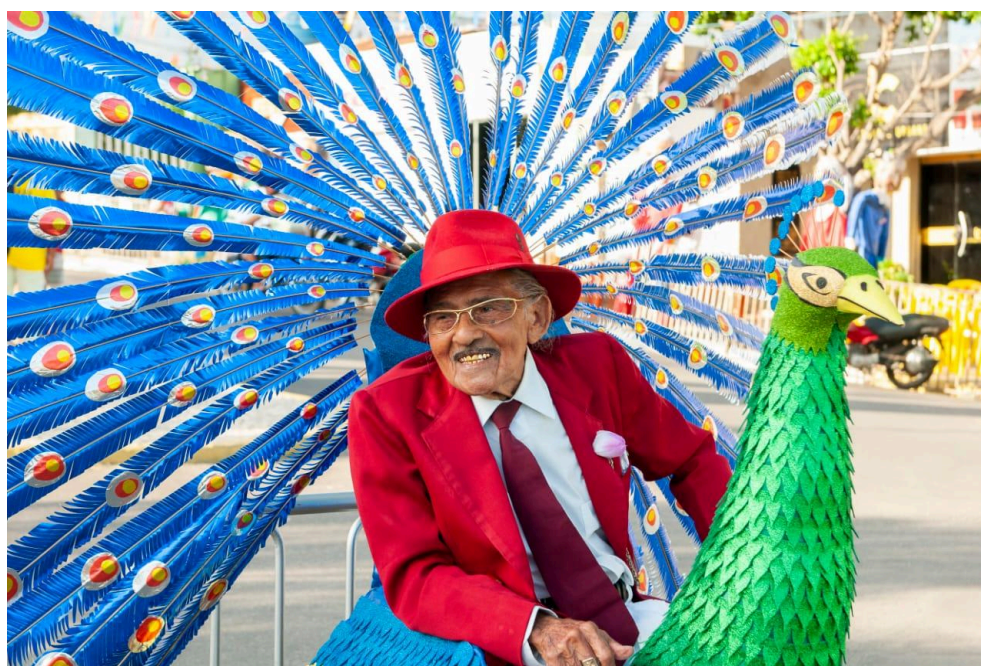
Na Bicharada, mesmo que a figura do pavão pudesse estar ali apenas pela sua beleza, Jaiminho destacou que o bicho da paixão de seu pai era ele, mas também ressaltou que sua presença na verdade pudesse refletir um pouco do próprio Mestre no reino animal. Logo o pavão, com sua plumagem exuberante, cores intensas e uma cauda que, quando se abre, é impossível não notá-lo. De fato, assim como a ave, seus trajes multicoloridos completamente adornados e seu modo de ver o mundo não passariam despercebidos no dia a dia e nem na memória.

Figura 27 - Mestre Jaime em antigo carro alegórico de pavão



Fonte: Acervo pessoal Jaime Alves Conserva Filho, 2011.

Figura 28 - Mestre Jaime em carro alegórico de pavão



Fonte: Página Blog Nossa Voz, s. d.¹²

Mesmo que, em essência, o Carnaval nunca tenha chegado ao fim para o Mestre, em 04 de janeiro de 2021, a vida do Mestre chegou ao fim, aos 98 anos, em decorrência da Covid-19. Apesar de não ser do seu desejo deixar este plano, Jaiminho afirmou que o pai fez

¹² Página Blog Nossa Voz. Disponível em: <https://blognossavoz.com.br/nesta-sexta-03-salgueiro-abre-exposicao-pelo-centenario-do-carnavalesco-mestre-jaimine-criador-da-bicharada/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

tudo que tinha vontade e, quando lhe perguntei como era a Bicharada sem o Mestre, ele garantiu que até os dias de hoje sua presença permanece viva nas pessoas e que, embora desafiador, ele era o elemento central que movia tudo, pois ele era o próprio Carnaval:

É difícil, porque, em primeiro lugar, você fazer aquele trabalho dele, não é que você queira ocultar a presença dele, nem a importância dele, mas, ele é mais forte ainda hoje; a imagem mental e espiritual dele ainda é mais forte que o somatório de todos os bichos. Ainda hoje é. Quando você fala, tal, tal e tal, então só fala em Mestre Jaime e se ele tivesse aqui, e se ele fosse não sei o quê, e se isso, isso e isso, sabe? (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025)

Então é um legado que é muita responsabilidade para gente, muita responsabilidade. Difícil é você manter esse legado ativo e manter essa coisa, porque chegar perto do que ele faria, do que ele fazia, no caso, a gente não vai chegar nunca. Ele, por si só, já era Carnaval, já era o elemento, ele era o somatório dos bichos dele, ele era tudo! (Jaime Alves Conserva Filho, 06 de setembro de 2025)

Durante 98 anos, Mestre Jaime levou alegria e cor por onde passou. Em si mesmo, nas suas máscaras e nos seus bichos, a multiplicidade que o atravessou a vida inteira ganhou corpo por meio das incansáveis horas dedicadas a levar alegria ao povo. Sua Bicharada simboliza o que, segundo Bakhtin (1996), as festividades carnavalescas simbolizam: uma forma concreta da própria vida. A materialidade que corporifica um espelho multifacetado da vida do Mestre, dialogando com o tempo, o espaço, suas experiências, memórias e atravessamentos.

Tal qual a ideia de complexidade citada por Preciosa (2005), a história do carnavalesco, assim como o Carnaval, nos conduz àquilo que pulsa, que causa sobressaltos e que transmite vivacidade, sobretudo por ter sido um modo de viver cuja irreverência, a fuga dos padrões, o amor pela comunhão e as possibilidades de se pensar outros mundos foram seus pilares. Pois, antes mesmo de receber o título de Mestre Jaime, do alfaiate que todos os anos conduzia seus bonecos, ele já vivia tudo o que viria a ser constituinte de seus alegres bichos.

3. PARTE 2 - O PROJETO

3.1 AS PRIMEIRAS COSTURAS: INSPIRAÇÃO

Merino (2020) sinaliza que o desenvolvimento de uma coleção se inicia a partir da identificação das oportunidades do mercado ou do setor, de acordo com o tipo de produto analisado. Desconsiderando os aspectos comerciais, nesse contexto, o presente trabalho teve como ponto de partida a minha percepção acerca da ausência de conhecimento e valorização do Bloco da Bicharada do Mestre Jaime em meio às gerações atuais.

Diante da problemática, iniciei a fase da prospecção fazendo minhas primeiras pesquisas para estabelecer o estado da arte. Treptow (2013, p. 105) lembra que “A escolha de um tema para a coleção depende da sensibilidade do designer ou da equipe de criação”, e foi através dessa etapa e de notícias veiculadas na internet que pude conhecer um pouco do carnavalesco e seu amor pelos festejos. Uma, em específico, me tocou de tal modo que acabou por nomear a coleção aqui desenvolvida. Ao ser perguntado sobre a presença do trio elétrico, o Mestre destacou que enquanto houvesse a Bicharada, sobrevive o Carnaval de Salgueiro, o verdadeiro Carnaval de rua da cidade; e após ouvir os relatos da forma como enxergava a vida, decidi que o tema seria não apenas a sobrevivência do Carnaval através da Bicharada, mas também sobre um modo de viver as festividades por meio do Mestre Jaime.

Considerando que o objetivo sempre foi valorizar a herança que o Bloco representa para a história e a cultura da cidade, a proposta da coleção é de caráter autoral¹³, uma vez que as peças refletem minha visão em relação aos relatos dos entrevistados e da minha própria afeição quanto ao Carnaval. Por não assumir a produção massiva do comercial, não utilizei a análise de tendências para orientar a escolha do tema ou o desenvolvimento da coleção, mas atribuo à Salgueiro o papel de público-alvo.

No levantamento de dados, Merino (2020) orienta que o designer busque entender as necessidades e expectativas do público-alvo. Assim, organizei o roteiro das entrevistas semiestruturadas¹⁴ com perguntas que me fornecessem, além de detalhes do Bloco do Bicharada, uma breve visão dos antigos Carnavais da cidade. A partir disso, o processo se deu por meio de duas principais vias: a análise bibliográfica e busca por técnicas e texturas

¹³ Tipo de moda referente à “criações únicas, que nascem da visão individual de um designer ou marca e carregam identidade, pesquisa e experimentação. Frequentemente, essas coleções dialogam com histórias locais, artesanato, memória e contextos sociais”.

¹⁴ Roteiros das entrevistas disponíveis no apêndice.

manuais que traduzissem, em elementos têxteis, as referências visuais e simbólicas obtidas nessa etapa.

No que diz respeito à bibliografia, as leituras me possibilitaram ter uma visão mais ampla do Carnaval enquanto manifestação cultural popular que revela as alegrias, fantasias, sonhos e desejos do povo. Já o material fotográfico obtido com o jornalista Emanuel de Andrade, com o fotógrafo pernambucano Vinicius Ramos e em matérias disponíveis na internet pude visualizar muito do que foi dito pelos entrevistados, sobretudo, relacionados aos bonecos, aos tipos de tecidos e materiais usados, à estética e símbolos que foram referenciados na coleção.

Entretanto, antes de iniciar o desenvolvimento e suas subetapas, foi necessário que eu analisasse a capacidade de produção interna e externa, tendo em vista que a confecção dos protótipos não foi feita 100% por mim. Essa pesquisa foi de suma importância para que a construção das peças escolhidas fosse pensada de modo que sua execução estivesse dentro do prazo estipulado. Assim, considerando o meu tempo, dos artesãos do crochê, do costureiro e do ateliê responsáveis pela modelagem e finalização das peças, e também do fotógrafo do resultado final, finalizei o planejamento estruturando o cronograma da coleção:

Tabela 2 - Cronograma de entregas

NOVEMBRO	• Tabela da metodologia projetual • Cronograma • Eixo narrativo da coleção • Painel tema • Painel silhuetas e texturas • Público-alvo
DEZEMBRO	• Geração de esboços e alternativas (24) • Definição da coleção final (12) • Escolha dos protótipos • Painel cartela de cores, aviamentos e tecidos • Aquisição de tecidos, linhas e aviamentos • Testes de modelagem das peças piloto (Costureiro) • Início de produção dos protótipos (Costureiro)
JANEIRO	• Casting (Seleção de modelos) • Prova dos modelos • Ajustes finais • Finalização dos protótipos • Elaboração das fichas técnicas
FEVEREIRO	• Painel de caracterização • Painel de fotos • Busca de peças de styling • Refinamento dos croquis finais • Fotografar as peças (Durante a Bicharada, de preferência)
MARÇO	• Pré-banca • Revisão e ajustes finais do trabalho • Organizar presskits para a banca • Release da coleção • Apresentar a coleção final (Finalmente!)

Fonte: Montado pela autora, 2025.

3. 2. COSTURANDO FANTASIAS: IDEACÃO

Após a inspiração, Merino (2020) sugere que a ideação da coleção se inicie por meio da organização e análise dos dados anteriormente coletados. E como Treptow (2013, p. 132) destaca: “Uma coleção deve apresentar unidade visual; as peças precisam manter relação entre si. Essa relação é obtida através dos elementos de estilo e do tema da coleção, com todas as peças reportando a mesma inspiração”. Portanto, é o momento em que, para auxiliar o desenvolvimento do produto de vestuário de forma coesa, sintetizei as informações em painéis

raras vezes acompanhada das orquestras de frevo, os Carnavais de rua pernambucanos muitas vezes, o são, portanto, optei por referenciá-lo por meio das tradicionais cores presentes na sombrinha: verde, vermelho, azul e amarelo. As quatro cores atuaram como elementos norteadores no desenvolvimento das roupas que compõem cada família, de modo que cada cor deu vida a quatro famílias. O rosa, preto, branco, bem como as variações do azul foram utilizadas a fim de garantir os significados dos símbolos de cada família.

Figura 31 - Paleta de cores



Fonte: Montado pela autora, 2026.

3. 2. 2 TECIDOS E AVIAMENTOS

Os tecidos, segundo Treptow (2013. p. 112), “são a matéria-prima do designer de moda”. No entanto, sua escolha é uma etapa que requer atenção, pois não depende apenas da preferência estética de quem cria, mas também da conformidade das modelagens propostas para o vestuário. Assim sendo, foi necessário que durante as pesquisas de técnicas e materiais, houvesse também a coleta de amostras, a fim de conhecer suas características, classificações e propriedades de caimento e adequação. Outro fator relevante foi minha intenção em remeter ao cetim, tecido constantemente usado pelo Mestre, de modo que a escolha do tafetá lion, da sarja e do slub se deu em razão do leve acetinado que eles apresentam. Para as camisarias brancas, escolhi a triline e para o forro das peças de crochê, o cetim faileite.

Aplicando o mesmo critério para as linhas de crochê, utilizei quatro tipos de fio: Charme, Bella Fashion, Cléa Duplo e Anne. Todos são fios de algodão que passaram pelo processo de mercerização, o que confere a eles cores mais vivas e brilho intenso, pontos importantes para a qualidade e a estética pensada para as peças da coleção. Os aviamentos consistiram em elástico, colchete, zíperes invisíveis e botões dourados em dois tamanhos.

Figura 32 - Pannel de tecidos e aviaamentos



Fonte: Google fotos, montado pela autora.

Figura 33 - Pannel de linhas e cores



Fonte: Montado pela autora, 2026.

3. 2. 3 ESBOÇOS E CROQUIS

No passo final da ideação, Merino (2020) orienta que, após a organização das informações coletadas e das estratégias do projeto, sejam definidos os conceitos globais que serão elaborados, e, por meio desses, que ocorra a geração de ideias e de alternativas. Como optei por estruturar essa coleção em quatro famílias compostas por três looks, defini quatro elementos relacionados à Bicharada como subtemas: os bonequeiros, o pavão, a serpente e a chita. Foi a partir deles que nomeei cada uma das famílias, sendo elas: “Bonequeiros na rua”, “A beleza dos Carnavais”, “Olha a serpentina!” e “O homem da Bicharada”.

No meu processo de esboçar as ideias, antes de colocar de fato no papel, comecei elaborando painéis com referências visuais e técnicas que representem esses conceitos. Aqui, os próprios vestuários utilizados pelo Mestre atuaram como inspiração e até mesmo como releituras:

Figura 34 - Painel “Bonequeiros na rua”



Fonte: Pinterest; montado pela autora.

Figura 35 - Painel “A beleza dos Carnavais”



Fonte: Pinterest; montado pela autora.

Figura 36 - Painel “Olha a serpentina!”



Fonte: Pinterest; montado pela autora.

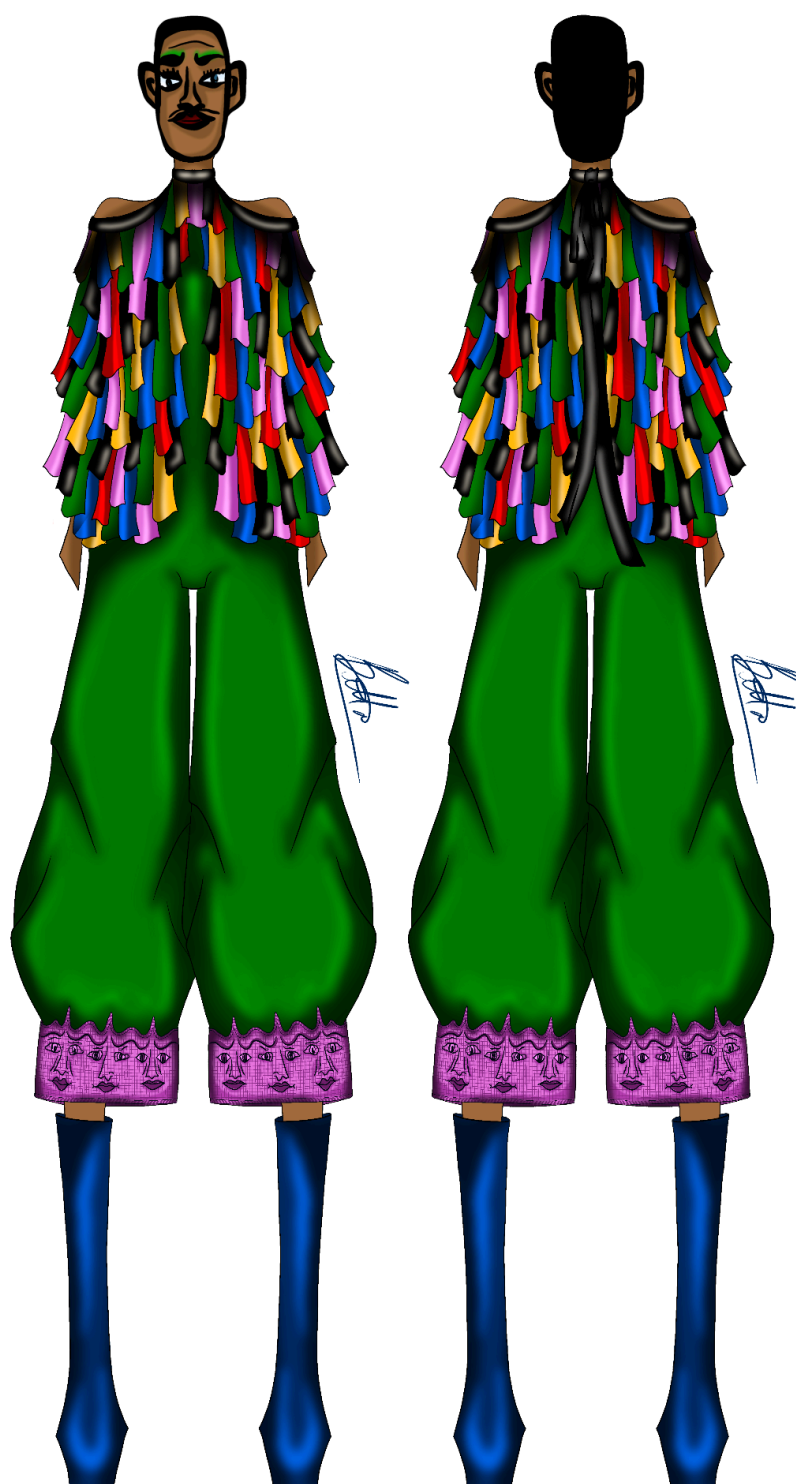
Figura 38 - Esboços



Fonte: Arquivo pessoal.

Com vários esboços, Treptow (2013) aponta que o designer pode escolher as ideias que mais lhe agradam e desenvolvê-las com mais detalhes e possibilidades. Diante de alguns esboços, dei continuidade ao meu processo escolhendo um look que represente com mais afinco a essência de cada família, e foi a partir desses peças-chave que fui desenvolvendo o restante da coleção, de modo que todos estivessem alinhados esteticamente e simbolicamente uns com os outros. De modo geral, explorei silhuetas que transitam entre os ternos, referenciando o Mestre, e os macacões folgados, em uma alusão ao traje usado no Calça Frouxa. Ao final de todos os rascunhos, 12 foram selecionados para refinamento e, assim, integrarem a coleção final:

Figura 39 - Bonequeiros na rua: Look 1



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 40 - Bonequeiros na rua: Look 2



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 41 - Bonequeiros na rua: Look 3



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 42 - A beleza dos Carnavais: Look 4



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 43 - A beleza dos Carnavais: Look 5



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 44 - A beleza dos Carnavais: Look 6



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 45 - Olha a serpentina: Look 7



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 46 - Olha a serpentina: Look 8



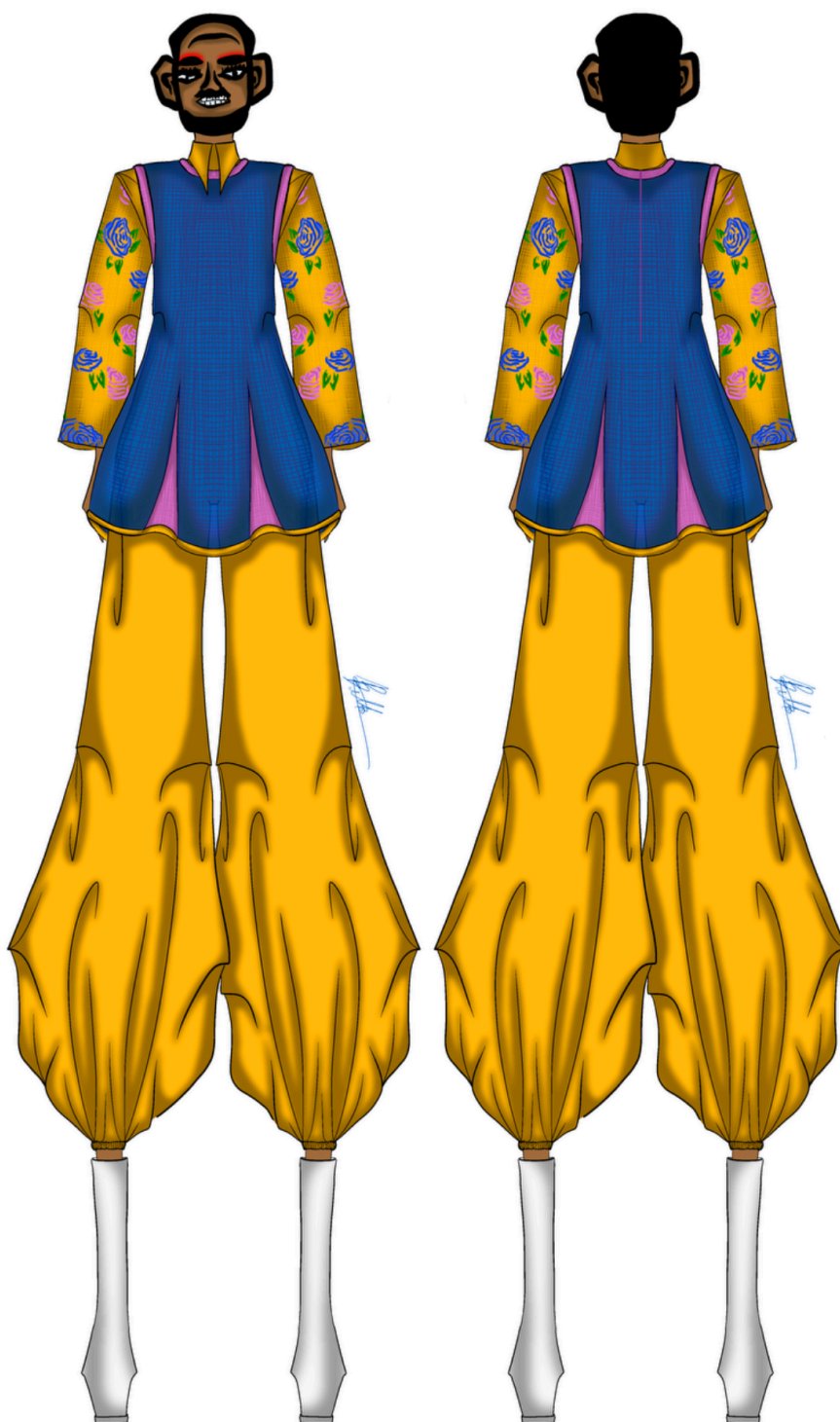
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 47 - Olha a serpentina: Look 9



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 48 - O Homem da Bicharada: Look 10



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 49 - O Homem da Bicharada: Look 11



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 50 - O Homem da Bicharada: Look 12



Fonte: Arquivo pessoal

3. 3. MODELOS FINAIS: IMPLEMENTAÇÃO

A etapa final proposta por Merino (2020) indica a materialização das ideias por meio da execução do produto de vestuário. Para esse projeto, no entanto, dos 12 looks, apenas 3 foram escolhidos para serem prototipados. Priorizei a escolha das peças que carregam maior significado dentro de seus subtemas, mas também levei em consideração aspectos produtivos: o tempo hábil para testes de modelagem, produção do crochê, união das partes em tecido e crochê, aplicação de elementos finais e ajustes. Assim, essas são as peças escolhidas:

Figura 51 - Look 5 sem peça de sobreposição



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 52 - Look 9 sem peça de sobreposição



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 53 - Look 12 sem peça de sobreposição



Fonte: Arquivo pessoal

3.3.1 PROCESSOS

Após a escolha dos desenhos, Treptow (2013) aponta que sejam estes encaminhados ao setor de modelagem, que, no meu trabalho, ficou a cargo do Ateliê Artenze e do costureiro e modelista Sandro Nadiel Sebastião da Silva. Ambos utilizaram a modelagem plana a partir da tabela de medidas antropométricas desenvolvida pelo Serviço Nacional de Aprendizagem

Comercial (Senac). Pensando que, posteriormente, tenho a intenção de realizar um ensaio de fotos e que há a possibilidade de passarem por ajustes, o look 5 foi produzido no tamanho 38 feminino, enquanto que os looks 9 e 12 foram feitos no masculino 42. Quanto ao crochê, pelo tempo e grau de dificuldade, as peças com a manualidade foram feitas por mim e mais dois artesãos: Giovanna Rodrigues Gonçalves e Carlos Daniel Amorim Oliveira.

Em referência ao mascote da Bicharada, a família que contempla o look 5 traz consigo a textura do pavão somada à cor vermelha, aludindo à imagem do Mestre, em um terno vermelho, sentado no bicho. A produção foi dividida em duas principais etapas: as partes de tecido e a parte em crochê. Quanto a esta última, em colaboração com Carlos Daniel, pensamos a melhor forma de executar a sobreposição e chegamos a conclusão de que seria ideal uma base feita com uma adaptação do ponto abacaxi, utilizando o fio Cléa Duplo Folha, cuja escolha se deu pelo efeito que o mesclado do fio possibilita. As penas foram feitas uma a uma com o Cléa Duplo Greenery, Anne Céu, Azul-bic, Bandeira e Preto, e, posteriormente aplicadas na base.

As partes em tecido foram modeladas e costuradas por Sandro Nadiel. Para a estrutura de cima, foi feito um top com elástico, fechamento em zíper e colchete na parte de trás e o balonê no final. Já a calça do tipo Aladim foi modelada a partir de uma base toda reta e adicionado o volume na parte do tornozelo, o qual, assim como o cós, foi feito todo em elástico, a fim de viabilizar, futuramente, o uso das peças em outros corpos.

Figura 54 - Painel de processos look 5

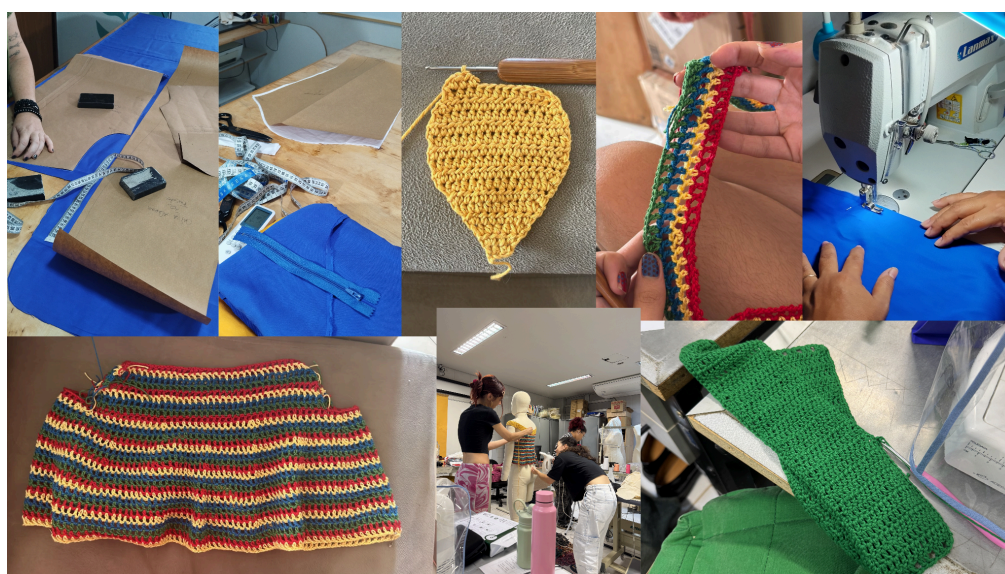


Fonte: Sandro Nadiel Sebastião; Carlos Daniel Oliveira.

A família “Olha a serpentina!” foi estruturada a partir da imagem da gigante cobra feita para o Bloco e referenciando o produto festivo comumente utilizado no Carnaval; aqui, foram retratadas por meio de carreiras em cores diferentes, como se fossem várias cobras. Pensar na execução do look 9 exigiu que, antes de mais nada, pensasse na construção da camisa de cima, que, inicialmente, seria feita com a estrutura em crochê acoplada ao tecido. No entanto, pensando que essas partes juntas poderiam fazer com que a trama pesasse sobre o tecido, junto com o Ateliê Artenze, optei por dividi-la em duas peças: um cropped de alfaiataria e uma regata sobreposta. Foi utilizado o Slub na cor topázio para o cropped com abotoamento embutido e na calça com cós de elástico.

A sobreposição foi feita por Roberta Duarte. De início, a cobra que rodeia os ombros, e que também se assemelha a uma gravata, seria no ponto casca de de limão, mas ao fazer os aumentos e diminuições, logo percebemos que não estava funcionando, e por isso, trocamos pelo ponto alto com a linha Charme na cor Mostarda, o que possibilitou estrutura e acabamento mais delicado, mas sem torná-la pesada. O restante da regata foi feito todo em ponto alto, pulando um ponto da carreira de base e em quatro tonalidades do fio Anne, sendo elas o Carmim, Solar, Royal e Trevo. Para o cinto, foi utilizada a Charme na cor Bandeira, no ponto alto. Para unir as partes, montei no próprio manequim, realizei o processo de blocagem, que consiste em passar o ferro a vapor na peça para moldá-la, e finalizei à mão costurando a cobra à regata.

Figura 55 - Painel de processos look 9



Fonte: Ateliê Artenze; Roberta Duarte.

O último look foi, certamente, o mais desafiador, mas o mais importante a ser confeccionado, visto que é uma releitura do traje rosa utilizado pelo Mestre, mas trazendo uma nova roupagem para a chita, que, aqui, ganhou tridimensionalidade através da manualidade. Inicialmente, testei alguns pontos para saber qual poderia conferir melhor acabamento, estrutura e harmonia, mas sem pesar a peça, e, assim, o escolhido foi o casca de limão.

A saia e o blazer foram modelados por Ariane Moraes, do Ateliê Artenze, e a partir destes moldes, desenvolvi a trama em crochê com o fio Bella Fashion na cor Dijon. Para as flores feitas por Giovanna Rodrigues, escolhi duas tonalidades de rosa, Tutti Frutti e Rosa Candy, e azul, Azul bic e Turquesa, a fim de conseguir o efeito de profundidade que as flores da chita normalmente tem. O blazer foi forrado com percal após a aplicação das flores. A camisa de alfaiataria com abotoamento embutido foi feita em tricoline e a calça em sarja.

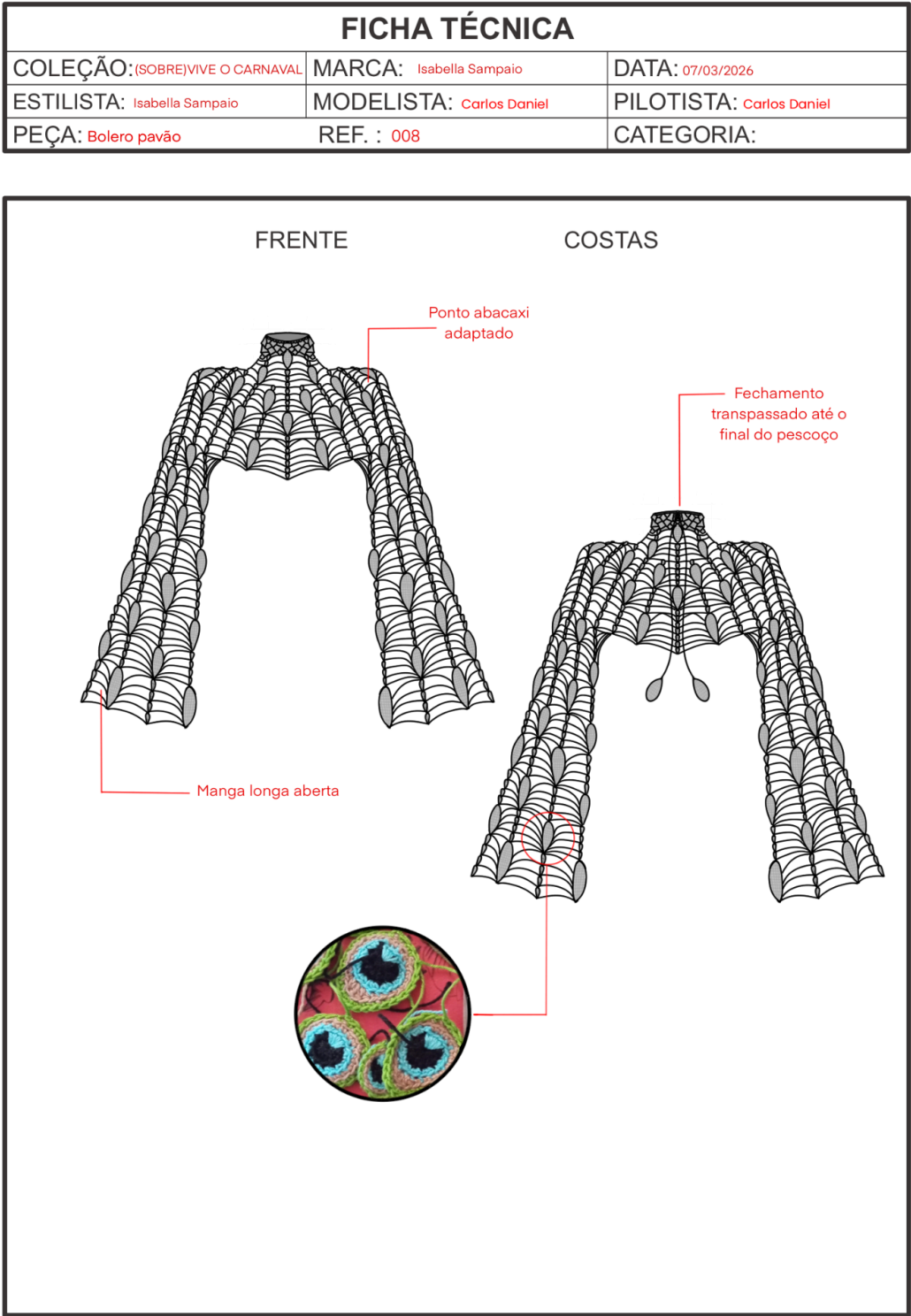
Figura 56 - Painel de processos look 12



Fonte: Ateliê Artenze; arquivo pessoal.

3.3.2 FICHAS TÉCNICAS

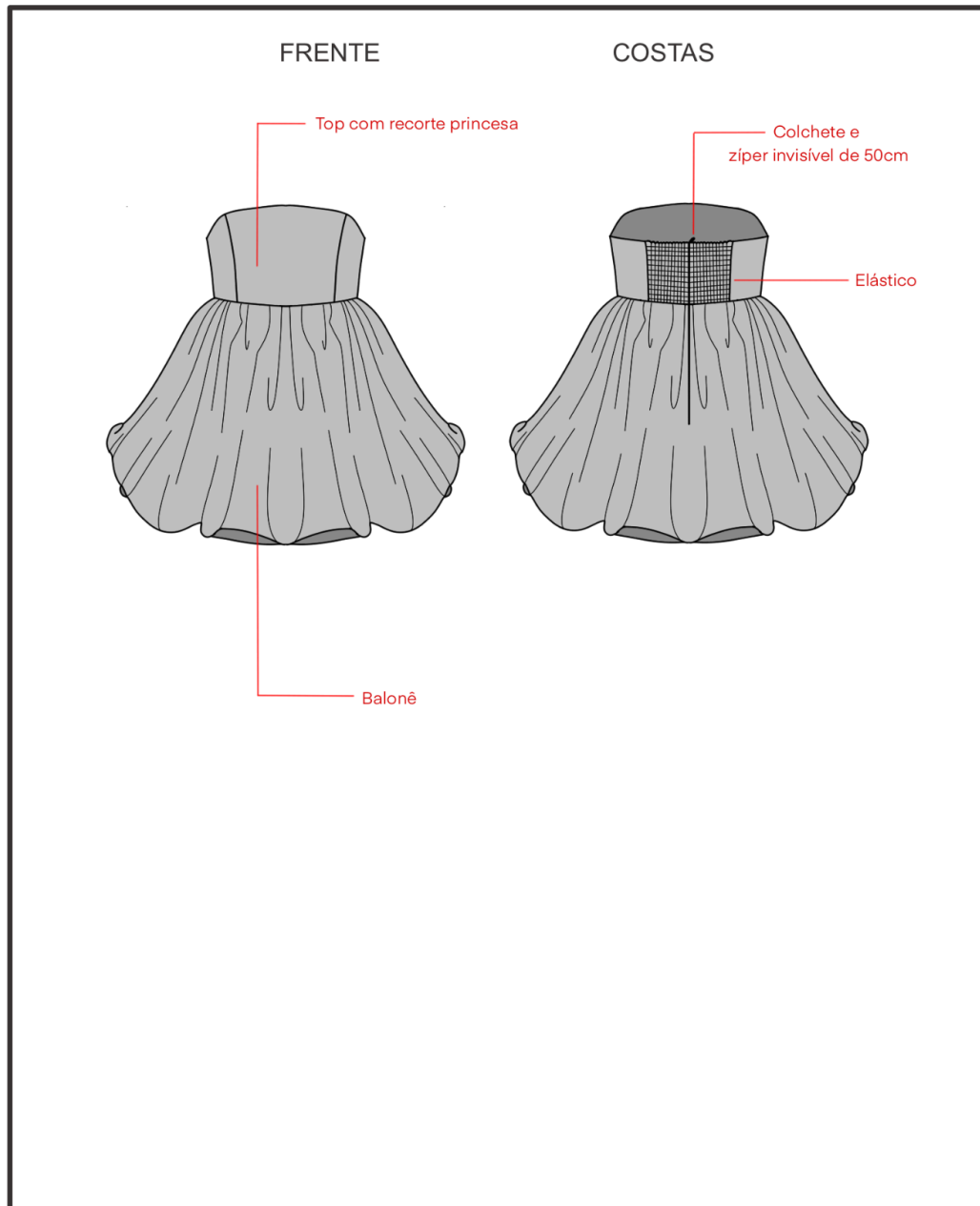
Figura 57 - Ficha técnica 1 bolero pavão



Fonte: Arquivo pessoal.

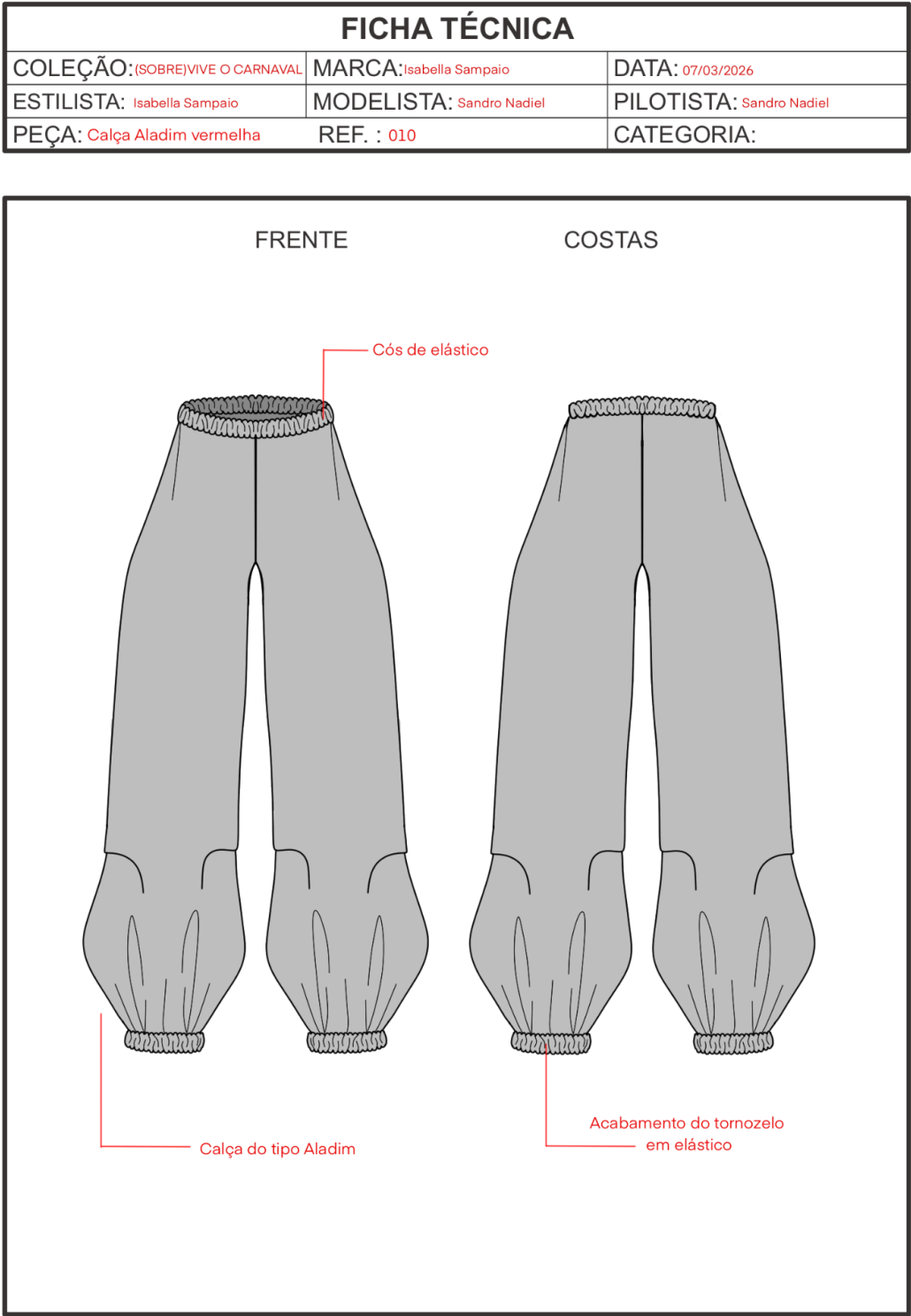
Figura 59 - Ficha técnica 1 vestido balonê

FICHA TÉCNICA		
COLEÇÃO: (SOBRE)VIVE O CARNAVAL	MARCA: Isabella Sampaio	DATA: 07/03/2026
ESTILISTA: Isabella Sampaio	MODELISTA: Sandro Nadiel	PILOTISTA: Sandro Nadiel
PEÇA: Vestido balonê	REF. : 009	CATEGORIA:



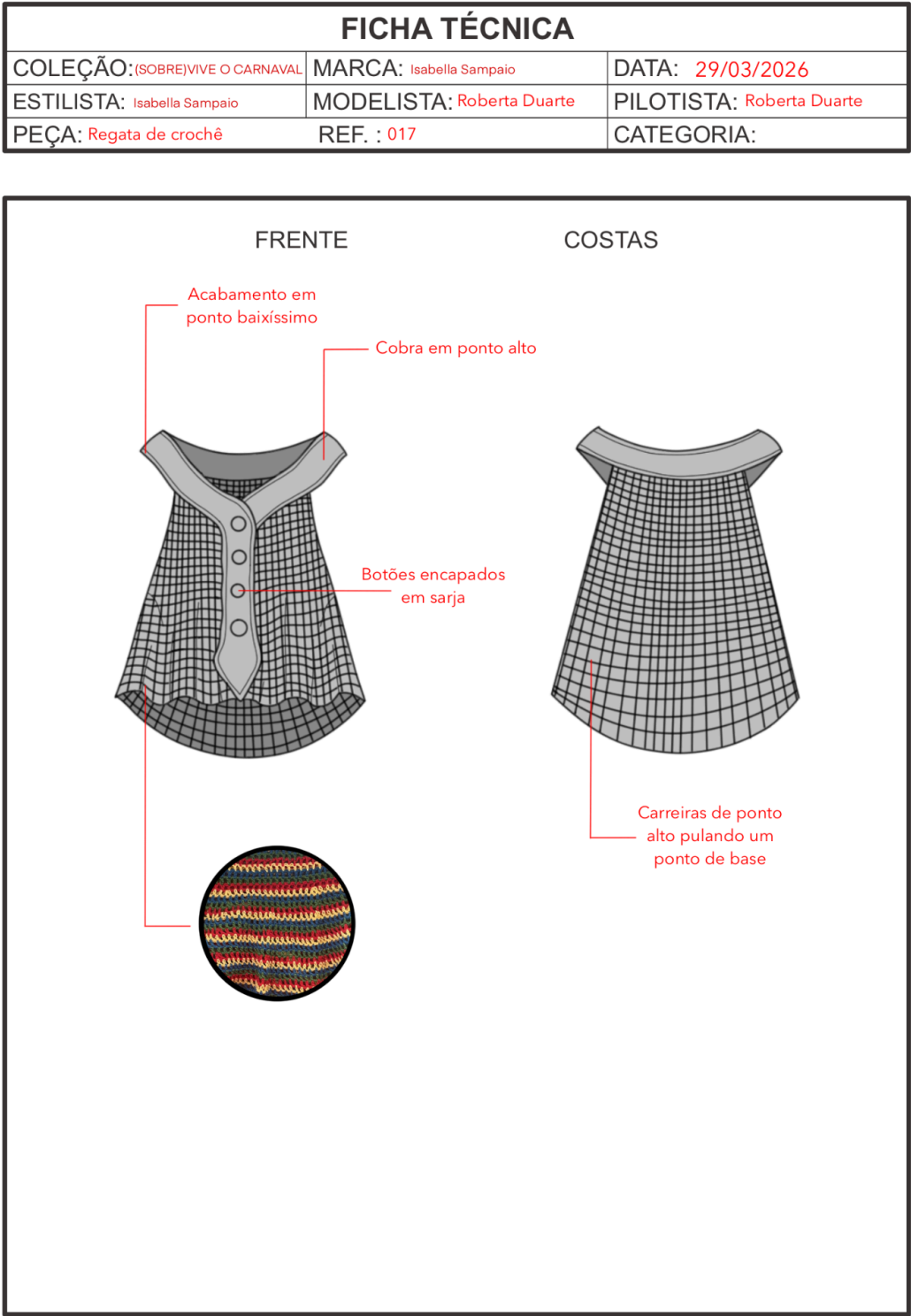
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 61 - Ficha técnica 1 calça Aladim vermelha



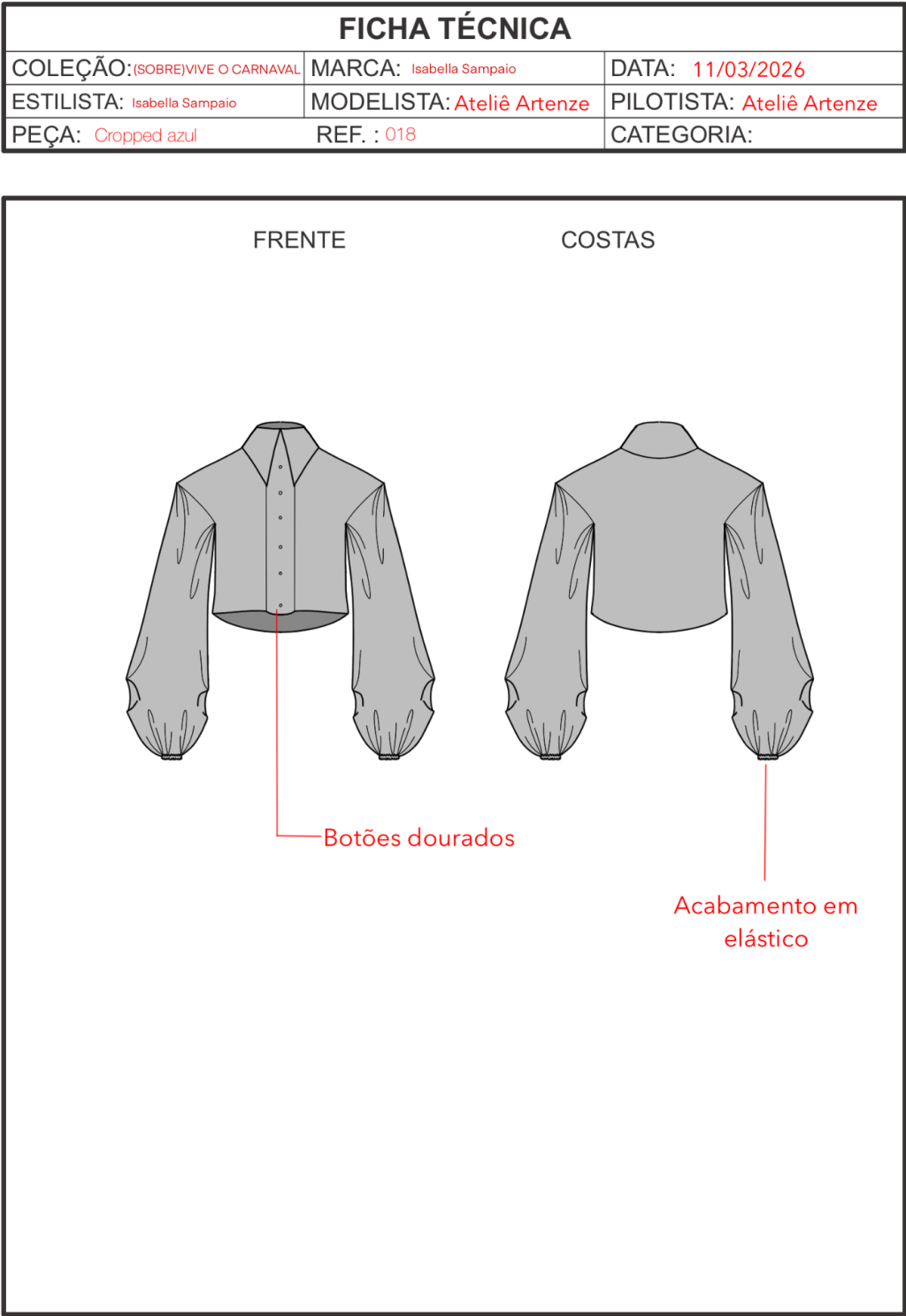
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 62 - Ficha técnica 1 sobreposição cobra



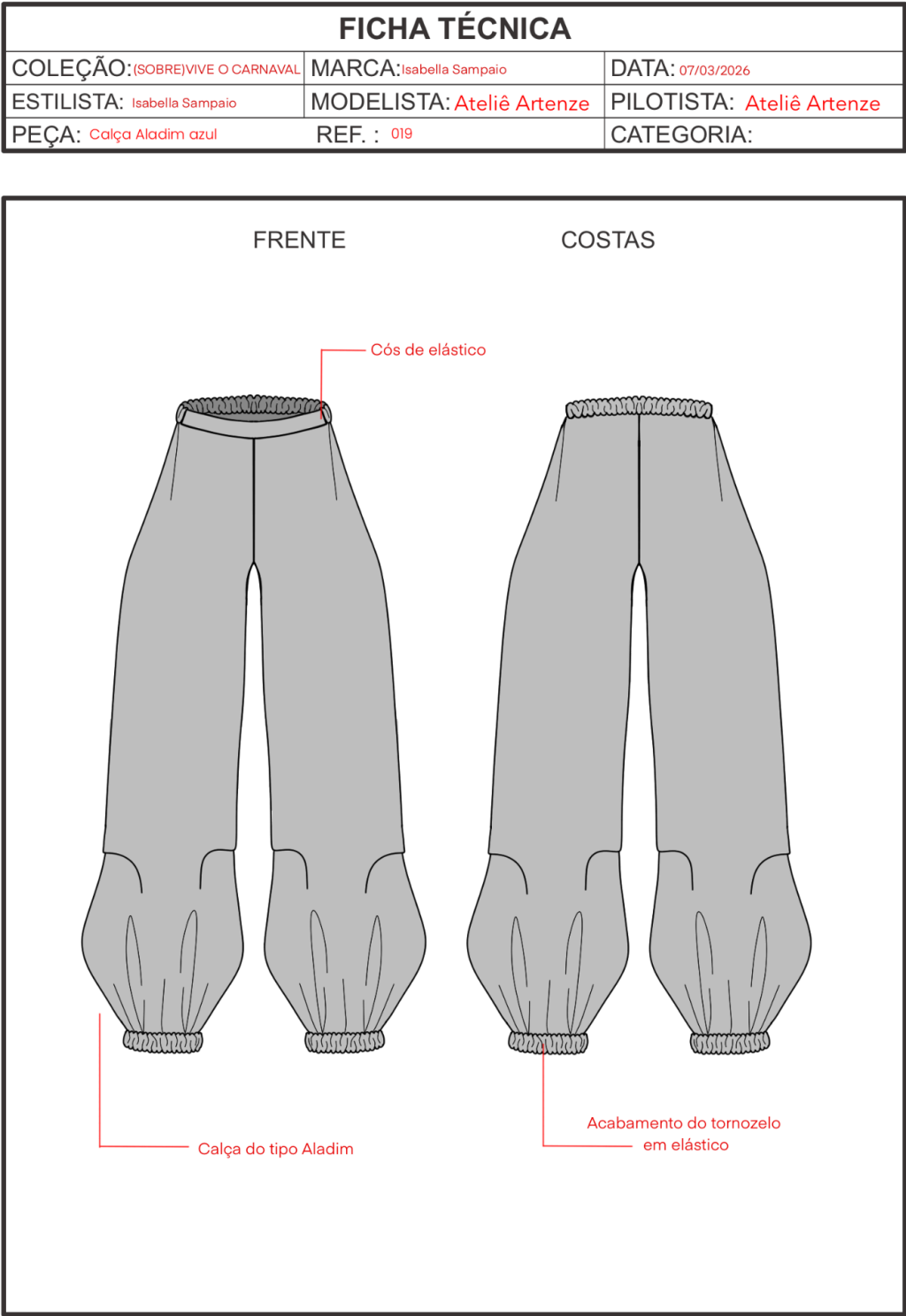
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 64 - Ficha técnica 1 cropped alfaiataria



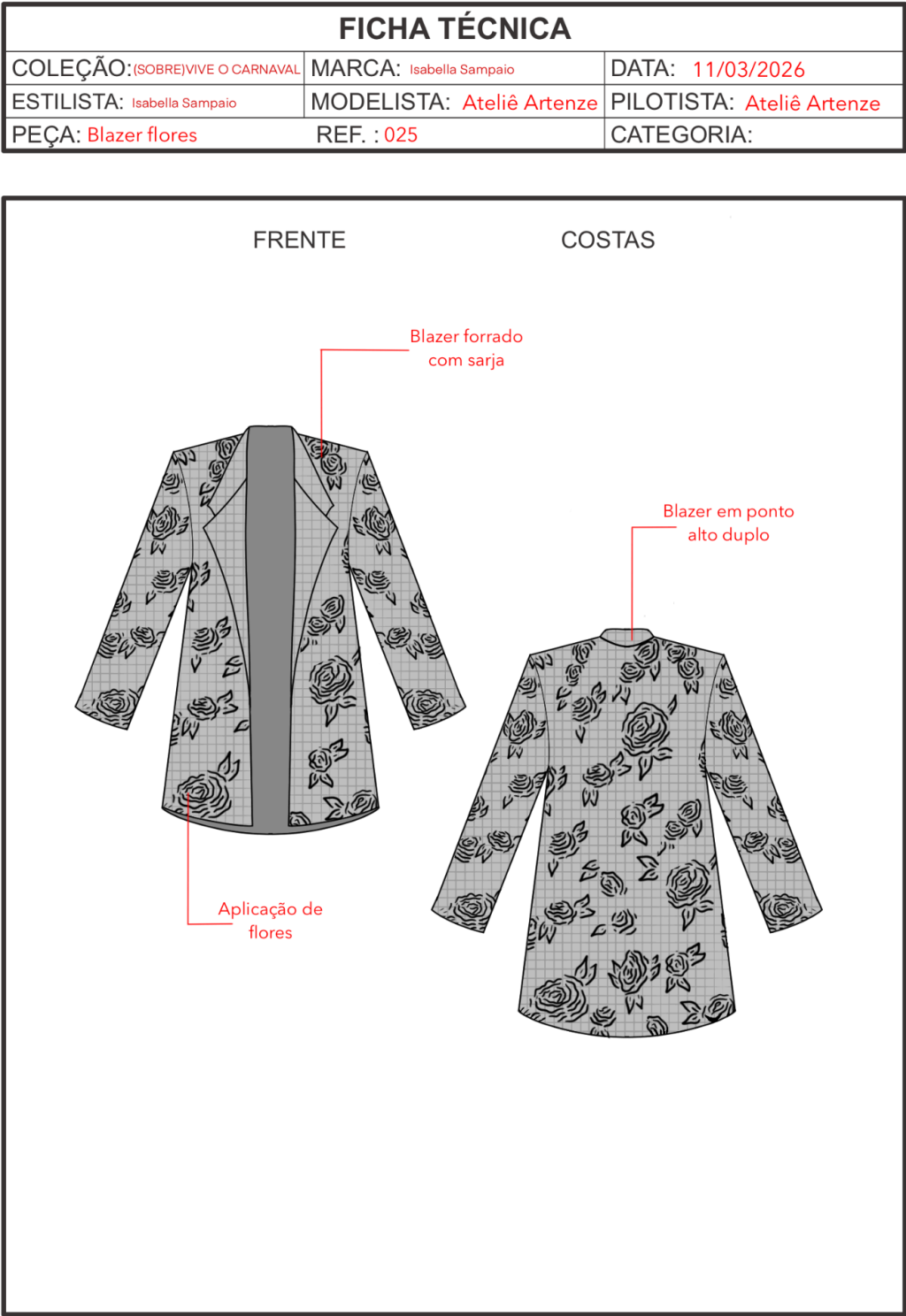
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 66 - Ficha técnica 1 calça Aladim azul



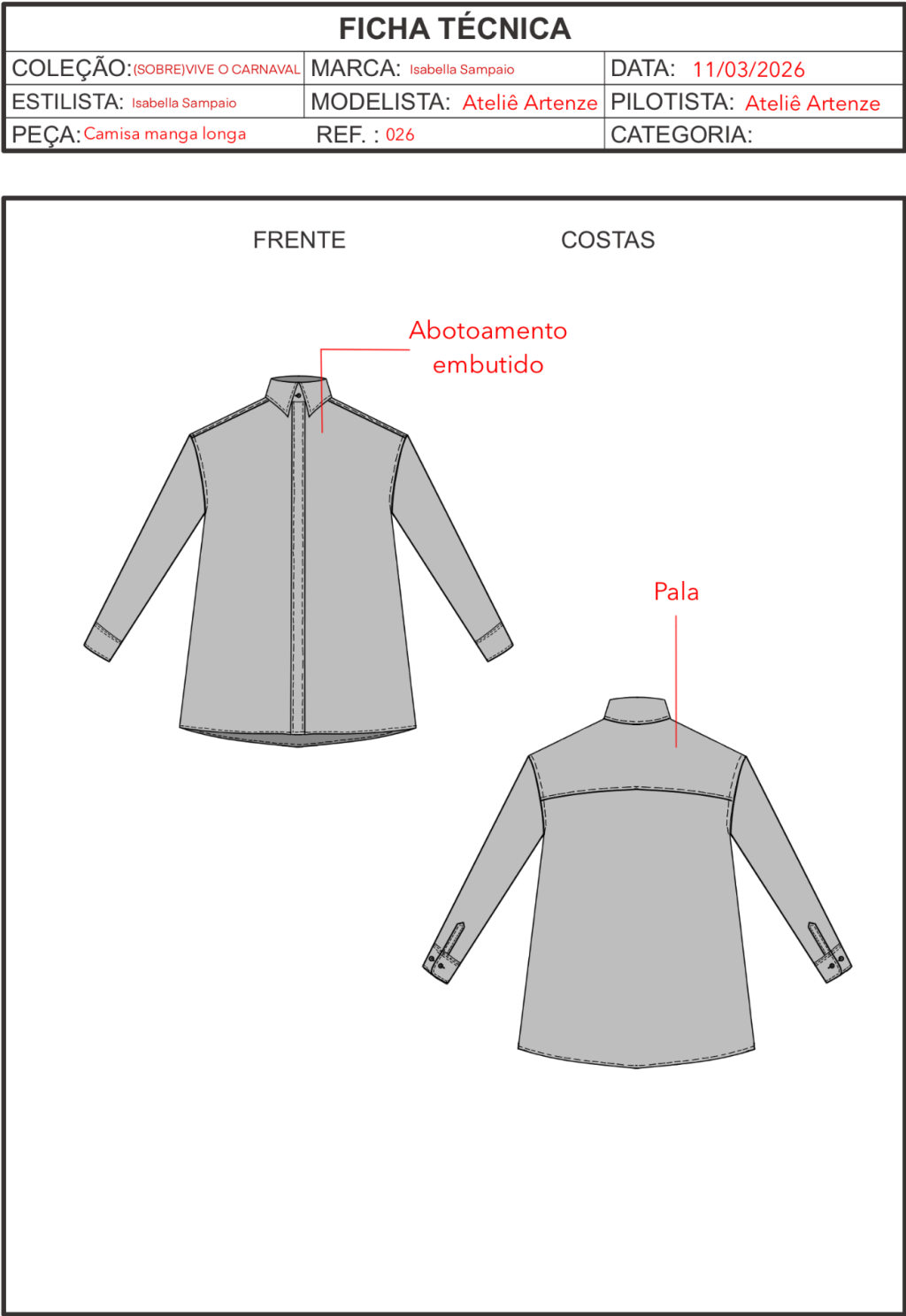
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 68 - Ficha técnica 1 blazer flores



Fonte: Arquivo pessoal

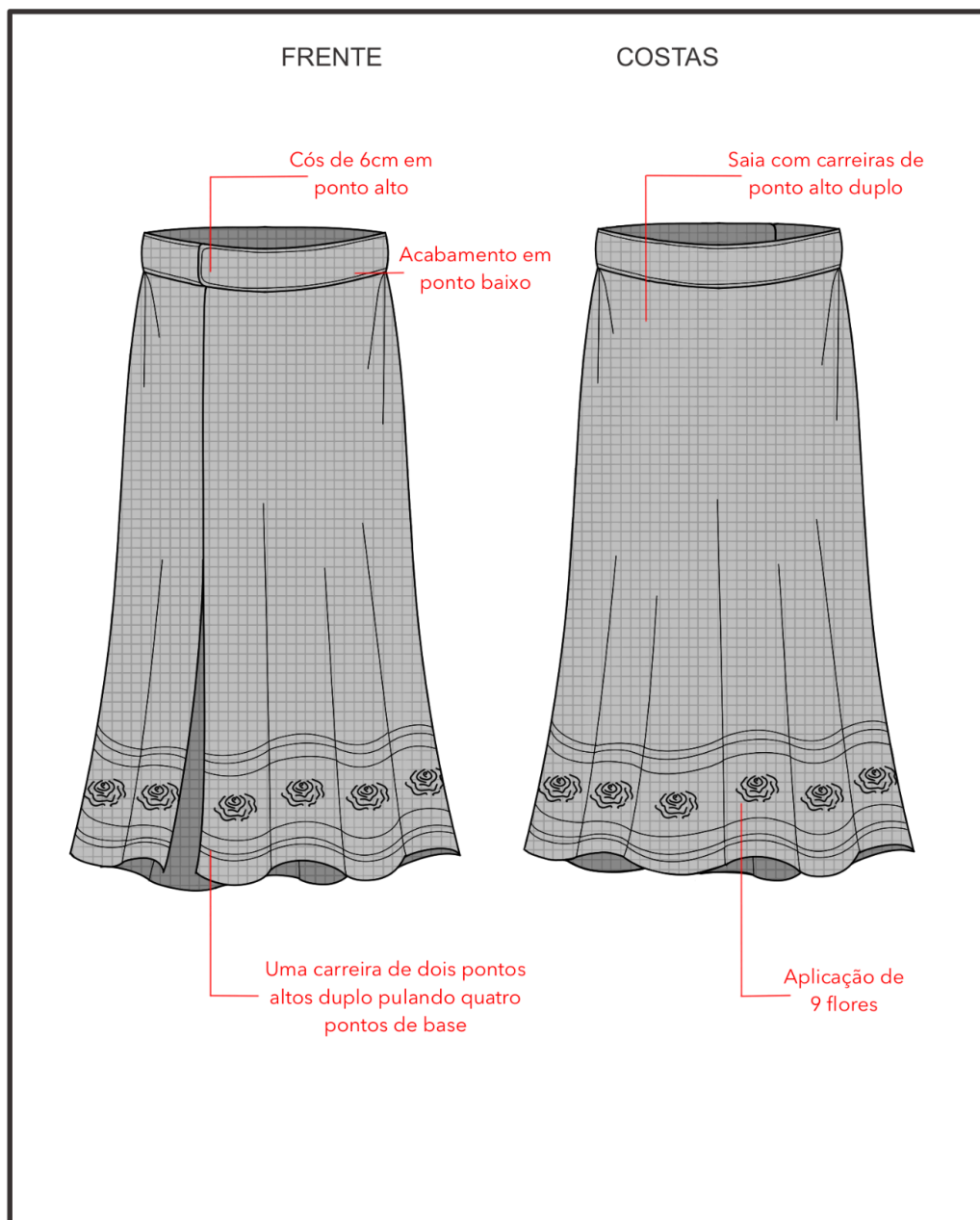
Figura 70 - Ficha técnica 1 camisa alfaiataria



Fonte: Arquivo pessoal

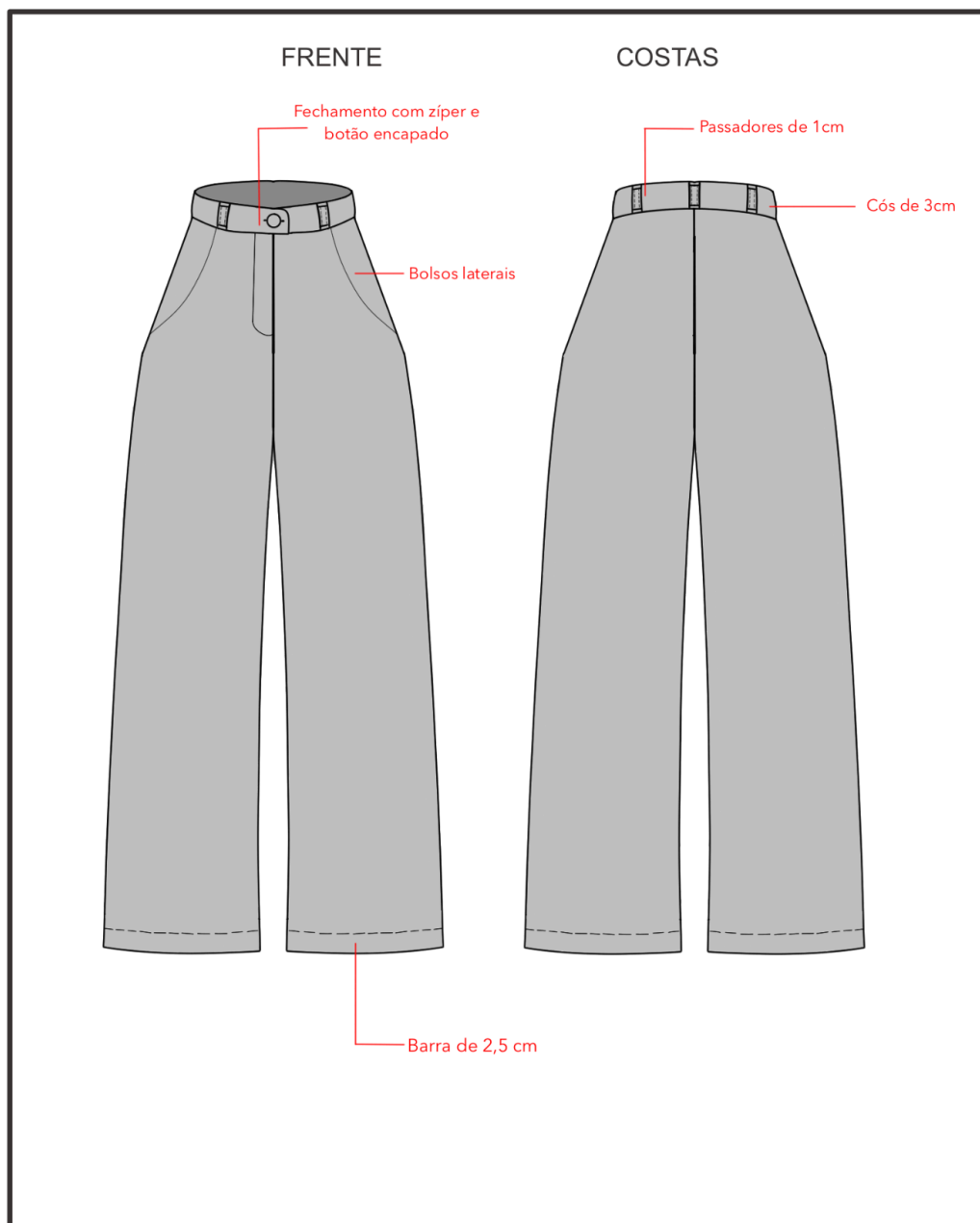
Figura 72 - Ficha técnica 1 saia crochê

FICHA TÉCNICA		
COLEÇÃO: (SOBRE)VIVE O CARNAVAL	MARCA: Isabella Sampaio	DATA: 11/03/2026
ESTILISTA: Isabella Sampaio	MODELISTA: Ateliê Artenze	PILOTISTA: Isabella Sampaio
PEÇA: Saia flores	REF. : 027	CATEGORIA:



Fonte: Arquivo pessoal

FICHA TÉCNICA		
COLEÇÃO: (SOBRE)VIVE O CARNAVAL	MARCA: Isabella Sampaio	DATA: 11/03/2026
ESTILISTA: Isabella Sampaio	MODELISTA: Ateliê Artenze	PILOTISTA: Ateliê Artenze
PEÇA: Calça alfaiataria	REF. :028	CATEGORIA:



Fonte: Arquivo pessoal

3. 4. LOOKS FINAIS

Figura 76 - Painel resultado final look 5



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 77 - Painel resultado final look 9



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 78 - Painel resultado final look 12



Fonte: Arquivo pessoal.

4. VIVE O MESTRE JAIME: CONSIDERAÇÕES

Para finalizar meu trabalho, julgo necessário retomar a seguinte questão: De onde veio o Carnaval? Inicialmente, minha pesquisa teve como foco compreender as origens dos festejos carnavalescos em Pernambuco e, sobretudo, do Bloco da Bicharada do Mestre Jaime. De fato, a bibliografia mostrou que o início do Carnaval brasileiro está diretamente ligado à nossa colonização através do entrudo português, enquanto que as entrevistas com Jaime Alves Conserva Filho e Cleuza Pereira do Nascimento revelaram os costumes dos antigos Carnavais de Salgueiro e também como a Bicharada surgiu.

Mas a pergunta que se fez presente ao longo de todo o meu trabalho é: Para onde ele vai? Através de Bakhtin e DaMatta, entender o Carnaval enquanto a vida festiva do povo que

reflete seus desejos e fantasias, evidenciou o Bloco da Bicharada como materialização da visão de mundo de seu criador, Jaime Alves Conserva, cujas memórias aqui relatadas expõem uma vivência pautada na alegria, fantasia e irreverência de um verdadeiro amante do Carnaval. Ao longo do percurso, entendi que, na verdade, a obra de arte a ser compreendida não era exatamente o Bloco, mas o próprio Mestre Jaime.

Embora o objetivo de fazer uma coleção a partir dos aspectos visuais e históricos da Bicharada do Mestre Jaime tenha sido alcançado, foi um projeto desafiador, pois não consistiu apenas em retratar, esteticamente, às imagens referentes ao Bloco, mas de transmitir no desenho e nos conceitos um modo de vida pautado na liberdade do espírito carnavalesco. Assim, considero que a coleção carrega a mensagem de que o futuro das festividades segue o caminho daqueles que ousam em abraçar a autenticidade e a loucura de pensar novos Universos de referência.

A execução das peças só foi possível pelo apoio e colaboração dos profissionais envolvidos que me auxiliaram na escolha das melhores formas de concretizar as ideias, principalmente diante do grau de dificuldade de algumas, em especial as que envolviam o crochê e o caimento que ele teria. Em 12 looks, aspectos visuais que fazem referência ao Bloco foram retratados de modo que pude traçar uma narrativa que dialoga com a pesquisa, com o Carnaval e o Mestre. Para a apresentação final deste trabalho, dos três look prototipados, o blazer do último, no entanto, não ficou pronto a tempo, mas, posteriormente, foi concluído.

Por fim, considerando o último objetivo específico, do retorno à cidade e às novas gerações, embora, pelo tempo, não tenha acontecido de uma forma mais concreta com fotos profissionais, exposição e desfile, espero que, a priori, a presença deste trabalho possa servir como referência para àqueles que escolham se aventurar pelas loucuras do Mestre e levá-lo a outros espaços. Mas, para além da academia, ainda tenho a pretensão de explorar as peças na fotografia, no audiovisual e na literatura, com a finalidade de, quanto mais espaços o Bloco ocupar, mais a certeza de que vive o carnavalesco; afinal, enquanto viver Mestre Jaime, sobrevive a Bicharada, e enquanto sobrevive a Bicharada, sobrevive o Carnaval de Salgueiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Carnaval do Recife: a alegria guerreira**. Dossiê Nordeste I. Estud. av. 11 (29). Abr 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SD76PvpDqyxPtgC7NZQB7qd/> . Acesso em: 16 jul. 2025

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

CARNAVAL de Pernambuco é reconhecido como manifestação cultural por lei. **CNN Brasil**, 22 mai. 2025. Viagem & Gastronomia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/viagem/carnaval-de-pernambuco-e-reconhecido-como-manifestacao-cultural-por-lei/> . Acesso em: 31 jul. 2025

COSTA, Maria das Graças Vanderlei da. **Os Caretas de Triunfo: a força da brincadeira**. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/819/1/arquivo4352_1.pdf . Acesso em: 03 ago. 2025

COSTA, Maria das Graças Vanderlei da. **Lugares, Tradições e Rostos: Máscaras no Carnaval de Pernambuco, Objetos que Falam sem Calar Sujeitos**. Tese de Doutorado em Antropologia Vol. 1 - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11905/1/PDF%20VOL1a.pdf> . Acesso em: 04 jul. 2025

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012. *E-book*.

DANTAS, Júlio. **O entrudo lisboeta no século XVIII**. Gazeta de Notícias: Rio de Janeiro, 21 fev. 1909, N. 52, p. 02. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1909_00052.pdf . Acesso em: 23 jul. 2025

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

FACCA, Cláudia Alquezar. **O Designer como Pesquisador: Uma abordagem metodológica da pesquisa aplicada ao design de produtos**. 4. ed. São Paulo, SP: Blücher, 2011.

MESQUITA, Cristiane. Roupas - Território da Existência. **Fashion Theory: A revista da Moda, Corpo e Cultura - edição brasileira**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 115-126, jun. 2002.

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz; VARNIER, Thiago; MAKARA, Elen. Guia de orientação para o desenvolvimento de projeto – GODP – aplicado à prática projetual no design de moda. **ModaPalavra**, Florianópolis, V. 13, N. 28, p. 8-47, abr./jun. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/15386/11294>. Acesso em: 24 jul. 2025.

MORONI, Benedito de Godoy. **CARNAVAL: Origem, evolução e Presidente Epitácio.** Presidente Epitácio, SP: Do Autor, 2011. E-book. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/bibliografia/pdf/livro-carnaval-presidenteepitacio.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2009.

PRECIOSA, Rosane. **Produção Estética: Notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida.** São Paulo, SP: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife.** Recife: CEPE Editora, 2019. *E-book*.

TREPTOW, Doris. **Inventando Moda: Planejamento de coleção.** 5. ed. São Paulo, SP: Edição da Autora, 2013.

APÊNDICE A - ROTEIRO APLICADO À JAIME ALVES CONSERVA FILHO

O CARNAVAL DO INTERIOR

- 1 - Qual a relação do(a) entrevistado(a) com o Carnaval? (Pedir para falar a partir de qual ano se recorda de comemorar o Carnaval e o que faz com que continue comemorando)
- 2 - Como era o Carnaval de Salgueiro antigamente até chegar aos dias de hoje? (Pedir para traçar uma cronologia dos festejos)
- 3 - Como se vivia o Carnaval de Salgueiro? (O que as pessoas vestiam; quais músicas ouviam; como brincavam)

JAIME ALVES CONSERVA: DO ALFAIATE AO MESTRE CARNAVALESCO

- 4 - Quem era o Mestre Jaime antes da Bicharada? (Falar da vida dele como um todo, infância, adolescência, vida adulta)

A BICHARADA DO MESTRE JAIME

- 5 - O que o motivou a criar a Bicharada?
- 6 - Como foram os primeiros anos do bloco? (Como ele funcionava; quem fazia parte dele; como as pessoas iam vestidas, quem financiava)
- 7 - Ao longo dos anos, quais as dificuldades que o Mestre Jaime enfrentou para continuar mantendo o bloco?

BONECOS

- 8 - De onde veio a ideia de fazer os bonecos?
- 9 - Quais as referências que ele usava para escolher que tipos de bonecos iria fazer?
- 10 - Como eles eram feitos? (Técnicas, origem da matéria-prima, quem participava da confecção)

LEGADO

- 11 - Como é, hoje, a Bicharada do Mestre Jaime sem o Mestre Jaime?
- 12 - Como o(a) entrevistado(a) descreveria a importância da Bicharada do Mestre Jaime para a cultura de Salgueiro e de Pernambuco?

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO JAIME
ALVES CONSERVA FILHO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr. JAIME ALVES CONSERVA FILHO para participar do Trabalho de Conclusão de Curso **"Sobre(vive) o Carnaval: um projeto de coleção desenvolvido a partir dos aspectos visuais e históricos da Bicharada do Mestre Jaime"**, sob a responsabilidade da pesquisadora Isabella Sampaio Silva, aluna do curso de graduação Bacharelado em Design, com habilitação em moda, pela Universidade Federal do Cariri. A aluna pretende traçar uma cronologia acerca do Carnaval da cidade de Salgueiro-PE, do bloco da Bicharada do Mestre Jaime, do seu fundador, Jaime Alves Conserva, bem como das técnicas e das simbologias presentes nos bonecos do bloco e de sua trajetória, de modo que, ao final do trabalho, todos os dados coletados sejam traduzidos em elementos têxteis que resultarão em uma coleção de moda autoral.

Se o Sr aceitar participar, as respostas obtidas por este trabalho poderão contribuir para a memória da cultura, bem como para o avanço dos estudos do campo da moda. O Sr não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração referente a este trabalho. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Os resultados da pesquisa serão analisados pelos docentes da banca examinadora e disponibilizados após a apresentação e aprovação da banca como Trabalho de Conclusão de Curso em que sua identidade será divulgada.

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma devolutiva *com a apresentação do trabalho final e através de um exemplar físico contendo os resultados do trabalho*.

Para qualquer outra informação, o Sr poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (87) 999660598 e pelo e-mail: isabella.sampaio@aluno.ufca.edu.br.

Isabella Sampaio Silva

Assinatura da pesquisadora responsável

Jaime Alves Conserva Filho

Assinatura do participante da pesquisa

Salgueiro, 06 de setembro de 2025

APÊNDICE C - ENTREVISTA JAIME ALVES CONSERVA

Data da entrevista: 06 de setembro de 2025

Nome: Jaime Alves Conserva Filho

Data de nascimento: 03 de novembro de 1949

Cidade de origem: Salgueiro - PE

Profissão: Artista Plástico

Isabella Sampaio Silva: Primeiramente, gostaria de agradecer ao senhor por se dispor a fazer parte da minha pesquisa. É muito importante pra mim que o senhor participe, eu fico muito feliz e agradeço. Eu vou começar com algumas perguntas só para identificar primeiro o senhor certinho, certo?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim.

Isabella Sampaio Silva: Então o senhor pode começar dizendo o nome completo do senhor.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu sou Jaime Alves Conserva Filho, o segundo filho na ordem de nascença dos outros sete do Mestre Jaime.

Isabella Sampaio Silva: O senhor nasceu em que ano?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Em 1949. No dia 03 de novembro de 49.

Isabella Sampaio Silva: Ó, somos de novembro. Eu também sou, eu e meu pai.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Vocês são de novembro?

Isabella Sampaio Silva: Uhum, meu pai é dia 08. Pertinho do senhor. Tá vendo? Gente que vive o Carnaval é assim.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pois é.

Isabella Sampaio Silva: Cidade de origem? Aqui mesmo, Salgueiro?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu sou natural de Salgueiro. Saí daqui só pra fazer curso superior em Recife, mas nunca saí daqui da cidade não.

Isabella Sampaio Silva: Legal! E a profissão do senhor?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A minha formação é Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Recife. Desenho e Artes Plásticas.

Isabella Sampaio Silva: Pronto, podemos começar. As primeiras perguntas são mais pra entender qual é a relação que o senhor tem com o Carnaval mesmo, como o senhor vive o Carnaval, certo? Então a primeira pergunta é qual é a relação que o senhor tem com o Carnaval? E aí o senhor pode falar a partir de qual ano o senhor se recorda de já começar comemorar o Carnaval e como que era. Sinta-se livre pra falar que quiser.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Alguma coisa, né? Olhe, veja só, por ser filho do Mestre Jaime, então eu já nasci no âmbito carnavalesco, porque a casa da gente era o ateliê dele, tudo que era confeccionado, na época, era já na casa da gente. Na época, as casas tinham muro à vontade, tinha essas coisas, e lá nesse muro ele tinha uma chamada latada, onde nesta latada ele fazia a preparação das máscaras. Primeiro fazia a forma em barro e aí a gente começava quando criança, pela curiosidade de ser criança e querer fazer alguma coisa, né? E ele já induzia a gente a massajar barro, fazer aquele preparo todinho e a gente já ia fazendo as nossas próprias máscaras. Então o Carnaval, pra mim, ele é desde que eu me entendo por gente, porque eu cresci nesse âmbito totalmente carnavalesco, tá certo. E a título de esclarecimento ainda também, o Mestre Jaime não fazia coisa de Carnaval só no período carnavalesco, como se, tipo, faltando um mês, dois meses é que ele começaria a preparar para o Carnaval. Não. Ele o ano todo fazia Carnaval, era uma coisa incrível. Ele tinha a profissão de alfaiate e motorista, além de outras coisas, de artesanato, então ele era um cara poliativo, eram várias atividades. Mas sempre que ele dispunha de tempo dele, era fazendo alguma coisa pra Carnaval. Isso o ano todo, era a diversão, o oxigênio dele era Carnaval.

Isabella Sampaio Silva: Ele vivia o Carnaval.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, vivia o Carnaval. Eu acho que é aquela mesma doença que existe do político: o político que é político respira política toda hora e todo dia. Não é assim?

Isabella Sampaio Silva: Pois é.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Ele era esse tipo de gente. Ele respirava Carnaval o ano inteiro. Agora, não era nada programado. Ele ia vendo as coisas e ia pegando aquele momento; a ideia de fazer um animal, de reproduzir um animal, de uma determinada roupa, uma determinada altura de boneco ou alguma coisa que chamasse atenção. O dia a dia ia mostrando para ele.

Isabella Sampaio Silva: Era o próprio ambiente dele que mostrava, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): O próprio ambiente que mostrava. Ele não tinha projeto nenhum de nada. E outra coisa interessante que eu acho que aí não é um mal só dele, é o mal de todo artista, porque eu também vivo esse comportamento. A gente não faz, o artista não faz nada naquela intuição de aparecer, é claro que toda regra tem exceção, pode ser que exista algum artista que faça isso, mas aquela de já fazer sabendo que tá fazendo futuro, que vou com esse objetivo e tal. Não. O artista faz o que ele gosta de fazer.

Isabella Sampaio Silva: Ele sente e aí acaba que as pessoas...

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É o prazer dele. Vamos a um exemplo bem prático: eu estou com 76 anos e não consegui parar de trabalhar, entendeu? Agora mesmo eu estou confeccionando uma estátua ali para um rapaz de Aracaju, porque se eu parar, eu perco o objetivo de vida, tá certo? Então enquanto eu tiver domínio do meu corpo, das minhas ideias e da minha mente, eu vou trabalhando sem me preocupar com nada. A mesma coisa era com Mestre Jaime, morreu aos 98 anos de idade fazendo atividade carnavalesca.

Isabella Sampaio Silva: Legal. Acho que a primeira morte do artista é parar de fazer sua arte, né.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Concordo. Essa é uma frase até emblemática que você acabou de dizer. A primeira morte do artista é exatamente na hora que ele para, de não conseguir fazer mais nada que ele gosta e que ele quer.

Isabella Sampaio Silva: E acho que é interessante porque eu vi o documentário, né, de Mano, e uma das músicas que ele cita que é a preferida dele é aquela marchinha que é “eu não vou, vão me levando...”

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): “Eu não vou, vão me levando, vão me empurrando. Desse jeito eu tenho que ir”.

Isabella Sampaio Silva: E eu acho que ele foi muito isso, porque ele passou a vida toda produzindo até o último dia e ele foi... foram levando ele.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Até o último dia. Rapaz, a resistência dele era uma coisa tão danada que a gente já estava preparando o centenário dele, tá certo. Aí infelizmente veio a Covid, e a Covid levou desde pessoas idosas quanto ele, como atletas de saúde absoluta e a Covid levou. Então aquilo foi um momento ímpar da humanidade, né, e que aquela praga levou muita gente que não deveria ter levado, inclusive.

Isabella Sampaio Silva: Sim. Muita gente de muita vida, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): De muita vida. De muita coisa para dar à humanidade, muita coisa para oferecer. Mas é uma coisa que não depende da gente.

Isabella Sampaio Silva: Não tá no nosso controle, infelizmente. Aproveitando que o senhor falou que ele era alfaiate e uma curiosidade que eu tenho muito grande: ele fazia para vender os ternos ou ele fazia para uso próprio?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Olhe, veja só, até a década de 70, aproximadamente, foi quando começou a aparecer fábricas de roupas, porque as fábricas, até então, fabricavam apenas o tecido, tá certo.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E aí os alfaiates e as costureiras é que confeccionavam as roupas para os clientes. Então era mais uma profissão dele, o alfaiate, tá certo? Ele tinha uma alfaiataria aqui em Salgueiro e ele confeccionava roupa para tudo quanto é de pessoa, desde um simples calção, até o terno. Autoridades, políticos, médicos, tal e tal, que usavam muito terno nessa época, ele fazia muitos ternos. Só que tinha uma diferença. Os ternos que ele fazia para as autoridades, ele procurava obedecer o gosto do cliente, e o cliente, é claro, que ia dizer para ele mais ou menos o estilo e mais ou menos o que deveria ser feito em função da moda da época. O que ele fazia para ele, aí não! Aí pouca gente tinha coragem de usar.

Isabella Sampaio Silva: E eu acho icônico cada terno que ele usa.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E nós temos o acervo dele aí, de boa parte das coisas dele, e um dos nossos objetivos é montar um memorial Mestre Jaime.

Isabella Sampaio Silva: Incrível!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E a gente tá guardando esses ternos, essas roupas que ele confeccionou e essas coisas todinhas para ficar em exposição permanente, tá. Mas os ternos dele que ele fazia para ele, você pode observar que é a ponta da gola, o punho, as coisas... tinha alguma coisa diferente.

Isabella Sampaio Silva: Isso sempre foi uma das coisas que mais me chamou atenção nele, porque eu, ainda criança em Salgueiro, né, e eu “Meu Deus, um senhor usando terno. Que incrível isso!”. Não era uma visão que você tinha todo dia.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não.

Isabella Sampaio Silva: E até hoje eu acho isso muito incrível. E aí eu fui ver as fotos e não eram ternos, sei lá, um preto liso. Não. Ele tinha estampa! Eu amei isso.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu vou te falar um fato que pouca gente acredita quando o cara diz, mas você faz uma retrospectiva lá para os anos 50, tá? Então em uma das viagens que ele foi à Recife, ele lá achou muito bonita a roupa do exército, só que a parte de infantaria, certo, cavalaria, infantaria e aquela coisa toda. Ele achou bonita aquela roupa e ele foi servir ao exército que era exatamente para a Segunda Guerra Mundial, ele tava lá servindo ao exército. Simplesmente ele teve a ideia de comprar tecidos e confeccionar para ele uma roupa igual a do exército que ele achou bonita. Ele fazendo parte de um setor do exército, mas ele não achava bonito o setor que ele estava, ele achava bonito lá na infantaria. Aí num determinado momento ele disse que vinha naquela ponte de ferro do Recife, né, e quando ele ia passar na ponte de ferro, por acaso uma patrulha do exército vinha e a patrulha parou e o oficial perguntando “Soldado, apresente-se!”. Ele deu continência, né, primeiro continência, depois se apresentou e mostrou a carteira do exército e tals. Aí quando o comandante viu, aí disse “Mas o senhor não é da infantaria, como é que o senhor tá com essa farda aí?”. Não, aí ele foi explicar “Não, é porque acho bonita...”. Aí lagaram na cadeia. Foi preso.

Isabella Sampaio Silva: Meu Deus do céu!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Foi preso e lá no julgamento dele, aí ficavam alguns oficiais, né, e um defendia “Rapaz, nós temos que respeitar. Ele errou? Errou! Mas esse cara... ele é um patriota! Ele gosta do exército”, e o outro condenava “Não! Tem que ser condenado, porque ele fez uma coisa assim, ó...”. Ele ainda pegou um tempinho de cadeia, mas coisa de meses.

Isabella Sampaio Silva: Irreverente desde sempre.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Mas ó, esse momento também não foi para a ficha dele. Foi um acordo que os oficiais fizeram para que não manchasse a ficha dele, considerando...

Isabella Sampaio Silva: O amor.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): O amor que ele tinha pela coisa e não a malícia, né.

Isabella Sampaio Silva: É, não foi na malícia.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Um fato interessante do Mestre Jaime. E tem tantos outros que é loucura. Aquele homem era extrovertido demais... extrovertido demais.

Isabella Sampaio Silva: E como era, assim, o Carnaval de Salgueiro antigamente? Porque eu vi que a Bicharada foi feita em 45...

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): 46, foi pós-guerra.

Isabella Sampaio Silva: Foi pós-guerra, né, e eu vi a fala dele com referência ao trio elétrico, que “se o trio ia para um lado, a gente ia para outro lado”, então para o senhor, que viveu esse Carnaval de Salgueiro de antigamente, como que era esse Carnaval até chegar aos dias de hoje?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Bom logo salientar que eu peguei a virose dele, eu também sou antitrio, eu acho aquilo uma loucura, sabe. Para o adolescente, eu até admito, tá certo? Mas para quem vivenciou o Carnaval como nós vivenciamos lá no final dos anos 50, que aí é onde a minha memória vem, né, que eu sou de 49, então vamos considerar lá para

55/56 para cá, eu deveria ter perto dos seus 10 anos; o Carnaval naquela época, vamos fazer uma passagem progressiva, naquela época o Carnaval era uma confraternização. E o Carnaval era uma coisa que não existia malícia, não existia extravagância, assim, em termos de ostentação e dessas coisas; existia a vaidade, a vaidade da pessoa fazer fantasias bonitas, fantasia luxuosas e tals, mas a título de vaidade. Não era ostentação. E era um Carnaval que saia de casa em casa, as pessoas convidavam os blocos para virem às suas casas em determinado dia, então tinha aquele rodízio e cada bloco ia passando. Por quê? Porque naquela época não existia esses mega shows que existe hoje, eram aqueles blocos que saiam. Naquela época não existia até um som doméstico de boa qualidade, a gente tinha vitrola, tinha rádio, tinha aquelas coisas, né, então não tinha como fazer uma festa mesmo dentro de casa. Então quando você trazia um bloco daquele para sua casa, então o bloco por si já tinha o instrumental dele, já tinha a bateria dele, já tinha o básico para ele sair; então era um jeito também de animar aquela família. Então nessa confraternização isso se foi até, acho que chegando perto dos anos 70, que foi quando começou nesse intervalo a valorizar mais os bailes de clube.

Isabella Sampaio Silva: Tipo o que tinha na ACS?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): ACS, Executivo, a própria Casa de Farinha, ali vizinho ao Banco do Brasil, onde trabalhou a Escola Objetiva, tá certo, ali era um clube. Então as pessoas brincavam durante o dia e a noite iam para o clube, era a confraternização das pessoas também. E aí aqueles blocos que saíram durante o dia já iam com outras fantasias para o clube, com outra roupa, com outro estilo. Era uma coisa dinâmica! Fantástica... era fantástica! Aí chegando até o ponto do trio. Quando o trio começou a aparecer, por ser novidade, começou a arrastar aquele volume de gente, e os blocos eram pequenos grupos. Especificamente a Bicharada, todos que participavam do Bloco da Bicharada recebiam uma máscara do Mestre Jaime, ele passava o ano todinho fazendo máscara e essas coisas para poder doar no Carnaval, então eram blocos com 100 componentes, 120 componentes, todos mascarados. Aí eu volto a questão da tecnologia, porque na época quem tinha uma câmera fotográfica era rico, então nem registro fotográfico a gente tem dessas coisas, desses momentos.

Isabella Sampaio Silva: Ô Meu Deus...

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Então eram aquelas máscaras, aqueles animais, e quando trio passava, quem tava no Bloco do Mestre Jaime as vezes já tinha tomado suas cachacinhas, suas cervejinhas e tal, tal, tal, na influência, fugia do Bloco do Mestre Jaime e acompanhava o trio. Então você tinha lá o trio e, aqui e acolá, um bicho de Mestre Jaime naquela multidão. O Mestre ficava louco e ia lá, feito vaqueiro, né, puxar o boi da boiada e trazer; no outro dia, alguém chegava e dizia “Ó Mestre Jaime, tem um bicho seu deitado lá na praça dos Leões”, e ele ia lá e catava cada um, pegava de cada um, aquela loucura toda em cada ponto que ia tomando referência, e ele ia buscar para poder reorganizar e poder passar para outra pessoa. Aí é aquela teoria que dizia “Se o trio vem por uma rua, a gente tem que ir por outra”, para evitar exatamente esse conflito das pessoas que estão no bloco dele acompanharem o trio e provocar esse desastre. E dava um trabalho miserável.

Isabella Sampaio Silva: Aí ele ia atrás de cada um?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Ia atrás de cada um...

Isabella Sampaio Silva: Para pegar as máscaras?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim, para pegar as máscaras. Porque vê só, como ele era alfaiate, ele bolou uma coisa chamada, outro bloco, que era o Bloco Calça Frouxa, e por que Calça Frouxa? Ele bolou um tamanho de roupa que caberia em qualquer pessoa. “Mas olha, isso aqui tá apertado...”. Não. Calça Frouxa. Então ele fazia aquelas roupas de palhaço, roupa de palhaço, bem frouxa, bem folgada, tal, tal e tal, para todo mundo que entrasse nela se sentisse bem. Então o Calça Frouxa era um bloco que acompanhava a Bicharada, que tinha a dos bichos, e tinham esses elementos que serviam de apoio para tanger os bichos, trazer o bicho para cá e aquela loucura toda; dava aquele suporte técnico. E o Calça Frouxa era, eu diria, assim, uma... não sei nem como especificar, porque era uma coisa diferente do resto da humanidade toda. Ele fazia essas roupas, ele tinha o trabalho de comprar as roupas, de distribuir, não tinha patrocínio, olhe só que loucura! Não tinha patrocínio. Aqui e acolá era que, por exemplo, um Assis das Casas Dália, João Muniz, o irmão de Eurico, e tal que dizia “Mestre, peça lá e pega”, e ele ia lá e pegava alguma coisa, tudo de chita e tal; era algumas pessoas. Mas, o básico era tudo da roupa dele mesmo. Ele, como alfaiate, era quem costurava; e a gente, como filhos, o único que foi contaminado por esse vírus fui eu, os outros não, os outros estão tomando seus rumos. Eu aprendi a costurar, aprendi a fazer, é tanto que sou

artista plástico, né, costurar, modelar, esculpir, pintar, desenhar...tudo que ele fazia, ele percebeu em mim a habilidade e descarregava em mim.

Isabella Sampaio Silva: Não é a toa que foi o Jaime Filho.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Jaime Filho. Até o nome foi herdado.

Isabella Sampaio Silva: É plural igual ao pai nas artes.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Que loucura, né? E chegou ao ponto da criatura reproduzir o criador. Aquela estátua que nós temos em frente ao Chalé é um dos trabalhos nossos que, quando do falecimento dele, eu disse “Rapaz, a gente não pode deixar o Mestre Jaime ir e deixar esse legado sem a gente fazer alguma coisa”, aí foi quando eu tive a ideia de confeccionar aquela estátua. Na época eu falei com Marcones, ele autorizou o uso da praça, que é uma praça pública, a gente tem que pedir autorização e fizemos. Bom, ali é um trabalho que eu tenho uma vaidade pessoal, uma questão nem pelo trabalho em si, mas pelo objetivo do que foi feito. Então a gente estilizou e naquele momento ali, cara, a gente percebe que ele é psicólogo, ele é analista, você passa e tem gente sentada conversando com ele, tem um barzinho em frente, aí tem gente que pega uma mesinha e coloca lá em frente e coloca a cerveja e fica batendo papo com ele lá e tal. Não sei se você já percebeu que no Carnaval fazem decoração, colocam fita no pescoço dele, colocam... é uma loucura!

Isabella Sampaio Silva: Eu já percebi. Eu acho engraçado porque ele era boêmio também, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Também!

Isabella Sampaio Silva: Então imagina: até a estátua tá bebendo até hoje.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Até a estátua, é. Quando da confecção, eu tive o cuidado de preservar a vaidade dele; a vaidade dele era absurda. Se você observar a estátua, a calça é engomada, mesmo sendo uma estátua você percebe que a calça está engomada, o sapato está polido e engraxado, a rosa na lapela, cada dedo era um anel, ainda hoje está, cada dedo era um anel e a dentadura dele era normal como a nossa e ele simplesmente extraiu todos os dentes para confeccionar uma placa, uma perereca, né, que a gente chama perereca a chapa, uma prótese com 32 dentes revestidos de ouro.

Isabella Sampaio Silva: Eu acho isso extremamente emblemático, sempre achei.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É loucura!

Isabella Sampaio Silva: E eu lembro quando eu era criança e alguém me disse, não sei se foi pai ou mãe, “Ele tem os dentes todos de ouro”, e eu fiquei “Os dentes todos de ouro?”.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Os 32 dentes de ouro. Os 32 dentes. Era loucura, né?

Isabella Sampaio Silva: Sorriso da alegria.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É. Eu só tinha medo de um para-raio, da uma chuva e pegar na boca dele e destruir o homem. Aí diante dessa prótese que ele confeccionou, pediu para o rapaz confeccionar, aí ele fazia variações, ele tinha várias próteses: uma só com dois dentes de ouro, uma com ouro e platina e tal. Era uma coleção. Era uma loucura, era uma loucura! Eu vou te dar mais um exemplo da loucura do Mestre Jaime. Eu tenho um irmão mais velho, o Jamildo, que ele foi exilado na década de 70, na época da Ditadura. Quando foi em 82, o Figueiredo deu anistia geral e ele veio ao Brasil. Nessa época eu morava em Recife e aí a gente convidou o Mestre Jaime, mamãe e todo mundo para ir lá para o aeroporto recepcionar Jamildo. Chegando lá, cara, as pessoas começaram a tomar conhecimento da chegada de Jamildo, todos os amigos nossos que moravam em Recife, né, e começaram a saber como era o esquema para montar uma equipe para ir todo mundo para lá para o aeroporto e aquela coisa toda. Lá em casa ficou aquela loucura, aí começou a beber, uma bebidinha, um chopzinho, quando chegar a hora aquela loucura e tal, tal e tal, e o Mestre Jaime lá. Faltando umas duas horas para gente ir para o aeroporto, eu disse “Papai, agora o senhor vai começar a se arrumar...”, eu sabia da vaidade dele, “...comece a se arrumar, vá tomando seu banho, vá se organizar para gente ir para o aeroporto”. A porta do quarto fechou e ele começou a se arrumar. Aí ele demorou e eu fui lá bater na porta e entrei, pedi para entrar, quando eu cheguei, estava sobre a cama sete ternos, todos engomados, os sete na cama. Aí eu disse “Papai, que dúvida é essa? Tu vai para...”, e ele disse “Não, eu só vou vestir na hora que disser ‘vamos’ para eu saber o meu estado de espírito, qual é a roupa que eu vou usar”. Tinha roupa laranja, cor de rosa, azul, grená...eram sete ternos, branco, loucura! Listrado... em cima da cama! Ele “Não, eu só vou escolher a roupa na hora que você disser ‘Pronto,

vamos!’, que aí eu vou ver meu estado de espírito e vou escolher a roupa que eu vou com ela”.

Isabella Sampaio Silva: Meu Deus!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É ou não é fora da curva um homem desse? Loucura, né?

Isabella Sampaio Silva: Loucura... Não, e engomados!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Engomados! Não, e outra coisa! Cada terno tinha os seus acessórios, a rosa com a cor do terno, a gravata combinando com o terno, as meias combinando. Não era só a roupa, a calça e o terno não, era o conjunto, o conjunto lá em cima da cama preparado.

Isabella Sampaio Silva: Gente, eu tô passada!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aquele homem era para ter um... esses artistas hoje em dia tem, que é um assessor para vestir. Personal-não-sei-o-quê, né?

Isabella Sampaio Silva: Sim. Personal Stylist?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pronto! Um personal. Ele era para ter um personal, porque ele era excêntrico, era fora da curva.

Isabella Sampaio Silva: Bem vaidoso, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Era, era um absurdo. Absurdo. E o interessante é que isso aí não pegou em nada na gente, não foi? A gente é todo mundo relaxado e ele... também era coisa dele, porque nem os irmãos dele.

Isabella Sampaio Silva: Excepcional, né? Era ele.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu vou te contar outra curiosidade da vida do Mestre, já que a gente tá batendo um papo descontraído. Papai tinha um irmão que ele era alcoólatra e aqueles tratamentos que a família busca para curar, internar e aquelas coisas todinha, né? Quando esse tio meu não estava bebendo, ele era um cara extremamente tímido, de uma timidez absurda e conseguiram uma clínica lá em Recife para fazer o tratamento e esse negócio todinho. Quem foi indicado para levar o meu tio? Mestre Jaime. Aí foram para o

Recife. Chegaram no Recife, na clínica, se apresentaram, tal, tal, e tal, e aí a secretária pediu para sentar lá na sala de espera, porque o doutor ainda ia chegar. Em determinado momento, o doutor chegou, olhou as pessoas que estavam lá todas comuns, mas tava aquele elemento com aquela roupa que não era normal, entendeu? Aí o doutor pegou e tomou conhecimento, tal, tal e tal com a secretária e papai se levantou e foi tomar água no bebedouro. O doutor aproveitou que ele foi tomar água e veio até titio, aí perguntou “Tudo bem? Como é que tá você? Me prepara uma coisa: ele tá assim desde quando? Quando é que ele ficou assim?”; aí disse que titio “Não doutor, o doido sou eu. O doido sou eu, doutor. Ele tá me acompanhando”. Desmontou tudo! Como é que pode uma coisa dessas?!

Isabella Sampaio Silva: Meu Deus do céu!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Era ou não era extremo esse homem?

Isabella Sampaio Silva: Ele era!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Um absurdo. E aí foi. Agora viveu a vida dele com naturalidade. E eu acho que nada do que ele pensou fazer, ele não deixou de fazer; eu acho que ele fez tudo que ele queria, projetou o que ele planejou e executou tudo.

Isabella Sampaio Silva: Ele viveu.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Viveu, viveu. Ali foram 98 anos vividos mesmo. É um cara que se preocupava, aos 98, ele é... eu tenho ali os arquivos que a gente tem para fazer a exposição futura, textos redigidos por ele, de poesias, poemas. Ele ficava aí escrevendo aos 98 anos, com aquela dificuldade, que ele já tava com problema de articulação e essas coisas, mas ele escrevia poemas para todo mundo, e quando ele não tava escrevendo, ele estava lendo outros poemas para ele memorizar e declamar em momentos de brincadeiras. Ele, com 98 anos, se tivesse uma festa e convidasse, pode ter certeza que ele iria. Ele nunca deixou atividade nenhuma por conta de idade, logo porque ele tinha uma saúde realmente muito boa, a saúde dele era fantástica.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Tinha outra curiosidade também que eu achava interessante. As pessoas às vezes diziam “Mestre, aos 98, o senhor tem que se cuidar, tal, tal e

tal, o senhor já está velho”; aí ele dizia “Não, velho não cara. O velho é aquele que sai andando puxando a chinela, arrastando a chinela, porque a chinela tá pesada. Eu não estou velho não, eu estou idoso!”. Aí saía caminhando para pessoa ver que ele tava andando normalmente. “Tô velho não. Velho é quem tá arrastando a chinela”. E certa a filosofia de vida dele, né?

Isabella Sampaio Silva: Tá é certo. Eu vi uma frase dele muito interessante que virou inclusive a epígrafe do meu trabalho. Acho que foi quando ele quebrou uma perna, foi alguma coisa assim, e aí coincidiu de ser o período do Carnaval, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim, exatamente.

Isabella Sampaio Silva: Aí acho que alguém chegou a perguntar para ele se ele ia dessa vez e ele disse “Carnaval só se vive uma vez, o jeito é ir, rezar e depois a gente se recupera”. Eu achei incrível essa fala.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Naquele ano, a gente fez o carro alegórico para ele. Dos animais que ele fazia, o bicho da paixão dele era o pavão, porque, afinal de contas, parecia com ele, né? Ou ele parecia com o pavão, uma coisa assim.

Isabella Sampaio Silva: Sempre senti curiosidade, o porquê do pavão.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Por que o pavão? Porque é o animal mais colorido, mais enfeitado, mais teoricamente bonito, né, quando ele abre aquele leque é lindo; aí ele dizia “Ó, meu animal preferido é o pavão”. É tanto que a gente colocou como mascote da Bicharada o pavão, e o carro alegórico que a gente fez para ele foi em forma de pavão.

Isabella Sampaio Silva: É aquele pavão que teve no Meu País Pernambuco?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim, sim, só que ali já é um tamanho menor, tá certo? Quando ele saiu, era um outro com um tamanho proporcional a ele, não era exatamente aquele, mas a ideia era aquela. Aquele dali a gente usa para criança, porque os pais hoje em dia querem tirar uma fotografia, aí chega lá, senta a criancinha com o pavão, tira a fotografia, tal, tal e tal. O dele era exatamente aquele, só que uma proporçãozinha maior.

Isabella Sampaio Silva: E aproveitando que a gente tá falando dele já. Aqui, ele já é conhecido como o Mestre Jaime, mas ele era boêmio, ele foi alfaiate, ele foi do exército...

então, quem era o Mestre Jaime antes de ser o Mestre Jaime? A infância dele? Como que foi a adolescência? Como chegou até o exército e como voltou?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pelo que ele falava, eu acho que toda a vida foi Mestre Jaime, porque o que ele dizia que fazia quando criança na escola! Por exemplo, tarefa de ciência, ele disse que em uma ocasião da professora dando aula, falando sobre o vapor, da pressão da água fervendo e do vapor, e ele teve a ideia de colocar... o que hoje é a panela de pressão. Pronto. Ele pegou um ambiente com água e colocou um tubo, prendeu essa panela feito uma panela de pressão e em cima desse tubo ele montou um sistema de um catavento, de ventilador, para ele mostrar que a pressão da água girava o catavento, tal, tal e tal. Isso, lá na época que ele fazia primário e ele só fez até a 4ª ou 5ª série, alguma coisa assim; ele não chegou a fazer a parte de ginásio. Daí você tira como ele era, então ele já nasceu Mestre, ele já fazia essas coisas de criança mesmo. Quanto à questão da adolescência, em primeiro lugar, ele tinha uma filosofia de vida que violência nunca leva a nada, não leva ninguém a nada e que ele tinha total razão.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E a outra é o seguinte: era o respeito às mulheres. Embora ele sendo aquele cara vaidoso, boêmio, eu não diria galã, porque o cara não era galã, mas pelo menos era enfeitado, e ele nunca faltou respeito com nenhuma mulher. Ele sempre era correto, sempre usava os adjetivos ideais e foi um cara que, pelo menos para gente, a gente não tem conhecimento da biografia dele de alguma coisa negativa. Não conheço, não existe nada.

Isabella Sampaio Silva: O senhor diria que ele era autodidata?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Autodidata. Sim. Ele tanto era autodidata, que aprendeu a tocar clarinete e saxofone.

Isabella Sampaio Silva: Que é o que tá na estátua, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É o que tá na estátua e que está comigo guardado para ir lá para o memorial dele. Então ele era também, além dessas coisas que a gente já falou, era um músico também. Ele era autodidata, ele era curioso, cara, era uma coisa fora do comum, não sei como é aquilo não.

Isabella Sampaio Silva: Ele tinha curiosidade da vida, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Da vida, coisas naturais. O comportamento dele era totalmente natural.

Isabella Sampaio Silva: E ele chegou a comentar como que ele aprendeu a fazer os bonecos, as máscaras? De onde veio esse conhecimento?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Na época, não existia a comunicação que a gente tem hoje, né? Para você, por exemplo, assistir a uma escola de samba no Rio de Janeiro, São Paulo, Paratis, tal e querer reproduzir uma coisa daquela. Não existia. A questão dele realmente era o raciocínio, porque, por exemplo, ele pegava uma bicicleta, revestia a bicicleta e fazia o corpo de um animal na bicicleta.

Isabella Sampaio Silva: Que legal...

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): De papelão, de estopa, que era um material mais comum na época. Então ele fazia tanto a bicicleta, como motocicleta, eu me lembro que ele fez um leão em uma ocasião, transformou uma motocicleta em um leão; a carenagem da motocicleta era a cara do leão e ele usava muito essa lã de fazer crochê para fazer a juba do leão. Fica aquela coisa muito bonita. Então, na verdade, ele... era dele mesmo! Ele ficava explorando, todo dia, ele passava o ano todinho mexendo.

Isabella Sampaio Silva: Ele observava, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Observava, porque, na época, até revista era muito difícil. Você tinha a revista O Cruzeiro, tinha a Manchete e tals, mas quem é que comprava aquilo?

Isabella Sampaio Silva: Os ricos.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Só os ricos, os doutores, os caras que tinham necessidade, de política e essas coisas. Era dele mesmo, ele inventava, fazia experiência, não dava certo, fazia de novo e ia fazendo até dar certo.

Isabella Sampaio Silva: E assim, foi em 46, né, mas o que motivou ele a “Cara, é agora! Vou criar a Bicharada!”?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Foi no pós-guerra, porque na verdade ele não chegou a ir para a Itália. Ele recebeu a preparação do exército aqui no Brasil e, realmente, na semana em que ele estava para embarcar para a Itália, aí veio o comunicado do fim da guerra. É claro que ele tomava, lá no batalhão, conhecimento das atrocidades da guerra, os oficiais passavam para ele até a título de preparação para eles, e ele dizia que se preocupava “Pô, os homens estão brigando, tal e tal, um tá defendendo para se esconder, para raciocinar o que vai acontecer e o que vai não... mas e os animais?”. Aí você imaginar esses incêndios que tem na Amazônia, que tem aí no Centro-Oeste, tudo bem, os bombeiros estão lá apagando o fogo, mas e os animais que não sabem para onde correr que não tem como raciocinar ali? Aí foi quando ele teve a ideia de fazer “Não, eu vou fazer alguma coisa em homenagem aos animais, a título de alegria, de festa, de vida, de permanência”. Aí foi quando ele criou a Bicharada.

Isabella Sampaio Silva: E aí o Calça Frouxa também foi junto?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não, o Calça Frouxa foi acho que uns 3 ou 4 anos depois da Bicharada, que foi quando ele começou a perceber a necessidade de elementos de apoio para sair na rua, porque o Calça Frouxa foi antes do trio. Na época do trio, o Calça Frouxa ajudava muito ele a pegar os bichos que fugiam do Bloco e aquele negócio todo, mas antes do trio, ele já tinha o Calça Frouxa por dois motivos. Um eram as pessoas que não queriam usar a máscara por comodidade, porque aquilo é quente, é pesado, mas queria brincar, queria tá lá no Bloco e às vezes tava sem fantasia de Carnaval; o Carnaval, naquela época, o normal era você estar fantasiado, hoje em dia, todo mundo põe uma bermuda, um tênis e vai, mas na época não, era fantasia carnavalesca. Aí foi quando veio a ideia também de criar o Bloco Calça Frouxa para atender esse tipo de cliente que queria brincar, mas não queria usar a máscara. Depois foi que ele pegou esse grupo de Calça Frouxa e começou a pedir apoio “Ó, me ajude a pegar os bichos”, começou nesse sentido, mas o objetivo principal era atender a clientela que não queria usar máscara. Às vezes, por exemplo, mulher que ia com adereço, essas coisas, tal e tal, as mulheres usavam os “calça frouxa”, usava as roupas .

Isabella Sampaio Silva: E aí eu lembro que no documentário tem também a figura do irmão dele que fazia junto com ele o Calça Frouxa.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): O Zuka, Aldir Conserva, era chamado titio Zuka. O titio Zuka era interessante, ele, na manipulação da plástica dos animais, o titio Zuka era

melhor do que ele; agora, não era criativo como ele. Você ver como é que são as coisas, né? Teve uma ocasião que ele pediu a titio Zuka para confeccionar um urso polar, aí fez a roupa todinha folgada para titio Zuka revestir o urso todinho de algodão, foi feita a máscara de um urso e o cara saiu feito a La Ursa, que a gente tem aqui em Recife, aquele negócio todinho, não é? Na época, ele fez o urso, só que todo de algodão. E veja só, outra curiosidade, nesse Carnaval desse ano, que eu não me lembro qual, mas foi lá para o finalzinho dos anos 50, houve um inverno aqui violento, período de Carnaval, muita chuva, mas era muita chuva. O que a gente tem hoje que é esse canal do Riachinho, desse canal e tal, era apenas um riacho, era um riacho, não tinha calçamento, não tinha nada! Era um bairro de um lado e um bairro do outro e aí tinha uma pontezinha de madeira para as pessoas passarem de um lado para o outro, tudo que tinha era isso. Só que na brincadeira, o cara que tava vestido de urso era pesado, esse cara, para você ter uma ideia, era avô de Dida, Dida pintor de automóvel, que tem uma casa de peças na bomba, de parafusos, era avô dele; esse senhor pesava mais de 100kg, era bem avantajado e aí ficou parecendo aquele urso mesmo. No percurso, na brincadeira, ele bebeu exageradamente.

Isabella Sampaio Silva: Eita!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aí “Vamos para casa!”, e foi todo mundo para casa, os bichos andando para casa, tal e tal. Quando chegou na sede, ele fazia a chamada para ir recolhendo as máscaras: “O galo”, “O leão”, “A raposa”, todo mundo. Quando chegou na hora do urso, cadê o urso? “Cadê o urso?”, o nome do rapaz era Jucho, “Ei pessoal, turma do Calça Frouxa, corre e vai ver se acha Jucho”, aí a turma foi atrás. Quando Jucho foi atravessar o riacho, escorregou na lama, ele caiu de costas e pregou na lama. O algodão pesado, imagina o algodão todo pesado, o cara chega pregou na lama, ele tentava levantar e não conseguia, não conseguia por conta da embriaguez. Aí quando os caras chegaram lá “Jucho!”, “Jucho!” “Jucho!”, tiraram a máscara dele e “Mas Jucho, rapaz! Só tá faltando o urso lá!”, aí ele “Diga a Mestre Jaime que o urso morreu! O urso morreu”. Aí foi a piada do ano! Era cada uma! Mas o titio Zuka, o titio Zuka era habilidoso e fazia as coisas, não era criativo. Aí papai pediu também para fazer uma... aí foi na década de 68, foi, se não me engano, quando o homem foi à Lua, começou aquele projeto de explorar a Lua, mais ou menos na década de 60, por aí, 68, se não me engano. Papai teve a ideia de fazer um homem do espaço, aí ele fez esse homem do espaço todo de lata para poder ficar brilhoso. Hoje em dia, você pega material, plástico e essas

coisas que tem brilho, é maneirinho, tal, tal e tal, mas antigamente não era nada, era tudo na tora!

Isabella Sampaio Silva: Não era fácil o acesso, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Ele recortou lá as latas e colocava as mãos de lata, os braços de lata e foram brincar. Só que, cara, no meio da folia a lata esquentou e o cara não andou muito não, o cara “Não, tira que ninguém aguenta isso aqui não!”, aí tirou, desmontou o homem do espaço no meio do percurso. Era um negócio interessante. Por conta de quê? Falta de tecnologia na época.

Isabella Sampaio Silva: Era mais difícil também o acesso à materiais, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É. Mas também tinha o atrevimento, afinal, se o homem foi à Lua, por que é que nós não podemos, né?

Isabella Sampaio Silva: Exatamente.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Era um homem visionário. Era visionário.

Isabella Sampaio Silva: Inclusive, aproveitando. Nesses primeiros anos do bloco, de onde é que ele saía? Até onde é que ele ia? Logística, sabe, o horário, essas coisas.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Certo. Veja só, o Carnaval nessa época não tinha essa hora marcada de desfile, como a gente tem hoje em dia, principalmente os shows, por exemplo, a noite, porque, hoje em dia, praticamente não tem atividade durante o dia, só tem os shows à noite. A gente, que ainda mantém a Bicharada, procura sair à tarde para manter a tradição e hoje em dia as pessoas são mais acomodadas e não querem enfrentar o sol, mas na época lá dos anos 50, o pessoal começava a brincar o Carnaval era 10:00 horas da manhã, com o sol a pino. A gente não tinha água natural a vontade para tomar o banho, tal, tal e tal, hoje em dia, você pode ligar uma mangueira na porta da tua casa e se refrescar, usar uma bica, mas na época não existia nada disso, mas mesmo assim o pessoal saía a partir das 10:00 horas da manhã, certo? Só que o Bloco Bicharada, por conta dessa logística, ele saía à tarde, por conta de fantasia, ele procurava sair em torno de 15:00 horas, por assim, e ia até onde a brincadeira fosse; se fosse o caso de entrar na noite, 19:00 horas da noite e tal, ele ia, mesmo

sem existir esses palcos de hoje em dia. Era folia de rua. Em bairro tal tem brincadeira... ia com os bichos dele e fazia a brincadeira com todo mundo.

Isabella Sampaio Silva: E era aberto para todo mundo?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aberto totalmente. Não tinha limite de nada, não tinha limite de nada! Era uma irmandade! E ele era alfaiate, ele tinha uma casa, ou melhor, ele não, que a casa não era dele, era a alfaiataria dele, tinha um prédio alugado em frente a onde hoje é a casa de Dr. Severino, finado Dr. Severino.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Ali em frente, uma daquelas casas era a alfaiataria dele e lá era a sede do Bloco.

Isabella Sampaio Silva: É ali onde é a OAB? Próximo a OAB?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não, tem uma clínica, se não me engano, de pet.

Isabella Sampaio Silva: Ah! Eu sei qual é então!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pronto! Ou é aquela casa da clínica, ou é a que é vizinha. Um dos dois, é uma daquelas duas casas, que na época era bem alta, eu me lembro que era bem alta, tinha um primeiro andar, tinha umas coisas, mas, com a reforma, demoliram, mas, era ali a sede da Bicharada. Aí por último, acho que na década de 70, uma irmã dele tinha uma casa ali vizinho ao Osmundo Bezerra, onde a gente, até o ano passado, trabalhou lá, aí ficou como sede lá. A irmã dele dizia aquela história: enquanto eu viver, a sede é sua. As pessoas vão morrendo e vão se acabando, aí vem os herdeiros e querem vender as coisas para poder ratear, e, nessa brincadeirinha, venderam a casa para poder ratear.

Isabella Sampaio Silva: Que era a sede.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Que era a Bicharada... para poder ratear, no caso, meus primos, da família lá e a gente perdeu nosso ponto de apoio. A gente está agora guardando as coisas lá onde era a escola Objetiva, vizinho ao Banco do Brasil, enquanto a gente consegue fazer um convênio com a prefeitura, uma coisa aí para gente conseguir uma sede, em caráter de sede permanente, certo? A gente não quer sede em nome de ninguém, a

gente quer a sede em nome do Centro de Arte Popular Mestre Jaime, porque aí vai ter força jurídica, tanto para gente angariar convênios com o governo do Estado federal, lei Rouanet, lei Aldir Blanc, Paulo Gustavo, essas leis todas que existem. A gente tá se organizando para começar a entrar nesse sistema, para não ficar dependendo, principalmente, da prefeitura, porque a prefeitura já tem seus compromissos, mas se ela nos der o apoio, fazer um convênio com a gente, onde a gente, tipo, a gente comece a montar oficinas para confeccionar peças de Carnaval, adereços, máscaras, roupas, tal e tal. Uma escola de arte.

Isabella Sampaio Silva: Manter essa memória viva, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Manter a memória viva. E outra coisa interessante, ele colocava esse Bloco todo na rua, com essa quantidade de pessoas, todos iam voluntários, iam brincar, pegava as peças dele e brincava. Mas hoje, para gente por o Bloco na rua, custa caro, porque a gente aluga as pessoas, a gente paga a cada bonequeiro, que a gente chama de bonequeiro, cada bonequeiro recebe o correspondente a uma diária de um operário. Então aquele cara não tá indo brincar, ele tá indo prestar um serviço a gente, quando na época era brincadeira.

Isabella Sampaio Silva: Era viver o Carnaval.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não é interessante? A pessoa ia brincar e tal e brincava. Hoje não. A gente tem que... é tanto que a gente proíbe bebida, porque se você está prestando um serviço a mim, você tem que atender às minhas exigências. Aí hoje a gente proíbe bebida, proíbe a questão de menores de 18 anos, questão de as leis também mudaram, não permite mais menor de 18 anos nessas folias, então tem uma série de protocolos que a gente tem que obedecer. Hoje em dia, a coisa tá ficando mais, posso dizer, profissionalizada, não tá sendo mais aquele Carnaval que a gente viveu, que a gente nasceu com ele.

Isabella Sampaio Silva: Não é mais espontâneo, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não é mais espontâneo.

Isabella Sampaio Silva: Parece uma profissão.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, é um trabalho de exibição. É como se fosse um grupo de artistas se exibindo para alguma coisa.

Isabella Sampaio Silva: Entendi.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aí a gente tem o projeto de, junto com a prefeitura, ver se a gente consegue fazer essas oficinas, não para as pessoas saírem exatamente no Bloco, mas pelo menos que aprendam a fazer aquilo dali e, no Carnaval, usem; se quiserem, voluntariamente, virem participar do Bloco, venham participar; se quiser criar seu grupozinho lá de família, você vai ter, entendeu? Induzir as pessoas a brincarem o Carnaval como brincadeira, e não como hoje em dia.

Isabella Sampaio Silva: Não deixar morrer essa vivência do Carnaval.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Olha Bella, a gente já está tendo uma deturpação absurda, eu acho, em se tratando de cultura, específica, né, Carnaval. Você não tem mais nada de rua, de folia de rua, de confraternização, de bloco, dessas alegorias, mas aí você tem um Carnaval que só funciona à noite, e quando você chega lá tem o quê? Cantor de sertanejo, cantor de pagode, cantor de forró... só não tem Carnaval!

Isabella Sampaio Silva: E tudo gente de fora.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Tudo gente de fora. Você só não tem lá Frevo, não tem Frevo, tem tudo o que você quiser. Por quê? Porque o objetivo ali, eu tive a oportunidade de falar com nosso ex prefeito, e eu aleguei isso para ele, eu disse “Olha, o problema é que vocês, autoridades, estão se preocupando em dizer que puseram 20 mil pessoas no meio da rua, 30 mil pessoas no meio da rua, quando, na verdade, não é você que tá pondo, nem o Carnaval que tá pondo, é a fama do artista que tá em cima do palco que tá pondo”. O cara traz uma Maiara e Maraísa para um Sertão desse, que sabe que não pode pagar o cachê dela...

Isabella Sampaio Silva: Aí vai todo mundo.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aí todo mundo vai! Não é assim? Aí diz “O Carnaval tava lotado”. Não! Não era o Carnaval que tava lotado. Você trouxe um artista que trouxe gente, agora, você tá matando o Carnaval, você tá destruindo o Carnaval. Já dei a sugestão a ele “Rapaz, vamos pegar a Avenida Antônio Angelim, aquela largura excelente, vamos induzir a criar blocos, para que a gente saia e transforme aquela Antônio Angelim numa Sapucaí”. Porque as pessoas que estão em casa sabem que lá na Antônio Angelim, de 15:00 até às 18:00, todos os blocos vão passar por ali desfilando, mas, infelizmente...

Isabella Sampaio Silva: Acho que esqueceram que o Carnaval também é sobre a história e a memória da cidade, que pessoas como Mestre Jaime contaram a história da cidade através do Carnaval e virou uma coisa mercadológica. Esqueceram da cultura.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, da cultura. A cultura relegada a segundo plano. Relegada a segundo plano.

Isabella Sampaio Silva: E é triste, porque é a memória da cidade.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E outra coisa, tem algumas coisas que eu acho errado. Por exemplo, a governadora teve esse trabalho de “Pernambuco Meu País”, um projeto até interessante, tá certo? Só que eles estão trazendo apenas a divulgação de informática, não tem uma divulgação popular, uma divulgação em massa. Resultado? Ela gastou o dinheiro, muitos convidados vieram, Maracatu, Frevo, orquestras... desfilaram para ninguém. Para ninguém!

Isabella Sampaio Silva: Ninguém tava sabendo. Só foram saber no dia.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pois é, porque não houve uma divulgação em massa, uma divulgação, não é pesada, é convidar o pessoal para ir às ruas, o trajeto vai ser de tal ponto a tal ponto.

Isabella Sampaio Silva: E digo mais, o que era veiculado no Instagram foi muito mal feito, porque assim, eu passei o final de semana todinho do festival aqui, e aí a gente via a programação que saiu na sexta feira que dizia que 16:00 horas da tarde ia ter alguma coisa na Casa da Cultura, aí chegava eu e mainha, 16:00 horas da tarde, e “Não, vai ser só amanhã, não tem nada”. Eu cheguei lá num dia, tinha eu, tinha mainha e tinha uma moça que tava passando por Salgueiro e queria ver e eles “Não, a pessoa responsável não chegou ainda”.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, é um absurdo. É porque as pessoas acham ruim quando a gente fala que ninguém valoriza a cultura, mas é verdade.

Isabella Sampaio Silva: É verdade. É a mais pura verdade.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não tem respeito, não tem nada. O cara vive trabalhando feito um doido e vamos lá, vamos trabalhar! Enquanto, pelo menos enquanto eu tiver mexendo, tá na rua!

Isabella Sampaio Silva: A Bicharada vive.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A Bicharada vive! Que é um dos slogans que a gente tá trabalhando também, é esse aí: Mestre Jaime vive. Mas agora você usou a “Bicharada vive” e é interessante, principalmente, por conta dos 80 anos próximo ano. Os 80 anos está nos dando um trabalho danado, porque a gente tá tentando trazer convidados para virem participar e, para poder conseguir agenda desse pessoal, a gente tá projetando fazer 10 dias antes do Carnaval, ou duas semanas antes do Carnaval, porque se for para o Carnaval, todo mundo tá agendado.

Isabella Sampaio Silva: Já tá em outros lugares.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, já tá em outros lugares. Então a gente tá ten-tan-do trazer o Homem da Meia-Noite, que o Homem da Meia-Noite tem um comportamento de receber a roupa daquele ano que ele vai vestir, então ele recebe a roupa em um determinado local, mas para que ele receba a roupa dele aqui.

Isabella Sampaio Silva: Que legal!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Estamos correndo, estamos tentando com Belém do São Francisco, nós já estamos confirmados o Bloco Zé Puluca, de Bom Conselho, já confirmou que vai estar presente.

Isabella Sampaio Silva: Que coisa boa!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aí a gente tá brigando. A gente tá tentando juntar o prefeito, ver se ele consegue a FUNDARPE trazer uma orquestra de Frevo, tipo, Maestro do forró, sei lá, um Alceu Valença, um Almir Rouche... alguém! Para quando a gente fazer o trajeto dos convidados, do bloco, chegar no ponto final, a gente ter uma orquestra para fazer aquela brincadeira. Mas, é aquela história: é luta. Por hora, está sendo luta, eu não posso confirmar nada ainda, tá certo? A gente tá trabalhando desde junho, terminou o São João e a gente começou a trabalhar nisso, para ninguém alegar “Tá de última hora. Tá chamando de última hora”. Não. A gente tem que dar tempo para fazer o tempo.

Isabella Sampaio Silva: E aí eu sinto... o senhor tá citando agora as dificuldades de manter o Bloco hoje, mas no início, que eu lembro que o senhor falou também a questão dos materiais,

que tudo vinha dele. Então, tipo assim, quais eram, além da questão dos materiais, as outras dificuldades que ele enfrentava em manter o Bloco naquela época?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Mão de obra para trabalhar com ele. Porque ele tinha o irmão dele, o titio Zuka, que ajudava, tinha a gente que também ajudava, mas ele trabalhava uma técnica que era muito, assim, exigente, vamos dizer assim; era a técnica de fazer as máscaras de papel machê, toda máscara dele era em papel machê. Então a gente tinha a missão de, primeiro lugar, revista não era tão fácil, o jornal ainda era mais fácil, então a gente tinha aquela missão de buscar nas casas das pessoas os jornais velhos para poder confeccionar as máscaras; passava em obra que tinha, ia lá e catava os sacos de cimento, papelão do saco de cimento. Então essa equipe de apoio, ele sofria muito, ele não tinha.

Isabella Sampaio Silva: Era mais vocês.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Era mais reduzido. Era só a gente que fazia, então era aquela coisa mesmo, é por isso que tem a ideia da escolinha de arte, entendeu?

Isabella Sampaio Silva: Para manter esse saber vivo, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pois é. E ele trabalhava só com sucata, era sucata, era pedaço véi de pau, era papelão, era jornal velho, essas coisas todinhas.

Isabella Sampaio Silva: E os tecidos das roupas?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não, os tecidos era diferente, que aí era tecido mesmo, mas, a dificuldade do tecido era a aquisição do tecido. A aquisição do tecido era difícil, porque aí ou saía dele mesmo, ou algum comerciante que, esporadicamente, “Ah, te dou 10 metros” e aí ele ia fazendo essa coleta; tinha algumas pessoas que realmente todo ano colaborava com ele, mas não era aquela colaboração de dizer “Pô, esse homem merece”. Era uma loucura. Era uma loucura. E por aí vai. A gente tá mudando, inclusive. Veja só, a gente tá mudando por conta dessa dificuldade que eu tô lhe falando, a gente tá mudando a técnica e o material que a gente tá fazendo os bonecos. Eu tô guardando os bonecos que ele confeccionou, os em papel machê, para fazer parte do memorial, da exposição permanente do memorial. Já os bonecos que a gente está levando para a rua, a gente tá confeccionando em fibra de vidro, porque é mais leve, é mais resistente e o acabamento é superior.

Isabella Sampaio Silva: Eu vi os bonecos, eu percebi que no rosto deles, assim, tem a pintura, dá para perceber que tem vários fiozinhos, é essa a fibra de vidro?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É, porque a gente não está dando o acabamento 100% para dar a ideia do papel machê, é um acabamento que o papel... aquela coisa rústica, entendeu? Porque se eu passar massa e polir para ficar parecendo plástico, aí não é Mestre Jaime. A gente tem que deixar uma característica que dê a ideia, que pelo menos a turma fique em dúvida “É o quê?”. Aí a gente mantém essa qualidade.

Isabella Sampaio Silva: Aí hoje em dia é a fibra de vidro e leva o que mais no processo de fazer o boneco?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aí é isopor para fazer as máscaras. Aquelas máscaras que a gente fazia em barro, hoje a gente faz em isopor; veja só como a coisa é. A modelagem e tudo, você não se suja tanto, não se mela tanto, né, você vai dando a modelagem que você quer no isopor. E outra coisa, a reutilização, a forma de isopor, ou até mesmo a gente trabalha com gesso também, então você guarda aquela forma e você utiliza tantas vezes, quanto você queira.

Isabella Sampaio Silva: Jaiminho, agora, uma curiosidade. Tu falou que antes eram as máscaras e aí o Calça Frouxa auxiliava as pessoas que queriam brincar, e quando passou de máscaras para esse bonecos que vai aqui no ombro das pessoas? Como foi essa transição?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Em primeiro lugar, foi a morte de titio Zuka, que era um elemento que ajudava muito e ele começou a tomar conhecimento dos bonecos, tanto de Olinda, quanto de Belém do São Francisco. Então ele veio trabalhar esse bonecos gigantes, que a gente chama de bonecos gigantes, já agora na década de 80/90.

Isabella Sampaio Silva: Ah, então é recente!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É recente, não é tão velho não, é recente, que ele já adaptou. Primeiro, ele ganhou de presente; a origem, origem, origem foi a Dra. Denise que deu para ele uma réplica dele, pediu para o Silvio Botelho, que é um bonequeiro de Olinda que confecciona aqueles bonecos, confeccionar uma réplica dele

Isabella Sampaio Silva: É o que saiu na Bicharada?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É ele. Pronto, ali foi Dra. Denise que deu para ele. Aí ele mesmo mandou confeccionar a mulher, tem uma loira, uma galega que Eliane dizia que era ela, aquele negócio todinho, tal e tal, a gente até mudou a estilização para não vincular a política, entendeu? A gente já trocou a loira pela morena, já deu uma forma diferente. E tem outros bonecos que a gente tá fazendo. Ele, por si, nunca fez aqueles bonecos gigantes, ele só fazia o boneco, e quando ele fazia, não era boneco alto, ele fazia na máscara dele de papel machê, aquelas caras, fazia uma estrutura de ferro que pesava, era inconveniente para o pessoal e lá em cima ia aquela cabecinha de papel machê. Você pode ver que ele é bem esguio, bem magro, aquela coisa magra. Por quê? Porque não tinha noção da estética em si, a anatomia dele. Ele não tinha esse domínio. Ele fazia a coisa e, para ele, tava fantástico.

Isabella Sampaio Silva: Mas aí era ele que fazia a cabeça com a mesma estrutura que fazia a máscara?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim, sim, a máscara toda em papel machê. Esses bonecos que eu lhe falei que o pessoal de Olinda faz, é uma fusão de isopor com papel machê. Já a gente não faz isso, a gente faz ele totalmente em fibra, porque a gente retira o isopor, mesmo sendo leve, ainda vai ficar mais leve ainda. Então hoje em dia, para o pessoal brincar na rua, os bonecos que a gente tá confeccionando pesa em torno de talvez 5/6kg, e aqueles bonecos grandes chega a pesar 30 a 35kg.

Isabella Sampaio Silva: Arre! Tem que ter força.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Tem que ter força, tem que ser profissional mesmo, tem que ser braçal para brincar com aquilo.

Isabella Sampaio Silva: E aí então, as máscaras, as referências eram os bichos? Que o senhor falou que era essa a preocupação que ele tinha.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim.

Isabella Sampaio Silva: Além do pavão, ele tinha outro que gostava muito de fazer?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu acho que ele achava mais fácil fazer os animais do Sertão, tipo, jumento, boi, bode, carneiro, esses são mais daqui. Ele fazia muito. O urubu,

não sei porque ele gostava do urubu, eu acho que pela aquela elegância de preto, acho que ele pensava que era um cara de terno preto ou uma coisa assim, de smoking.

Isabella Sampaio Silva: Era a versão dele num bicho.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): No bicho, é, é.

Isabella Sampaio Silva: E a tal da cobra?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Ah rapaz! A cobra foi quase um desafio, porque ele tentou fazer aquela cobra e usando as técnicas que ele conhecia. Aí uma pessoa deu a ideia de ele usar câmara de ar, então cortava a câmara de ar, é um círculo, né, então ele cortando ao meio e invertendo ele já formava um “s”; então ele pegou parece que 6 câmeras e aí deu uma cobra de 12 metros de comprimento. Ele foi para o borracheiro, aí fizeram a vulcanização da borracha toda e fizeram uma cobra com 12 metros e aí somente a cabeça que era de papel machê.

Isabella Sampaio Silva: E o que houve com ela?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Essa cobra sumiu com os bichos no meio da rua, foi um bicho que sumiu no trio elétrico e não voltou.

Isabella Sampaio Silva: Foi brincar e levaram a cobra.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): E ninguém sabe onde é que anda, ela deve até ter reproduzido por aí.

Isabella Sampaio Silva: E aí a gente já tá chegando no final e sobre o legado dele, né, então como é hoje a Bicharada do Mestre Jaime sem o Mestre Jaime?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É difícil, porque, em primeiro lugar, você fazer aquele trabalho dele, não é que você queira ocultar a presença dele, nem a importância dele, mas, ele é mais forte ainda hoje; a imagem mental e espiritual dele ainda é mais forte que o somatório de todos os bichos. Ainda hoje é. Quando você fala, tal, tal e tal, então só fala em Mestre Jaime e se ele tivesse aqui, e se ele fosse não sei o quê, e se isso, isso e isso, sabe? Então é uma situação difícil para gente, porque a gente quer levar a Bicharada, não quer ocultar a presença dele, mas a gente quer dar uma continuidade, para que a gente tenha

naqueles bonecos... é tanto que a gente bolou um monumento que a gente monta na sexta feira de Carnaval, ali em frente ao chalé, naquele cruzamento onde tem o semáforo.

Isabella Sampaio Silva: Que fica o pavão em cima?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Sim. Aquele pavão, o primeiro que a gente fez, fez a imagem dele, ele dançando Carnaval; aí no segundo ano, aliás, no segundo ano, a gente fez ele montado no pavão; aí já esse ano agora, a gente fez só o pavão. Aí a gente vai ver o que vai fazer, bolar. Então é tentar manter ele presente e tals, ele não tem, não tem, não tem como fugir! Bicharada do Mestre Jaime sem falar do Mestre Jaime não existe! Não existe! Então a parte mais complicada da gente é essa daí, manter ele e também manter a imagem dos bichos, porque se não, fica só nele a coisa.

Isabella Sampaio Silva: Para lembrar que ele é a memória e a essência, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A essência, é. É um negócio muito delicado. E quanto a logística, aí tá dando trabalho, mas trabalho é trabalho. Não vamos falar, que aí essa é uma dificuldade que em todo canto que mexe com cultura, existe essa dificuldade.

Isabella Sampaio Silva: É verdade. E aí a última pergunta é para que o senhor descreva qual a importância da Bicharada do Mestre Jaime para cultura de Salgueiro e Pernambuco.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Resposta complicada essa daí. Bom, pela própria biografia do Mestre, porque se você analisar no Sertão que a gente vive, um bloco durar 80 anos, para você ter ideia, outro fato curioso. Para você ter uma ideia, desses 80 anos, nenhum ano o Bloco deixou de sair, inclusive na pandemia. A gente ficou planejando como fazer alguma coisa para registrar, porque a pandemia foi quando? 2020 para 2021?

Isabella Sampaio Silva: Foi 20 e 21 o auge.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pronto, foi nessa faixa aí. 21, foi! Aí a gente tentou “Vamos fazer o seguinte, vamos pegar escondido, montar o boneco do Mestre no carro e vamos colocar o som somente no carro. Não vamos convocar ninguém, não vamos chamar ninguém. Apenas ele vai sair com o boneco para lembrar o Mestre Jaime, porque aí as autoridades não vão ter como protestar, porque a gente não tá fazendo aglomeração”; o próprio boneco tava com uma máscara.

Isabella Sampaio Silva: Que legal!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu tenho uma fotografia, se depois você quiser, eu lhe mando, o boneco com a máscara, tudo com máscara. Então quando a gente saiu, para você ter a ideia da força do Mestre Jaime, a gente saiu ali do Osmundo Bezerra, quando chegamos na Bomba, que a gente foi dar o contorno lá no giradouro, a polícia chegou e prendeu a gente lá, porque a fila já tava uma coisa absurda de enorme atrás do carro da gente.

Isabella Sampaio Silva: Meu Deus! Para ver a força que tem!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A força que tem. Aí levaram a gente para a delegacia e ficou aquela curiosidade: Mestre Jaime nunca veio em uma delegacia, nunca foi preso, nunca foi intimado e depois que morreu tá aí o homem preso!

Isabella Sampaio Silva: Mal sabiam eles do exército!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Pois é! Exatamente! Aí pronto, quiseram apreender o boneco, tal, recolher e a gente “Não, a gente leva para casa. Deixa isso para lá”. Agora, o que choveu de advogado para defender a gente é brincadeira. Advogado, pessoas, médicos, Dra. Denise, Carlinhos, esse povo todinho ia lá brigar “Só saio daqui quando Mestre Jaime sair”; ficou todo mundo na frente da delegacia “Solta Mestre Jaime!”, “Solta Mestre Jaime!”, “Solta Mestre Jaime!”. Até que o delegado, a gente assinou um termo para ir para casa e tal, aí a gente foi para casa, mas rapaz, até na pandemia esse homem provocou confusão. Então é essa coisa, veja só, a gente viver num Sertão desse e ter uma atividade dessa a 80 anos; que já foi homenageado várias vezes pelo governo municipal; já foi homenageado e conhecido como carnavalesco em 2010, se não me engano, pelo governo estadual, ele foi o homenageado do ano; na morte dele, a CNN noticiou em caráter mundial. Então é um legado que é muita responsabilidade para gente, muita responsabilidade. Difícil é você manter esse legado ativo e manter essa coisa, porque chegar perto do que ele faria, do que ele fazia, no caso, a gente não vai chegar nunca. Ele, por si só, já era Carnaval, já era o elemento, ele era o somatório dos bichos dele, ele era tudo! Então a gente faz a coisa, mas nenhum dos filhos, nenhum dos componentes tem nada de comparativo com a imagem do Mestre Jaime. Nada. Absolutamente nada. Ali é uma coisa que a gente está fazendo mecanicamente, para poder manter a atividade em dia, manter a memória dele ativa. E a nossa meta agora é buscar apoio tanto do governo municipal, como do estado, como federal para

que a gente tenha uma solidez maior, porque enquanto a nossa geração que viveu com ele existir, tudo bem, a gente tá fazendo aquilo por amor, mas vai chegar um ponto em que vai ser neto, bisneto, tataraneto, tal, tal, tal; se não houver uma organização jurídica, vamos dizer assim, para que o dirigente não seja exatamente uma pessoa da família, seja qualquer pessoa que queira dirigir a associação com responsabilidade, então é difícil a gente dar continuidade por muito tempo. Não tá sendo fácil não.

Isabella Sampaio Silva: Enquanto sobreviver a memória dele nas pessoas que viveram com ele, sobrevive a Bicharada; e enquanto sobrevive a Bicharada, sobrevive o Carnaval.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Quando eu ouvi falar “Mestre Jaime era isso”, ouvi falar “Existia um cara chamado Mestre Jaime”, aí a coisa vai se distanciando, distanciando, distanciando até perder a imagem.

Isabella Sampaio Silva: Que é o que não pode acontecer.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Que é o que eu espero que não aconteça. É por isso que a gente tá lutando para fazer a coisa jurídica, totalmente jurídica, para não depender só da gente, depender de uma atividade... quem gostar de cultura! Pronto! Quem gostar de cultura e quiser dirigir, que quiser fazer aquilo, dar continuidade. Um dos projetos nossos, também agora, para trabalhar com esse memorial, a gente quer fazer, por exemplo, Petrolina trabalha muito as carrancas de Ana, a gente vai fazer carranca com os bichos de Mestre Jaime para o comércio, colocar nas portas como coloca em Petrolina e tal. Um Dr. quer colocar numa sala de espera aquela carranca em forma dos bichos de Mestre Jaime, a gente vai fazer; a gente vai fazer souvenirs em pequeno porte para o cara comprar e levar; aqueles suportes de parede. A gente vai começar a fazer agora uma escolinha de arte para confeccionar essa parte, aí é onde exatamente a gente quer ver se a prefeitura dá apoio para gente ter alunos que aprendam a confeccionar isso daí, réplicas dos bichos de Mestre Jaime, e se profissionalizem, ganhem dinheiro como profissionais em cima da cultura da Bicharada. É uma forma da gente ver se a gente...

Isabella Sampaio Silva: Dar continuidade, né?

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É tipo os caretas de Triunfo, os Papangus, os Caiporas de Pesqueira, tal e tal. Não vai morrer, porque continua impregnado nas pessoas; as

peessoas fazem voluntariamente e os artesãos das cidades ganham dinheiro com aquilo. Então por que não fazer isso aqui com Mestre Jaime e com a Bicharada?

Isabella Sampaio Silva: Exatamente.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A gente tá lutando para isso, vamos ver se a gente consegue. Vamos trabalhar o apoio das autoridades competentes.

Isabella Sampaio Silva: Pois era isso, Jaiminho. O senhor quer falar mais alguma coisa, fica livre, caso queira

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Olhe, se eu tivesse que lhe falar alguma coisa, seria um agradecimento que a gente recebe de Salgueiro toda. A gente, quando fala de Mestre Jaime, todo mundo elogia, tal e tal, a gente só não tem aquele apoio que a gente esperava ter, mas reconhecimento e agradecimento e tal, a gente tem sempre. Então a esse público de Salgueiro, do estado, do Brasil, de todo canto que tem que já ouviram falar em Mestre Jaime, a gente agradece muito e a gente vai tentar manter isso aí. Eu tenho um neto, é muito interessante, eu vou mandar uma foto para ti, ele tem, atualmente... Miguel tá como 5 anos, fez 5 agora em novembro. 5 anos. E ele pediu “Vovô, faça um bicho para eu andar”, uma miniatura proporcional a ele. Eu vou mandar para ti ele com o bicho e ele participou do “Pernambuco Meu País”.

Isabella Sampaio Silva: Eu vi que tinha um menor.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Aquele pequenininho era ele, foi todo o percurso. Do São João também.

Isabella Sampaio Silva: Desenrolado.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Desenrolado. Aí eu disse “Pronto! Pelo menos aqui nós temos uma raiz que possa querer dar continuidade a coisa”. Tudo na vida dele é o vovô Jaime dele. E a gente vai dando continuidade.

Isabella Sampaio Silva: E vai dar!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu acredito que vai. A gente pelo menos vai dar trabalho até morrer.

Isabella Sampaio Silva: Ele não se vai, só se forem levando ele!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Espero que ninguém venha buscá-lo!

Isabella Sampaio Silva: Pois é isso Jaiminho.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Tá bom. Eu espero que você tenha gostado.

Isabella Sampaio Silva: Eu amei! Mal posso esperar para rever tudo!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Tá bom. E se for num bate papo descontraído, aí sai coisa, uma conversa vai puxando a outra, vai lembrando, tal e tal. É claro que a gente não contou tudo aqui, 98 anos de coisa não dá para se contar.

Isabella Sampaio Silva: Aproveitando que tu falou, eu lembrei de uma coisa agora.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Diga.

Isabella Sampaio Silva: Eu percebo que ele tinha muito a preferência, eu não sei se era preferência ou era uma questão dos materiais que tinham disponíveis, mas eu vejo com muita recorrência cetim e flores nos bonecos.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): É. O cetim é por causa do brilho, ele queria que a coisa brilhasse, aparecer! O negócio dele era aparecer! Então o cetim, o failete, esses tecidos que tem brilho, era fundamental. E a flor era porque realmente ele era alucinado, é tanto que a flor da lapela, as coisas todinhas ele sempre trabalhava. Ele é um cara, outra curiosidade que eu me lembrei agora, quando ele veio do Recife, da dispensa do exército, ele lá no exército ficou trabalhando prestando serviço ao exército, mas no setor de confecção de fardas, na alfaiataria do exército. Ele confeccionou para ele uma roupa, escondido, diz ele que escondido dos oficiais, porque a missão dele era de roupa para o exército, não para ele; e ele veio do Recife para cá com essa roupa. Na época, tu sabe que transporte não existia, era estrada de chão, era um ônibus só a cada 8 dias, era aquela loucura e disse que dentro desse ônibus era com uma camisa cor abóbora. Agora tu imagina um homem com uma camisa cor abóbora em

45.

Isabella Sampaio Silva: Ele brilhou!

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Não, tô te dizendo que o cara era diferente! Uma camisa cor de abóbora! Em 1945! Dentro do ônibus! Disse que tinha gente que chegava e perguntava, tinha gente que se afastava dele, achava que era viado. Era uma loucura! Rapaz, foi a viagem mais louca! É uma coisa de louco. Se a gente for conversar de Mestre Jaime, é muita coisa. É muita coisa. Ele teve um ato que ele praticou que é claro que, hoje, a gente não concorda. Mas, na época, assim, todo pai podia bater no filho, aquela loucura toda, tal e tal, e disse que ele ia com um terno todo branco, todo bonitinho, arrumadinho, e umas crianças brincando. Quando ele passou pelas crianças, a criança pegou terra e jogou na roupa dele. Aí ele sacudi a roupa e tal, na paciência, que ele era paciente, sacudi a roupa, meteu a mão no bolso, pegou uma moeda e entregou a criança. Aí disse “Tome essa moeda aqui. Vem mais gente lá. Vá! Continue jogando terra, viu. Jogue terra em todo mundo e todo mundo vai lhe dar uma moeda”. Ele disse “Eu não dei na criança não, mas alguém lá atrás. Alguém que vem lá atrás pode vir de cabeça quente”.

Isabella Sampaio Silva: Ele era diferente.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Era demais. É uma coisa de louco, cara. Mas, tem que ser um podcast bem à vontade para falar dele, e com mais gente para ir atiçando, fazendo umas perguntas e tal, pessoas de época dele tem curiosidade dele.

Isabella Sampaio Silva: Inclusive, se o senhor recomenda alguém que ache que “Bella, acho que essa pessoa vai contribuir para tua pesquisa, para adicionar essa parte”.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Eu não sei te dizer como é que tá a memória dele, mas uma pessoa que foi, não foi adolescente, jovem com ele, vamos dizer assim, Abdoral. Abdoral Pereira.

Isabella Sampaio Silva: Sei quem é.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Abdoral vai ter muito o que falar do Mestre, vai ter muito. Muitos já faleceram, que aí eu teria que procurar alguém que foi do convívio dele para poder falar mais, mas, Abdoral... tem uma passagem dele com Abdoral que eu não vou nem te falar; se você tiver a oportunidade de falar com ele, você pergunta, mas se ele não falar, aí depois você me pergunta que eu lhe explico, tá bom?

Isabella Sampaio Silva: Tá certo.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): A passagem é sobre uma roupa chamada camisa listrada, uma música chamada camisa listrada, de um sambista carioca chamado Geraldo Pereira, que fez uma música “Vestia uma camisa listrada e saí por aí, em vez de tomar chá com torrada, ela bebeu para ti...”, existe uma passagem de Abdoral e ele. Não vou dizer a passagem, você pergunte a Abdoral que ele vai te dizer que passagem foi essa. Abdoral sabe muita coisa, muita, muita, muita, muita. Quando eu converso com ele, ele acha bom, dá risada, muita curiosidade. E se eu lembrar alguém depois, eu te mando. Pessoas que sejam, assim, influente. Eu acho que a própria Dona Clélia tem, não era carnavalesca, mas era uma pessoa influente. Dona Creuza! Dona Creuza sabe muita coisa.

Isabella Sampaio Silva: Eu vou falar com ela.

Jaime Alves Conserva Filho (Jaiminho): Dona Creuza sabe muita coisa. Dona Creuza, na época, muito envolvida com cultura mais direta e tals, Dona Creuza sabe muita coisa para falar de papai. Eu te digo, tá bom? Eu te digo. Qualquer coisa, eu te mando uns complementos, vou te mandar umas fotografias que sejam curiosas, vou mandar também ele declamando uma poesia para você ter uma ideia, e declamação recente, já próximo da morte dele.

Isabella Sampaio Silva: Agradeço muito. Vai ser ótimo.

APÊNDICE D - ROTEIRO CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO

O CARNAVAL DO INTERIOR

- 1 - Qual a relação do(a) entrevistado(a) com o Carnaval? (Pedir para falar a partir de qual ano se recorda de comemorar o Carnaval e o que faz com que continue comemorando)
- 2 - Como era o Carnaval de Salgueiro antigamente até chegar aos dias de hoje? (Pedir para traçar uma cronologia dos festejos)
- 3 - Como se vivia o Carnaval de Salgueiro? (O que as pessoas vestiam; quais músicas ouviam; como brincavam)

JAIME ALVES CONSERVA: DO ALFAIATE AO MESTRE CARNAVALESCO

- 4 - Quem era o Mestre Jaime antes da Bicharada? (Falar da vida dele como um todo, infância, adolescência, vida adulta)

A BICHARADA DO MESTRE JAIME

- 5 - Como você descreveria a trajetória da Bicharada? (Pedir para traçar uma linha cronológica das principais características do Bloco da Bicharada ao longo dos anos)
- 6 - Como se dava a participação do poder público municipal na promoção do Carnaval de rua?
- 7 - Ao longo dos anos, quais as dificuldades que o Mestre Jaime enfrentou para continuar mantendo o bloco?

LEGADO

- 8 - Como o(a) entrevistado(a) descreveria a importância da Bicharada do Mestre Jaime para a cultura de Salgueiro e de Pernambuco?

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Sra. Cleuza Pereira do Nascimento para participar do Trabalho de Conclusão de Curso "**Sobre(vive) o Carnaval: um projeto de coleção desenvolvido a partir dos aspectos visuais e históricos da Bicharada do Mestre Jaime**", sob a responsabilidade da pesquisadora Isabella Sampaio Silva, aluna do curso de graduação Bacharelado em Design, com habilitação em moda, pela Universidade Federal do Cariri. A aluna pretende traçar uma cronologia acerca do Carnaval da cidade de Salgueiro-PE, do bloco da Bicharada do Mestre Jaime, do seu fundador, Jaime Alves Concerva, bem como das técnicas e das simbologias presentes nos bonecos do bloco e de sua trajetória, de modo que, ao final do trabalho, todos os dados coletados sejam traduzidos em elementos têxteis que resultarão em uma coleção de moda autoral.

Se a Sra. aceitar participar, as respostas obtidas por este trabalho poderão contribuir para a memória da cultura, bem como para o avanço dos estudos do campo da moda. A Sra. não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração referente a este trabalho. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Os resultados da pesquisa serão analisados pelos docentes da banca examinadora e disponibilizados após a apresentação e aprovação da banca como Trabalho de Conclusão de Curso em que sua identidade será divulgada.

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma devolutiva *com a apresentação do trabalho final e através de um exemplar físico contendo os resultados do trabalho.*

Para qualquer outra informação, o Sr poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (87) 999660598 e pelo e-mail: isabella.sampaio@aluno.ufca.edu.br.

Isabella Sampaio Silva

Assinatura da pesquisadora responsável

Cleuza Pereira do Nascimento

Assinatura do participante da pesquisa

Salgueiro, 05 de novembro de 2025

APÊNDICE F - ENTREVISTA CLEUZA PEREIRA DO NASCIMENTO

Data da entrevista: 05 de novembro de 2025

Nome: Cleuza Pereira do Nascimento

Data de nascimento: 10 de julho de 1936

Cidade de origem: Salgueiro - PE

Profissão: Professora

Isabella Sampaio Silva: Bom, primeiramente, eu gostaria de agradecer a senhora por se dispor a participar da minha pesquisa e contribuir para ela. É muito importante para mim.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É um prazer para mim.

Isabella Sampaio Silva: Então eu vou começar na verdade com algumas perguntas só para gente, assim, na verdade não são nem perguntas, são mais questões de identificar a senhora, certo? Então eu vou pedir que primeiro a senhora fale o nome completo.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Cleuza Pereira do Nascimento, conhecida como Creuza.

Isabella Sampaio Silva: Data de nascimento?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): 10 de julho de 1936

Isabella Sampaio Silva: A senhora é daqui mesmo de Salgueiro?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Nascida aqui. E criada aqui. E trabalhada aqui.

Isabella Sampaio Silva: E vivida aqui!

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Vivida aqui.

Isabella Sampaio Silva: E a profissão da senhora?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Professora.

Isabella Sampaio Silva: A senhora é formada em Pedagogia, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu não quero contar minha história de formação não, porque é muito longa.

Isabella Sampaio Silva: É... como é? Papo para outro dia, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É.

Isabella Sampaio Silva: Tá certo. Certo, então a gente vai começar com três perguntinhas básicas que são para falar mais da experiência da senhora com o Carnaval como um todo, certo? Então a primeira pergunta é: qual a relação que a senhora tem com o Carnaval? E aí nessa pergunta peço que a senhora contemple, por exemplo, a partir de qual ano se lembra de começar comemorar; as primeiras memórias do Carnaval.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu tenho um fato muito interessante para contar da minha infância. Eu devia ter 5 ou 6 anos quando minha mãe fez uma fantasia de borboleta muito bonita e eu brinquei açodadamente o Carnaval. Acho que tive insolação ou seja lá o que for dessa natureza, adoeci e minha mãe fez uma promessa que se eu ficasse boa, eu nunca mais brincava Carnaval. Aí eu passei todo o tempo me abstendo de Carnaval, eu ficava só olhando os outros passarem. Eu tinha uma irmã louca por Carnaval, que era Cleonice, Chico, meu irmão, também era louco por Carnaval, mas eu fiquei de lado. Aí chegou a idade em que Nicinha, Cleonice, se entregava mesmo, ela era dessas que quando chegava a Quarta Feira de Cinzas, ela chorava; então eu mais velha, meu pai só deixava ela participar das coisas se eu fosse com ela, aí eu ia com ela olhar. E depois quando eu fui prefeita, eu voltei a me integrar ao Carnaval porque eu tinha de estar com o povo, então eu ia participar das troças; eu não dançava, não fazia passo e não sabia, porque tive esse trauma no começo. Mas, como prefeita, eu participei de bailes, nós tivemos aqui uns bailes formais da alta.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Quando chegava fevereiro, já começava o baile... tinha nome os bailes...

Isabella Sampaio Silva: Eram aqueles na ACS?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uhum. Eram os bailes da sociedade, da ACS, e eram animados por orquestras de fora ou daqui, que já houve uma boa orquestra, inclusive carnavalesca. Tinha-se, portanto, um período pré-carnavalesco muito animado. Mas eu quero falar que o operariado, que aqui já foi uma cidade fabril, nós já tivemos algumas fábricas aqui, e aí os operários tinham cordões que desfilavam nas ruas, no Carnaval. Às vezes, os homens

não, que eles desfilavam com uniforme igual, uniforme o nome tá dizendo: eles idealizavam a roupa e todos vestiam aquela roupa igual e saíam dançando na cidade. Mas as mulheres? As mulheres se mostravam, faziam fantasias bonitas, cetim era o máximo! Elas vestiam roupas de cetim dançando. Não havia essa história de nudez, não havia; eram sempre roupas muito bonitas. Isso era na década de 40.

Isabella Sampaio Silva: Que é mais ou menos quando começa a Bicharada também, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Mais ou menos.

Isabella Sampaio Silva: Tempo da Segunda Guerra, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Exato. Então tinha esse grupo dos operários e que tinha o seu baile noturno também como a elite tinha no clube. Então o clube onde eles dançavam era onde hoje é a livraria de Mozart.

Isabella Sampaio Silva: Sim sim, sei.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Ali era a sede construída para ser mesmo a sede de uma agremiação, era União Popular Beneficente do Salgueiro.

Isabella Sampaio Silva: Então aqui teve agremiação carnavalesca.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não era especificamente agremiação carnavalesca, era uma agremiação social que tinha no seu calendário o Carnaval. Tá explicado?

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Então essa é a lembrança mais antiga que eu tenho do Carnaval. Na rua, nesse tempo, o que era que tinha? Saíam pessoas brincando de mela-mela com água ou com outros elementos.

Isabella Sampaio Silva: Usava... eu já vi algumas pessoas dizerem...

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Lança perfume?

Isabella Sampaio Silva: Também já vi, mas diziam que o mela-mela, nas minhas pesquisas, usavam limas de cheiro, acho que é assim que fala o nome. Hoje em dia o pessoal faz com farinha, né, o mela-mela; com farinha e água e saí jogando no pessoal.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu não lembro do limão não, mas era água ou, o que eu achava horrível, era lama mesmo. Então durante o dia era essa brincadeira, às vezes com visita nas casas, marcadas, “Vamos almoçar hoje na casa de fulano...”, e ali rolava a folia. Depois disso, acho que na década... fim da década de 50 e início de 60, a juventude criou alguns blocos, e um que foi muito famoso e o qual eu me integrei por causa da minha irmã foliã foi o Lata Velha, em que os meninos arrumavam um Jeep, um carro caindo aos pedaços, e colocavam um bocado de lata, fazendo zuada na rua, eles brincavam o dia todo com aquele carro; à noite, eles iam lá para o clube, todos cheirosos, todos bonitos com fantasias interessantes e iguais. Além do Lata Velha... quer que diga o nome dos foliões?

Isabella Sampaio Silva: Pode citar, tem problema não.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): A turma dessa época era exatamente Flório Soares, já falecido, Assis... as mulheres eu me lembro mais que os homens, por causa de Nicinha; era Maria das Graças, que a gente chamava de Meu Santo, Nicinha, Lenilce... lembro muito não, mas sei que tem essa turma, pares. Eles brincavam durante o dia, sobretudo com esse costume de “Hoje eu vou na casa de fulano!”, mas, desse movimento, muitas vezes as mulheres não participavam, ficavam mais descansando, mas algumas iam também com os meninos. Agora, os meninos brincavam até não poder mais! Chico, por exemplo, meu irmão, eu me lembro que ele chegava em casa para jantar na hora “h”, deitava um pouquinho e combinava que a turma ia pegar; tinha dia que ele chegava tão cansado que a gente combinava de dar uma enrolada nele. Aí me lembro muito de um dia que quando os meninos chegaram buzinando, ele levantou lá do quarto e depressa colocou a roupa. “Ô meu filho, você tá morto de cansado”, e ele “Não, não, não!”.

Isabella Sampaio Silva: O que importava era tá no Carnaval.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era. Isso era o Lata Velha. Depois do Lata Velha, teve outros grupos, se formaram grupos de pessoas, de adultos também. O grupo de pessoa adulta que competia com o Lata Velha foi o Catabir. E aí o Carnaval foi tomando uma característica política.

Isabella Sampaio Silva: A partir de qual década mais ou menos?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Isso acho que de 60.

Isabella Sampaio Silva: A senhora disse que o Carnaval adquiriu um caráter político. Por quê?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Porquê? Eu não sei. Sei que o pessoal da situação se concentrou mais na ACS e foi criado o Núcleo Social de Salgueiro, que depois trocou para Centro Social, que era a oposição. Então tinha festa em um clube e tinha festa no outro.

Isabella Sampaio Silva: E a rua? Ficava alguém na rua?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Na rua, sim. Na rua era sempre isso: os jovens e esse grupo (Catabir). Eles fizeram história!

Isabella Sampaio Silva: E aí esses Carnavais de clube, quem podia entrar? Era gratuito, era pago, como que funcionava ele?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era dos associados ou convidados.

Isabella Sampaio Silva: Certo.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Vinha gente da região, por exemplo, o pessoal de Barbalha, pessoal aqui da redondeza, todos vinham brincar aqui em Salgueiro. Era pago, os sócios tinham a mensalidade e na época do Carnaval, que tinham festas extraordinárias, aumentava um pouquinho.

Isabella Sampaio Silva: Então tinha um valor a se pagar para estar ali?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É.

Isabella Sampaio Silva: Certo.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Mulher não pagava, não.

Isabella Sampaio Silva: Ah, então as mulheres tinham a isenção?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era.

Isabella Sampaio Silva: E a senhora chegou a ir então?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Fui.

Isabella Sampaio Silva: As pessoas iam fantasiadas?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não, eu não ia fantasiada, eu era acompanhante de Nicinha. Agora Nicinha, sempre fez bonitas fantasias! E foi rainha do Carnaval! Ela foi rainha do Carnaval disputando com Graça Veras e isso era mediante votos, acho que expressos em dinheiro, que era para ajudar na construção do outro clube. A gente ia em um e no outro.

Isabella Sampaio Silva: Iam nos dois? Nos dois clubes?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uhum. Aí quando Nicinha foi rainha do clube do outro lado, aí a coisa pegou, aí a gente ficou o Carnaval todinho lá nesse ano; parece que fizemos uma visita na ACS. Mas a vida de clube foi se acabando aqui e então ficou mais Carnaval de rua começando na semana pré carnavalesca com uma iniciativa de Doutor...

Isabella Sampaio Silva: É o Bloco da Tabacaria?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Sim.

Isabella Sampaio Silva: Eu não me recordo o nome dele, mas hoje em dia, inclusive, o dele sai no domingo junto com o da OAB.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Doutor Ratson.

Isabella Sampaio Silva: Hoje em dia, não sei se é sempre, mas da última vez que eu fui, tinha, que no sábado sai também o Bloco da Praça; é um outro bloco.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É o pessoal que fazia animação ali no Cristo Rei.

Isabella Sampaio Silva: Aí a Bicharada, inclusive, ela sai com a Tabacaria, hoje em dia.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não vi mais Carnaval de jeito nenhum.

Isabella Sampaio Silva: Vou levar a senhora ano que vem! A gente vai botar a senhora no carro e a gente vai!

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Então tem alguns blocos de jovens com carros.

Isabella Sampaio Silva: A senhora disse que foi se perdendo o bloco de... ô! Não, o Carnaval de clubes e aí passou a ser na rua. Quando ele passa a ser na rua, é com a chegada do trio elétrico ou não, o trio vem depois que já se estabeleceu mais esse Carnaval de rua?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): O trio elétrico, quando eu fui prefeita pela primeira vez...

Isabella Sampaio Silva: Qual foi o ano que a senhora foi prefeita pela primeira vez?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): 1993, por aí, já tinha o trio elétrico. Não era um trio grande, famoso como tem hoje, mas já tinha o trio elétrico. E eu fazia, com minha preocupação pela criança, eu fazia o Carnaval das crianças ali no beco que fica ao lado da Casa da Cultura. Aí eu brincava! Ali eu brincava com as crianças! E aí passou a ter a história de trio elétrico e aí atrás do trio, geralmente, só não vai quem já morreu, né?

Isabella Sampaio Silva: Realmente! E aí uma coisa que a senhora falou, que a senhora disse que tinham as troças, usou essa expressão. O que caracterizavam essas troças?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era aquela turma que brincava junta, brincava de dia e de noite ia para um lugar que a prefeitura preparava, sempre trazia boas orquestras. Imagine, Jair Rodrigues já cantou aqui no Carnaval. Nomes assim.

Isabella Sampaio Silva: Orquestras de frevo também?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Orquestras de frevo também! E eu tenho uma coisa que, assim, não foi no tempo que eu era prefeita não, isso é anterior; foi no tempo do coral.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu aproveitava para gente viajar no Carnaval. A gente passava o Carnaval rodando, passamos Carnaval em Salvador, no Maranhão.

Isabella Sampaio Silva: Ah, fez bem!

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): E ia a turma do coral todinha, às vezes, no ônibus sobravam algumas vagas, então a gente convidava alguns amigos e a gente levava pandeiro e alguns instrumentos de fazer zuada. A gente saía daqui na sexta feira e passava o Carnaval fora. Assim, conhecemos o Carnaval do Pará, Salvador, Aracajú, Olinda pegamos uma ressaca...onde mais? São Luis!

Isabella Sampaio Silva: Do Maranhão?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Do Maranhão. Eu sei que a gente rodou esse Nordeste. Brasília!

Isabella Sampaio Silva: Eita!

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): A gente rodou esse Nordeste e, inclusive, subimos um pouco para o Norte, né? Era bom! A gente passava o ano todinho cantando nas festas daqui, no casamento do povo e juntando o dinheirinho que davam a gente para no fim do ano a gente ver onde que dava para gente ir. Às vezes, só dava o dinheiro para pagar o ônibus, outras vezes, a gente tinha de completar, mas a gente ia. Era muito bom! Aqui tem uns cinco álbuns com essas viagens. Bertina mandou. Maria era quem fazia esses arranjos, guardava tudo isso. E ela pegou e mandou eu ficar com tudo isso.

Isabella Sampaio Silva: Depois eu vou querer dar uma olhada.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Sim. E houve um ano que deu mania de imitar cidade grande, então como não tinha mais clube, o Carnaval sempre centralizou-se ali na Bomba, à noite.

Isabella Sampaio Silva: Sim.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): E inventaram de fazer... como é o nome?

Isabella Sampaio Silva: Palco?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Palco, sim, e mais... diz aí.

Isabella Sampaio Silva: Assim, o que eu vejo hoje é que tem os blocos, tipo, tem aqueles dois blocos, um fica na Bomba, ficavam os dois na Bomba na verdade; aí tinha o trio, que saía da Bomba também.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não, eu quero dizer que inventaram de fazer arquibancadas. Fizeram uns... como é que a gente chama?

Isabella Sampaio Silva: Tipo do sambódromo da Sapucaí?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Sim! Tipo a Sapucaí! E vendiam esses espaços; e quem não, ficava dançando no chão, né? Mas, essa experiência só deu um ano, porque parece que não cobriu a despesa.

Isabella Sampaio Silva: Foi quando isso? A década, mais ou menos.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu acho que foi 60.

Isabella Sampaio Silva: Que é a mesma década que começa os bailes, né isso?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Os bailes?

Isabella Sampaio Silva: Os bailes que aconteciam nos clubes.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não, isso foi depois, então já foi 70. Então ali tinham pessoas que ficavam lá nas arquibancadas.

Isabella Sampaio Silva: E tinha a galera do chão.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): E a galera no chão. Foi bonito. Depois continuou sem isso, a gente achou que tava criando uma elite com baile povo.

Isabella Sampaio Silva: Achou que tava hierarquizando? É nesse sentido, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uhum. Aí passamos a ter o palanque, mais mesas, e quem chegasse e pagava sua bebida...

Isabella Sampaio Silva: Quis adotar um Carnaval que fosse sem hierarquia, sem elite, quem quisesse, pegasse e ia ficando.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Pois é, ia ficando.

Isabella Sampaio Silva: Entendi, para ser para todo mundo.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Para todo mundo. Aí acho que já vai entrar o...

Isabella Sampaio Silva: Já quer começar com a Bicharada?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): A Bicharada é a coisa mais típica que a gente tem. Mestre Jaime não perdoava, ele passava... e eu quis que isso se perpetuasse, dei até para ele dar umas aulas de como era que fazia os bonecos, mas não ajudaram Mestre Jaime nisso não; ele quem continuou fazendo.

Isabella Sampaio Silva: Pois já que a gente vai começar com o Mestre Jaime, queria que a senhora, na sua perspectiva, do que a senhora souber, quem que era o Mestre Jaime antes da Bicharada?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Mestre Jaime era um alfaiate, ele foi primeiro daqueles que foram convocados para servir no exército, ele serviu parece que em Caruaru.

Isabella Sampaio Silva: Jaiminho me disse que ele chegou a ir à Olinda, mas aí quando ia ser convocado, cabou-se a guerra.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Foi. Então quando ele voltou, voltou assim, carnavalesco. Primeiro, era ele e uns dois amigos, mas isso foi crescendo e a Bicharada é, inegavelmente, a marca maior do Carnaval de Salgueiro; inclusive, foi homenageada no Carnaval de Pernambuco, do tempo de Eduardo.

Isabella Sampaio Silva: No Galo da Madrugada, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): No Galo da Madrugada e lá em Olinda também.

Isabella Sampaio Silva: Ah, então foi mais de uma homenagem?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Foi.

Isabella Sampaio Silva: Interessante. E aí como a senhora descreveria a trajetória da Bicharada? Assim, traçar uma cronologia mesmo do que a senhora se recorda.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Como eu tava te dizendo, ele começou com alguns amiguinhos e aí foi crescendo e ele trabalhava em função dessa Bicharada, desses bonecos. Eu acho que Jaiminho tem esses bonecos guardados.

Isabella Sampaio Silva: Tem, eu conversei com ele.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): E no dia do sepultamento dele, ele foi com o carro de som tocando marchas.

Isabella Sampaio Silva: Se despediu em grande estilo.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Foi. Foi...

Isabella Sampaio Silva: Na Covid.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Na Covid.

Isabella Sampaio Silva: Assim, o que me disseram é que quando ele falecesse, ele queria mais coisas.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Ele deixou tudo que ele queria que Marcones fizesse.

Isabella Sampaio Silva: Só que a Covid, o isolamento, eles saíram só com boneco, tocando marchinha de Carnaval. E me disseram, inclusive, que foi parar na polícia.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): A polícia parou?

Isabella Sampaio Silva: Foi!

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não sabia não.

Isabella Sampaio Silva: Pois foi.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu sei que eu fui olhar de longe.

Isabella Sampaio Silva: A senhora olhou?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Olhei.

Isabella Sampaio Silva: Coisa boa. Eu não cheguei a ver.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Ele ficou como um símbolo. Não sei se tiraram agora nessa gestão, mas no gabinete de Marcones tinha o retrato dele.

Isabella Sampaio Silva: Eu lembro. Era bem no fundo a foto dele, acho que com um chapéu vermelho, ou era um branco.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era.

Isabella Sampaio Silva: E aí a senhora, né, contextualizando aqui, mas a senhora foi prefeita da cidade de Salgueiro a partir de 1993, não foi?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É, 1992.

Isabella Sampaio Silva: E deixou de ser prefeita em que ano, mais ou menos?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Essa primeira vez foi 92, 93, 94 e 95.

Isabella Sampaio Silva: Foi a primeira gestão da senhora? E aí teve acho que... foi mais duas?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uhum. Duas, seguidas. Eu não gosto da administração repetida, não gostei da experiência. Por quê? Quando a gente foi eleita e foi aprovada para um segundo governo, a gente foi aprovada não foi sozinha, foi com aquela equipe, então espera-se que essa equipe seja reconduzida, a não ser que tenha alguma coisa escondida que a gente vá aproveitar em algum momento para corrigir. Mas, acontece que é isso, quem tá fora, quer entrar, e acha que os outros correligionários já tiveram sua vez e agora é a vez deles. Ora, então é começar de novo. Quer dizer, eu trabalhei, fiz a cabeça de uma equipe, mas agora eu tenho de começar de novo. Então eu não gosto dessa repetição.

Isabella Sampaio Silva: Era melhor quando tinha um intervalo no meio?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É, é melhor um mandato maior. Por exemplo, eram quatro anos, eu acho que era melhor cinco, ou até seis era tolerável, mas, repetir a gestão? Não gostei não.

Isabella Sampaio Silva: E aí a senhora atuando nesse poder público municipal e, inclusive, em épocas diferentes, atuou na década de 90, mas também atuou nos anos 2000. Como se deu essa participação do poder público municipal, inclusive, entre décadas diferentes em que o Carnaval tinha perspectivas diferentes, né, então como se deu a atuação do poder público municipal no funcionamento da Bicharada aqui na cidade? A senhora disse que pediu para ele fazer tipo oficinas para as pessoas fazerem os bonecos, mas isso acontecia através da prefeitura, ou isso foi uma iniciativa da senhora, como funcionava isso?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Foi iniciativa minha para ele ensinar como artesanato, mas daí não foi para frente a feitura de bonecos.

Isabella Sampaio Silva: E havia algum tipo de projeto público da prefeitura ou não?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não. A decoração da cidade sempre a gente encomendava, fazia licitação e aí a cidade sempre ficava decorada no Carnaval.

Isabella Sampaio Silva: Mas assim, por exemplo, porque para colocar a Bicharada na rua tem um custo de matéria prima, de fazer os bonecos em si e aí havia algum tipo de apoio ou parceria?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Sim. A gente sempre apoiou Mestre Jaime com alguma coisa, mas não houve, assim, um contrato maior. Quando chegava o pré-Carnaval, ele aparecia com o projeto dele, a gente apoiava de acordo com as reservas orçamentárias que tivessem.

Isabella Sampaio Silva: E aí, por exemplo, do que me foi contado por Jaiminho, o bloco saía, tinha até a presença do Calça Frouxa...

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Era o Calça Frouxa!

Isabella Sampaio Silva: Era esse que a senhora tava tentando lembrar?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Não era esse, mas havia esse, que o...

Isabella Sampaio Silva: O Zuka?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): O bloco de Jaime saía com o Calça Frouxa, porque ele era alfaiate e o dono do Calça Frouxa era alfaiate, tinha uma oficina concorrida.

Isabella Sampaio Silva: Tinha também o apoio do irmão dele, o Zuka, que fazia as máscaras e essas coisas.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu não sabia que Zuka era quem fazia as máscaras não.

Isabella Sampaio Silva: É porque, na verdade, eram os dois, eram as duas coisas. Mestre Jaime atuava como alfaiate, na parte das roupas, da confecção, da criatividade; e o Zuka, que era irmão dele, fazia a parte da máscara, da cabeça, trabalho de artista plástico, era mais ou menos nesse sentido.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Que seja, eu não sabia. Eu pensei que ele fazia tudo.

Isabella Sampaio Silva: E também pensei no início, eu também achava, mas aí depois eu fui ver o documentário, tem um documentário, a senhora conhece? Foi feito por Jaiminho e

Mano, acho que ano passado. Se a senhora quiser, depois eu passo o link. É bem interessante. E aí depois que eu entrevistei Jaiminho, aí ele também foi me contar como que, para ele era tio Zuka, ele também atuava junto com o Calça Frouxa.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): A gente estimulou que ele construísse uma entidade.

Isabella Sampaio Silva: É tipo uma instituição?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Sim. Eu não sei se essa entidade ainda existe, porque a gente passou a dar ajuda somente a quem estivesse legalmente instituído.

Isabella Sampaio Silva: Entendi. No caso, tinha que ser uma instituição para você receber esse apoio?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uhum. Aí ele tem um local onde ele guarda esse material, que é a sede da instituição.

Isabella Sampaio Silva: Quais que a senhora acha que foram as dificuldades que o Mestre Jaime enfrentou, ao longo dos anos, para manter o bloco, para colocar ele para sair durante 80 anos, que ano que vem ele faz 80 anos da Bicharada. Assim, quais que a senhora acha que foram as dificuldades, na sua perspectiva?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Acho que a falta mesmo de um organismo no qual ele pudesse se apoiar.

Isabella Sampaio Silva: Uma instituição. A senhora sente que tinha adesão popular?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Na hora, a coisa feita, tem!

Isabella Sampaio Silva: Mas antes?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Mas antes, de saber durante o ano o que é que tá acontecendo, como é que vai ser, não vejo isso.

Isabella Sampaio Silva: Certo. E aí para fechar a nossa entrevista, como é que a senhora descreveria a importância da Bicharada do Mestre Jaime para cultura de Salgueiro e de Pernambuco como um todo?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uma brincadeira saudável; um modelo de resistência, porque, na verdade, já vai fazer 80 anos e ele está aí através de Jaiminho, eu espero que Jaiminho dê uma estrutura mais sólida para essa memória; e estímulo para que outros gestos, outros grupos que se tenha não passem por essa história de passar penúria, pode se dizer.

Isabella Sampaio Silva: É isso. A senhora quer acrescentar alguma coisa, alguma recordação, memória ou palavras?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu era amiga pessoal de Mestre Jaime, ele tinha o costume de combinar coisas comigo, independente da prefeita, entende?

Isabella Sampaio Silva: E como a senhora descreveria ele para as pessoas?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Mestre Jaime? Uma pessoa alegre, capaz de levar adiante “Eu vou! Eu vou!”.

Isabella Sampaio Silva: Não desistia, né?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): É!

Isabella Sampaio Silva: “Eu não vou, vão me levando...”, tal qual a marchinha.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Eu acho que nem era porque vão me levando, “eu vou, porque vou!”.

Isabella Sampaio Silva: Pois eu agradeço a senhora, caso se recorde de alguma coisa...

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Se eu recordar, eu vou lhe dizer.

Isabella Sampaio Silva: Pronto! Aí para fechar mesmo, a senhora acha que tem alguém que eu deva entrevistar para complementar essa história do Carnaval de Salgueiro, sobre o Mestre Jaime, sobre a Bicharada? A senhora tem alguma indicação?

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Se Abdoral estiver em condição, dizem que ele está surdo.

Isabella Sampaio Silva: Jaiminho também sugeriu ele.

Cleuza Pereira do Nascimento (Creuza): Uma vez saiu um carro alegórico desse bloco (Catabir). Eles fizeram um carro alegórico que saiu Maria Anália como odalisca e ele como um sultão e o bloco todo atrás.

Isabella Sampaio Silva: Pois é isso, eu agradeço a participação da senhora.

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica



Documento assinado digitalmente

ANA NEUZA BOTELHO VIDELA

Data: 04/04/2026 19:46:13-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>